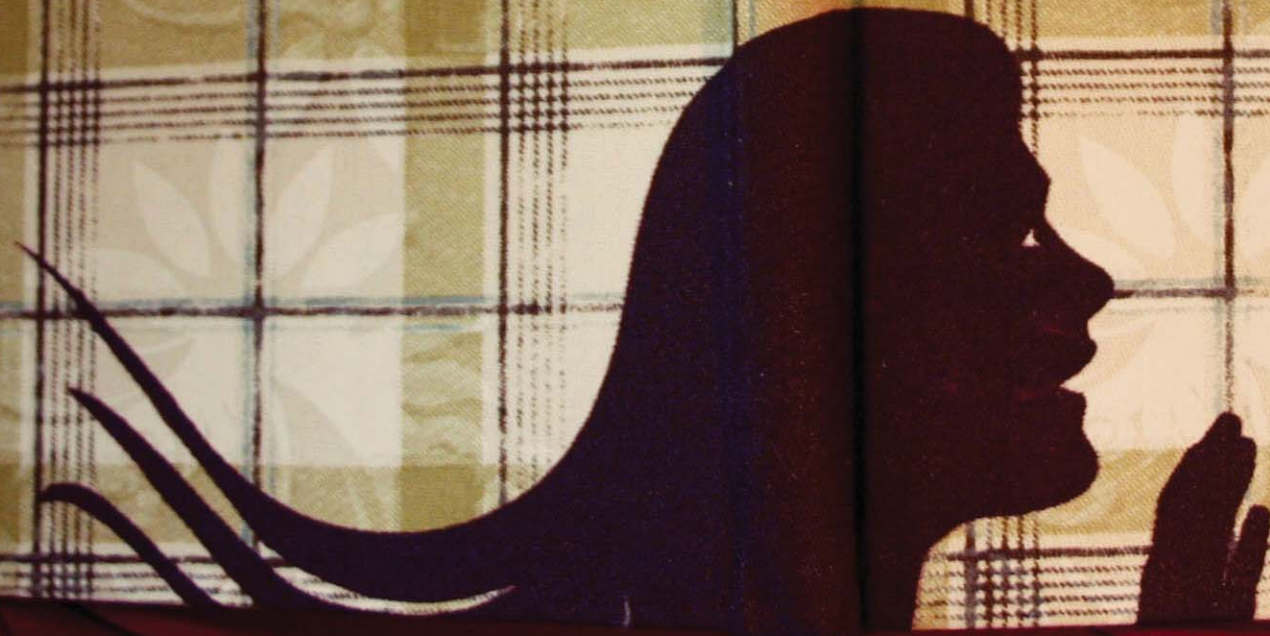


**O Livro**  
**COMO**  
**OBJETO de**  
*desejo*



**CC** Thais Cristina  
**CC** Martino Sohn  
**CC** Pelotas, 2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN  
CURSO DE BACHAREL EM DESIGN GRÁFICO

*Trabalho de Conclusão de Curso*

*Thaís Cristina Martino Sehn*

*Pelotas, 2009.*

**O Livro**  
como  
OBJETO de  
*desejo*



*Thaís Cristina Martino Sehn*

## *O Livro como OBJETO de **desejo***

*Trabalho acadêmico apresentado  
ao Instituto de Artes e Design da  
Universidade Federal de Pelotas,  
como requisito parcial à obtenção  
do título de Bacharel em Design  
Gráfico*

*Orientador: Daniel Acosta*

*Pelotas, 2009.*

*Banca examinadora:*  
*Maria de Lourdes Valente Reyes*  
*Mônica Lima de Faria*

*Agradeço a todos os amigos que dispuseram de seu tempo trocando ideias sobre esta pesquisa ou me distraíndo quando precisava relaxar. Agradeço, principalmente àqueles que me socorreram, mesmo sem obrigação, sempre que foram solicitados: à Mônica Faria, à Maria de Lourdes Reyes, à Nativu design, ao Rômulo Nascimento e ao Guilherme Rosa.*

*Meu “muito obrigada” vai também àqueles que ajudaram a enriquecer este trabalho: aos designers Odyr Bernardi, Mariana Newlands e a Gráfica da UFPel.*

*Igualmente quero agradecer ao meu orientador, Daniel Acosta, que me encontrou por acaso (desesperada sem orientador) e me “salvou” naquela manhã de sexta-feira. Em nossas conversas ele sempre injetava uma dose de empolgação e incentivo, acreditando no meu potencial e me impulsionando a fazer um trabalho melhor.*

*Não poderia faltar aqui um agradecimento especial ao meu pai, que entendeu quando não pude acompanhá-lo e me aguentou falando sobre todos os livros que eu lia para a monografia. 2009 foi um ano de jantares e churrascos com tempero “Cult” e recheados de conselhos sobre a vida e, também, sobre não enlouquecer durante a monografia.*

*E, como gosto de deixar o melhor para o final, termino meus agradecimentos, dizendo “meu muito obrigada” para minha mãe, que além de fazer todas as coisas que as mães normais fazem – te amar, te mimar e te fazer feliz – pode-se dizer que foi minha segunda orientadora, perdendo horas e mais horas de sono, lendo e relendo o que eu escrevia, questionando, arrumando e aconselhando para o trabalho ficar cada vez mais perfeito. Não sei se a monografia atingiu a perfeição, mas minha mãe sim. Não só neste trabalho, mas em toda minha vida.*

*“Depende”*

*Richard Hendel*

## **RESUMO**

*Este trabalho visa analisar a relação das pessoas com o livro, o que as leva a escolhê-los e, uma vez efetuada a seleção, como estas se comportam em relação aos mesmos, como acontece essa interação leitor/obra, como dialogam e se relacionam entre si. Estuda, também, a visão do designer na confecção da obra literária, pois é este quem dá forma ao objeto que chegará às prateleiras das livrarias, elaborando as capas dos livros e seus miolos. Além disso, faz-se um percurso histórico do livro, analisando-se a sua posição dentro do contexto de cada época, desde sua invenção até chegar ao cenário contemporâneo.*

Palavras-Chaves: design; editorial; livro; história; leitor.

---

## **RESUMEN**

*Este trabajo visa hacer un análisis de la relación que las personas mantienen con el libro, lo que las lleva a elegirlos y, una vez efectuada la selección, cómo éstas se comportan en relación a los mismos, cómo ocurre esa interacción lector/obra, cómo hablan entre si y se relacionan. Estudia, también, la visión del diseñador gráfico en la confección de la obra literaria, pues es éste quien da forma al objeto que llegará a las librerías, elaborando las capas de los libros y su parte interior. Además de eso, se hace una caminata histórica acerca del libro, analizándose su posición dentro del contexto de cada época, desde su invención hasta llegar al escenario contemporáneo.*

Palabras-Llaves: diseñador; editorial; libro; historia; lector.

# LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tábua de argila com escrita cuneiforme. *p. 27*  
Figura 2 - Iluminura gótica com a letra D. *p. 33*  
Figura 3 - Igreja Cologne, Alemanha, 1248. *p. 33*  
Figura 4 - Detalhe da capa de um Livro da Horas. *p. 35*  
Figura 5 - Logotipo da editora de Aldus Manutis, 1450-1515. *p. 40*  
Figura 6 - Livros da Penguin, 1930. *p. 46*  
Figura 7 - Capa projetada por Eugênio Hirsch *p. 46*  
Figura 8- Capa projetada por Bea Feitler *p. 46*  
Figura 9 - Capa projetada por Gian Calvi *p. 47*  
Figura 10 - Capas projetada por Clóvis Graciano. *p. 47*  
Figura 11 - Capas projetada por Jayme Cortez *p. 47*  
Figura 12 - Capa projetada por Vicente Di grado *p. 47*  
Figura 13 - Projeto Gráfico de Moysés Baumstein *p. 47*  
Figura 14 - Capas projetada por Moema Cavalcanti *p. 50*  
Figura 15 - Livro sobre Helio de Almeida *p. 50*  
Figura 16 - Capas projetada por Ettore Bottini *p. 50*  
Figura 17 - Capas projetada por João Baptista Aguiar *p. 50*  
Figura 18 - Capas projetada por Victor Burton *p. 50*  
Figura 19 - Elementos físicos do livro *p. 55*  
Figura 20 - Elementos físicos do livro *p. 56*  
Figura 21 - Elementos físicos do livro *p. 57*  
Figura 22 - Elementos físicos do livro *p. 58*  
Figura 23 - Tipos de encadernação *p. 59*  
Figura 24 - Capa projetada por Chip Kidd *p. 62*  
Figura 25 - Capa projetada por João Baptista Aguiar *p. 62*  
Figura 26 - Elementos textuais do livro *p. 66*

Figura 27 - Elementos textuais do livro *p. 67*  
Figura 28 - Livros antigos e caveira *p. 83*  
Figura 29 - Projeto gráfico de livro feito por Odyr Bernardi *p. 88*  
Figura 30 - Capa de livro feito por Odyr Bernardi *p. 88*  
Figura 31 - Projeto gráfico de livro feito por Odyr Bernardi *p. 88*  
Figura 32 - Capa projetada por Mariana Newlands *p. 91*  
Figura 33 - Capa projetada por Mariana Newlands *p. 91*  
Figura 34 - Capa projetada por Mariana Newlands *p. 91*  
Figura 35 - Capa projetada por Mariana Newlands *p. 91*  
Figura 36 - Menina escolhendo um livro *p. 98*  
Figura 37 - Como nós lemos *p. 99*  
Figura 38 - Pessoa abraçada em livros *p. 104*  
Figura 39 - Pessoas escolhendo um livro *p. 116*  
Figura 40 - Ilustração sobre a entrevista com leitores *p. 119*  
Figura 41 - Capa 1 *p. 131*  
Figura 42 - Capa 2 *p. 133*  
Figura 43 - Capa 3 *p. 135*  
Figura 44 - Capa 4 *p. 138*  
Figura 45 - Capa 5 *p. 140*  
Figura 46 - Capa 6 *p. 143*  
Figura 47 - As 6 capas *p. 144*  
Figura 48 - Fotografias para o trabalho prático *p. 149*  
Figura 49 - Proposta 1 para o trabalho prático *p. 150*  
Figura 50 - Proposta 2 para o trabalho prático *p. 151*  
Figura 51 - Pessoa lendo o livro pronto *p. 153*  
Figura 52 - Livro de André Breton *p. 177*



# SUMÁRIO

Introdução *p. 19*

1 O Livro e sua Metamorfose *p. 25*

1.1 O começo de tudo *p. 26*

1.2 Os tipos móveis *p. 35*

1.3 O sobe e desce da intelectualização dos livros *p. 37*

1.4 O Brasil como produtor de livros *p. 40*

1.5 A capa vistosa *p. 44*

2 O Livro como Projeto *p. 53*

2.1 O livro *p. 54*

2.2 A capa *p. 55*

2.3 O miolo *p. 64*

2.4 Separando as peças do quebra-cabeça *p. 70*

2.5 A relação da capa com o miolo *p. 79*

2.6 A eternidade do livro *p. 83*

2.7 Designers capistas *p. 89*

3 O Livro como Objeto *p. 95*

3.1 Plantando a sementinha *p. 97*

3.2 O porquê da leitura *p. 99*

3.3 O leitor possessivo *p. 103*

3.4 Comportamentos que o livro impõe *p. 108*

3.5 A maneira de perceber as coisas *p. 110*

3.6 O que as pessoas pensam na hora de escolher um livro *p. 116*

4 Seis Visões da mesma história *p. 123*

4.1 Capa 1 *p. 129*

4.2 Capa 2 *p. 132*

4.3 Capa 3 *p. 134*

4.4 Capa 4 *p. 137*

4.5 Capa 5 *p. 139*

4.6 Capa 6 *p. 141*

4.7 As 6 capas *p. 144*

5 Trabalho Prático *p. 147*

Conclusão *p. 155*

Referências *p. 1161*

Anexos *p. 165*

Anexo A - Entrevista com o designer Odyr Bernardi *p. 167*

Anexo B - Entrevista com a designer Mariana Newlands *p. 181*

Anexo C - Entrevista com leitores na 37ª Feira do Livro de Pelotas *p. 189*

## INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa busca-se estudar o livro como objeto, analisar os elementos que o compõe e como dialogam entre si. Também pretende-se perceber a relação do livro com as pessoas sob dois aspectos: pela visão do designer e do público leitor; o primeiro, por ser quem realiza o projeto e, o segundo, por estar na outra ponta do processo, recebendo o que foi feito anteriormente. O foco principal da pesquisa é compreender como se dá o relacionamento do livro com os leitores e a influência do design gráfico nessa relação. Para melhorar a compreensão, dividiu-se este trabalho em capítulos, onde cada um deles aborda uma visão sobre o livro.

Para dar início à pesquisa, optou-se por fazer uma revisão histórica, pois é importante saber o que já foi feito para que

se possa inovar. Além disso, para que se possa compreender o presente é necessário entender o passado. O primeiro capítulo - *O livro e sua metamorfose* discorre sobre sua história desde o início da escrita, as transformações que o seu suporte ocasionou, e ainda aborda as diferentes funções e usos que este teve ao longo dos anos. Após mencionar os acontecimentos europeus, entra-se no cenário nacional contando-se seus dois séculos de história, chegando ao mundo atual.

*O livro como projeto* trata o assunto pela visão do designer. Primeiramente são comentados os elementos do livro, facilitando futuras interpretações ao longo da leitura; posteriormente, são apresentadas algumas considerações de designers a respeito do projeto, discutindo-se, também, a possível relação da capa do livro com seu miolo, fazendo do livro um objeto único. Para a obtenção dessas informações foi consultado o livro *O Design do Livro*, de Richard Hendel (2003), no qual o autor entrevista diversos designers que projetam o interior do livro. Para suprir os comentários a respeito da capa, a qual não foi objeto de estudo nos livros consultados, foram entrevistados alguns designers que trabalham nessa área.

*O livro como objeto* traz a relação da pessoa com o livro pronto, culminando neste como um objeto de desejo. Neste capítulo, fala-se a respeito de como se dá essa interação e o que interfere nela, desde a sedução pela capa, o interesse ou desinteresse despertado pelo miolo até a leitura do mesmo, buscando o livro *bem-feito, bem escrito, bem projetado, bem produzido* que acaba tornando-se um objeto de desejo, que pode impulsionar o leitor a consumi-lo o quanto antes.

Além de buscar explicações sobre o assunto em bibliografias, foi realizada uma série de entrevistas com leitores, durante a Feira do Livro de Pelotas. Elegeu-se este lugar, por tratar-se de um espaço onde muitas pessoas vão a passeio, para ver os livros em geral, muitas vezes sem buscar um autor específico. Se alguma capa lhes chamar a atenção, talvez esta os impulse a olhar o volume e até, quem sabe, a levá-lo para casa. Geralmente, nessas feiras há mais capas do que lombadas de livros expostas, estratégia usada, provavelmente, para seduzir um maior número de leitores.

Ademais, buscou-se analisar graficamente diferentes capas da mesma história, a fim de perceber diferentes soluções visuais para apresentar o mesmo assunto. Optou-se por

analisar um livro de literatura para adultos, por este foco ter sido menos abordado em pesquisas, que se direcionam mais à literatura infantil. Para viabilizar essa avaliação, preferiu-se escolher um livro lançado em vários países com diagramações diferentes, por serem todos contemporâneos, desconsiderando diferenças culturais. O livro eleito foi *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak. Inclusive a autora da capa brasileira desse livro foi uma das profissionais entrevistadas nesta monografia.

Para pôr em prática toda a teoria apreendida no decorrer da pesquisa, além da elaboração do design deste Trabalho de Conclusão de Curso, procurou-se uma editora que disponibilizasse um livro em fase de produção, para que a capa pudesse ser diagramada pela formanda. A Gráfica da UFPel disponibilizou o exemplar intitulado *Para obesão?...Solução é PERAO*, de Volmar Nunes. A capa proposta foi aceita e colocada em circulação.

Até o começo da realização deste trabalho, não se possuía conhecimento de muita bibliografia para pesquisar, pois a maioria do material coletado antes da pesquisa falava de livros produzidos em uma determinada época. Entretanto,

o que tornava-se mais atrativo à pesquisadora, era ir em busca do cenário contemporâneo, saber como os leitores recebiam esse trabalho nos dias de hoje, qual era a importância do design gráfico no momento da escolha do que iam ler ou, ainda, quando, já efetuavam a leitura estavam lendo. No decorrer deste trabalho foram encontradas mais fontes do que se imaginava inicialmente, concluindo-se que o tema escolhido instigava também a curiosidade de outras pessoas.

1

**O LIVRO  
E SUA METAMORFOSE**



## 1.1 O COMEÇO DE TUDO

A relação do homem com o livro é antiga, pode-se dizer que iniciou junto com a escrita, sua principal função é “de ser um arquivo de memórias reais ou ficcionais” (SILVEIRA, 2001, p. 72) do homem. Grande parte da história da humanidade foi baseada no registro através da palavra do que aconteceu, muitos relatos foram perdidos por não terem sido registradas, ficando a mercê das lembranças e interpretações. O receio da perda do que já se tem conhecimento da história, segundo Chartier (1999) é o que “levou à busca do textos ameaçados, à cópia dos livros mais preciosos, à impressão dos manuscritos, à edificação das grandes bibliotecas” (CHARTIER, 1999, p. 99).

Alberto Manguel (1997), em seu livro *Uma História da Leitura*, imagina a alegria do homem quando percebeu as vantagens que a escrita proporcionava: aquele que concebia a

mensagem não precisava mais estar presente para esta tornar-se conhecida e o que estava escrito não ficava a mercê de falhas de memória ou do conhecido efeito “telefone sem fio”. Finalmente, estava gravado e, portanto, podia-se atravessar as fronteiras da vida e da geografia. Assim, através desses registros, entra-se em contato com pensadores que viveram há mais de mil anos, sem que tenham que ser efetuados rituais de reencarnações ou sessões espíritas, sendo apenas necessário que seja efetivada a leitura.

O livro não surgiu da maneira como o conhecemos atualmente; as primeiras páginas das quais se têm notícia eram de blocos de argila (Figura 1), depois passaram a ser produzidas em madeira onde eram entalhadas as informações. Outro tipo de suporte para a escrita que foi criado, era com cera e possuía



uma moldura de madeira para dar a forma quadrada. Ali era mais comum escreverem-se anotações efêmeras, pois a cera podia ser reaproveitada, para uma nova página (FERNANDES, 2001; MANGUEL, 1997). Em Roma, essas páginas de cera, geralmente

Figura 1 - Tábua de argila com escrita cuneiforme. Confeccionada entre 2000 e 1600 a.C.  
Fonte: David Lees / Corbis

vinham em duplas, unidas por intermédio de uma dobradiça colocada no meio da junção das mesmas, o que até lembra o formato atual do livro. As páginas dessa época eram tão espessas e/ou pesadas que se tornava impossível agrupar várias delas para armazenar informações mais longas (MANGUEL, 1997).

Finalmente, no Egito, foi inventado o papiro, onde o texto, escrito em colunas, permanecia fechado em rolos, os quais eram desdobrados na medida em que se lia.

Era “fabricado” através de um processo que começava pela sobreposição em uma base rígida e plana de camadas de tiras feitas a partir dos caniços que compõem a planta; estas camadas eram dispostas em sentido perpendicular umas às outras e, em seguida, eram maceradas, com o uso de uma maça grande e pesada, por espancamento; após o esmagamento o sumo que saía das tiras vegetais maceradas agia como elemento colante; assim formava-se uma fina folha que era branqueada, aparada e tinha suas bordas (superiores e inferiores) reforçadas com as tiras que sobreviviam do processo de apara (FERNANDES, 2001, p. 6).

Para proteger o papiro, este era enrolado em um cilindro formando o *Karthés* ou *volumen*, como era chamado pelos romanos. Foi a partir do papiro que foi inventada a palavra

livro, pois nesse processo de confecção a parte utilizada para o suporte “nada mais é do que uma parte da planta que é liberada, ou livrada (...) É daí a origem da palavra *liber libri*, que em latim, quer dizer livro” (NEWLANDS, 1997, p. 34).

O papiro apresentava diversas vantagens perante as técnicas anteriores; entretanto, não vigorou por muito tempo. De acordo com Manguel (1997), o rei do Egito viu ali uma maneira de lucrar sobre os outros povos, então passou a cobrar preços altíssimos por aquele suporte. Fernandes (2001) também apresenta como outra desvantagem a dependência das cheias e secas Rio Nilo, já que era só ali a matéria prima se desenvolvia. Para dar-se continuidade às impressões, foi utilizado o pergaminho ou o velino, ambos provindo de peles de animais, mas feitos sob processos diferentes.

O pergaminho apresentava problemas ao ser usado como rolo, pois a emenda, que era necessária para aumentar o comprimento das folhas, ficava muito grotesca. A solução encontrada para solucionar este inconveniente foi usá-lo dobrado, surgindo assim o códice, sendo que a cada número de dobras feito, o produto recebia um nome diferente: “dobrado uma vez, o pergaminho tornava-se um fólio; dobrado duas

vezes, um in-quarto; dobrado mais uma vez, um in-octavo” (MANGUEL, 1997, p.152).

O que os contemporâneos da época perceberam é que dobrar o suporte era melhor do que enrolá-lo, pois diante da necessidade de adicionar informações tornava-se mais fácil acrescentar-se um caderno, do que crescer um rolo. Verificou-se, também que, tanto para transportar o material quanto para organizar a ordem de leitura, os retângulos dobrados apresentavam uma enorme vantagem. Dessa forma, o papiro acabou caindo em desuso, pois, além de ser mais caro que o pergaminho, era mais quebradiço, dificultando as dobras. Depois do século I, este material feito de pele já estava difundido na Europa (FERNANDES. 2001, p. 7).

Com a mudança do suporte também se verificou a transformação da interação do leitor durante a leitura, uma vez que o papel dobrado permitia que o leitor interferisse no texto no decorrer da mesma, pois este não precisaria mais ocupar as duas mãos desenrolando o rolo, precisando apenas mexer na página ao finalizar a leitura desta. (CHARTIER, 1999, p. 24) Com a utilização deste novo material, até para localizar determinado trecho ficou mais fácil, uma vez que possibilitou

a indexação do texto através da numeração das páginas (CHARTIER, 2002, p. 106).

As folhas de pergaminho, quando agrupadas para formar um livro, possuíam capa de madeira que, além de proteger as folhas, tinha a função de mantê-las esticadas. Outro fato interessante, que nos revela Fernandes, é que os livros não eram guardados verticalmente, como é costume nos dias de hoje; eram armazenados na posição horizontal, para evitar que se estragassem com a umidade ou que ocorresse a queda de algum líquido sobre os mesmos.

Com o passar do tempo, substituiu-se a capa de madeira por capas de marfim e outros materiais ricamente decorados, sendo comum, no século III, presentear-se altos funcionários com um livro desse tipo, não se dando grande valor ao conteúdo do livro, mas, principalmente, à sua ornamentação.

Quando chegou a Idade Média, ou Idade das Trevas, a Igreja apoderou-se da escrita e, então, somente alguns nobres e componentes do clero aprendiam a ler. É então que surgem os monges copistas, que passavam grande parte de suas vidas copiando manuscritos (Figura 2) e mais manuscritos.



Neste período, as capas perderam um pouco de seu colorido e tornaram-se mais simples.

É interessante observar como a arte, a arquitetura e a tipografia de uma época refletem sua cultura (HAAG, 2009. Informação verbal<sup>1</sup>). Da mesma forma que a Igreja ostentava o poder através da arquitetura (Figura 3), com suas torres altas e obras de arte que amedrontavam os fiéis, gerando-lhes o receio da possibilidade de irem para o inferno caso pecassem, a tipografia também mostrava essa mesma força da Igreja. Pois esta era elaborada com uma forma escura e rebuscada, com textos cujas capitulares eram ricamente ornamentadas. Resultava em páginas mais para serem olhadas e do que lidas, onde o desenho transmitia a importância daquelas palavras que o clero propagava, sem permitir contestações.

Até então os livros, além de formatos diferentes, já tinham também se apresentado em tamanhos diversos. As leis assírias, por exemplo, eram esculpidas em livros gigantescos de pedra, de 6,2 metros quadrados. Datados do século XII a.C, eram expostos a todos, para que pudessem ver e sentir o peso da legislação, tinham claro o fato de que “a percepção do objeto não pode ser dissociada, então, da percepção que será

obtida do conteúdo do mesmo. A atenção do leitor oscila entre o que lê e o que sente ao ler” (NEULANDS, 1997, p. 34). Na Igreja, por volta do século V, começaram a ser produzidos livros tão grandes, que só podiam ser carregados através de suportes com rodas. De acordo com Manguel (1997), este tamanho não era para assustar os fiéis - como no exemplo anterior - e sim para que todos os que fizessem parte do coro conseguissem ler a uma certa distância. Neste mesmo período, tornaram-se populares os livros das horas ou de orações pessoais (Figura 4). Muitos deles eram confeccionados com a preocupação de serem do tamanho da mão de seu futuro leitor. Estes tinham suas capas ricamente ornamentadas e no seu interior podiam-se encontrar, além das orações, belíssimas iluminuras. Esses pequenos volumes tornaram-se presentes favoritos da nobreza e seu valor estava todo na



Figura 2 - Iluminura gótica com a letra D. Fonte: Corbis



Figura 3 - Igreja Cologne, Alemanha, 1248. Fonte: Murat Taner/Corbis

1 Informação fornecida por Fábio Haag em palestra proferida no 6º Encontro Regional dos Estudantes de Design com o nome **Typedesigner? Arquiteto romano? Monge? Ou programador?**, em Santa Maria, em setembro de 2009.

ornamentação, não se dando muita importância à legibilidade de seu conteúdo.

## 1.2 OS TIPOS MÓVEIS

Segundo Fernandes (2001, p. 9), a partir do ano 1000, a leitura passou a ser difundida lentamente na sociedade; mais pessoas foram alfabetizadas, surgiram algumas universidades, fato este que aconteceu mais facilmente em virtude da difusão do papel. As técnicas de gravura, como a xilogravura e a litografia, vinham se desenvolvendo e ajudavam a acelerar um pouco a produção do livro, mas foi só em 1440, quando Johanes Gensfleisch von Guttenberg inventou a impressão com tipos móveis, que se deu o “boom” da produção editorial, sendo a Bíblia o primeiro livro a ser impresso.

Carolina Roberts (2007), na Introdução do livro de Fawcett-Tang, intitulado *O livro e o designer I*, comenta que quando surge uma nova

tecnologia parece que a anterior será soterrada por esta, porém o mais estranho é que muitas vezes a antiga é que passa a ser exaltada (ROBERTS. 2007, p. 11). Gutenberg, quando criou os tipos de metal, buscava, como sugere Roberts, um resultado final que se assemelhasse aos manuscritos dos escribas e, para isto, criou diversos modelos de cada letra com falhas em diferentes lugares, imitando a mão humana que escreve irregularmente as letras (HAAG, Fabio. 2009. Informação verbal<sup>2</sup>). Analisando sob outra perspectiva, Gutenberg realizou uma jogada de mestre, pois ele modernizou o processo, mas não assustou o consumidor, tentando manter a mesma aparência do produto.

Os livros impressos na época eram chamados de incunábulos e encantaram a todos, pela “rapidez, uniformidade de textos e preço relativamente barato” (MANGUEL, 1997, p.158). Neste período, os cadernos dos livros eram vendidos separadamente e era o comprador que se encarregava de encaderná-los. Como não havia capa para proteger os escritos, incorporou-se ao volume uma falsa folha de rosto, também conhecida como ante-rosto. Essa página acompanha o livro até os dias de hoje, mesmo tendo perdido sua função, que se

Figura 4 - Detalhe da capa de um Livro das Horas. Fonte: Biblioteca Mundial on-line

<sup>2</sup> Informação fornecida por Fábio Haag, em palestra proferida no 6º Encontro Regional dos Estudantes de Design, com o nome **Typedesigner? Arquiteto romano? Monge? Ou programador?**, em Santa Maria, em setembro de 2009.

propunha a manter limpa a folha de rosto (HENDEL, 2003, p. 53).

### 1.3 O SOBE E DESCE DA INTELECTUALIZAÇÃO DOS LIVROS

Em 1453, cai Constantinopla e Veneza acaba tornando-se “o novo centro do saber clássico” (MANGUEL, 1997, p.160) e, como se sabe, toda aquela cultura greco-romana, escondida pelos medievais, ressurgiu das ruínas com força total. Foi então que o humanista Aldus Manutius (Figura 5), professor de latim e grego, não gostando do que lhe era oferecido, decidiu criar sua própria editora e confeccionar os livros que julgava serem ideais para seus cursos. Junto com Aristóteles e Platão voltou à tipografia romana e quando optou por fazer exemplares de bolso, utilizou tipos itálicos, por ocuparem menos espaços. Seus livros eram sóbrios e elegantes, possuindo a mancha de texto mais clara. Nesse momento o objetivo principal do livro passou a ser o texto e seu conteúdo, deixando de ser apenas um palco de decorações. Não é de se surpreender que, conforme salienta Manguel (1997, p.162), o livro tenha

deixado de ser um símbolo de riqueza para tornar-se um ícone da aristocracia intelectual.

Há registros que informam que em 1822 foi utilizado pela primeira vez um pano para as encadernações, ao invés do couro, o que possibilitou o uso da capa como forma de propaganda, já que no tecido era possível imprimir (MANGUEL, 1997, p. 165). Dessa maneira, o livro foi se tornando a cada dia um objeto menos aristocrático e grandioso, o que é reforçado por Denis (2000, p. 74) quando afirma que desde o final do século XVI sua qualidade vinha decaindo, apesar do aumento das produções. Isto ocorreu devido ao fato da mão-de-obra ser desqualificada e haver deficiência dos materiais empregados para a produção.

Paralelo a esses acontecimentos, algumas pessoas começaram a se manifestar contra a estética da industrialização, dentre elas o designer William Morris, que atuou desde 1860 em diversas áreas do design, aplicando

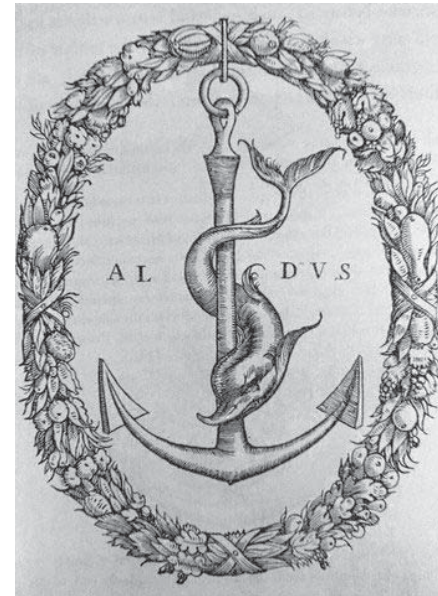


Figura 5 - Logotipo da editora de Aldus Manutius, 1450-1515.  
Fonte: Corbis

qualidade e bom gosto aos seus produtos e, ao final de sua vida, decidiu dedicar essa mesma atenção aos livros (DENIS, 2000, p. 73). De acordo com Manguel (1997, p. 166), Morris buscou inspiração nos livros de Aldus Manutius para fazer de seus livros “um novo objeto de luxo: um estilo baseado na beleza convencional das coisas do cotidiano, (...) adequados à posição social do resto da mobília” (MANGUEL, 1997, p. 166). “Morris introduziu inovações importantes no design de fontes e na diagramação da página, e suas experiências inspiraram uma renovação nos padrões de design de livros” (DENIS, 2000, p. 74).

De acordo com Manguel (1997, p. 166), nos séculos seguintes os livros passaram a receber um projeto diferenciado de acordo com o lugar onde iam ser lidos. Alguns eram projetados para lugares fechados, como bibliotecas públicas ou privadas e possuíam uma encadernação em couro, de capa dura, para encantar os colecionadores; outros eram feitos para serem lidos em viagens e, neste caso, eram projetados com brochuras mais ordinárias, encadernados em papelão e, em sua maioria, publicados em meio-octavo – um tamanho fácil de carregar.

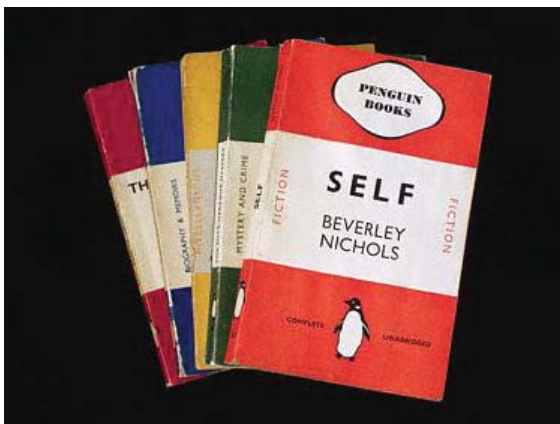
Com a expansão das ferrovias, estas passaram a possuir livrarias e já, em 1848, teve-se notícia da abertura da primeira banca de livros de ferrovia, na estação de Euston, em Londres.

Em 1841, Christian Bernhard Tauchnitz publicou uma ambiciosa coleção de brochuras, lançando em média um livro por semana, com ótimos títulos, entretanto sua produção “não era atraente nem para os olhos, nem para as mãos” (MANGUEL, 1997, p. 168). Diante de exemplos como este, em 1935, enquanto o editor inglês Allan Lane procurava alguma coisa para ler na viagem, sentiu que alguém precisava fazer livros de bolso baratos e bons. Decidiu que levaria para sua editora a idéia de publicar “uma coleção de reimpressões dos melhores autores em brochuras bem coloridas.” Desta forma, atrairiam não só o “leitor comum: seriam uma tentação para todos que soubessem ler, intelectuais ou ignorantes” (MANGUEL, 1997, p.168). Assim surgiu a Penguin<sup>3</sup> (Figura 6), porém as primeiras vendas não passaram de 7 mil exemplares e para contornar esse resultado, decidiram vender os livros como qualquer outro objeto comum do dia-a-dia, ao lado das meias e sacos de chá.

---

<sup>3</sup> Editora conhecida por fazer livros de bolso bonitos, com literatura de qualidade e preço acessível.

Figura 6 - Livros da Penguin, 1930.  
Fonte: Robert Estall/  
Corbis



#### 1.4 O BRASIL COMO PRODUTOR DE LIVROS

No Brasil, a produção regular de livros aconteceu somente com a Imprensa Régia, em 1808 (NASCIMENTO, 2008, p 3692). Entretanto, Nascimento (2008, p. 3692) afirma que, em 1747, o português Antônio Isidoro da Fonseca já confeccionava volumes na “terra do pau-brasil”, utilizando-se das técnicas de tipografia e gravura. Infelizmente ele foi impedido de seguir exercendo esse trabalho, posto que na época só era permitido importar livros da Europa.

Nosso país, se comparado à Alemanha, por exemplo, não têm uma tradição muito longa na edição de livros, mas sua história nessa área é bem significativa, até porque, como ensina Cardoso (2005, p.160), houveram diversos avanços tecnológicos<sup>4</sup> e “com essa revolução industrial gráfica o mundo todo foi obrigado a se reposicionar mais ou menos de um mesmo ponto de partida na segunda metade do século XIX” (CARDOSO, 2005, p. 160).

Na história do livro brasileiro, este não teve uma fama muito boa. Em 1925, Gilberto Freyre publicou um artigo no Diário de Pernambuco, que dizia: “Nós somos o país do livro feio. Do livro mal feito” (FREIRE, apud CARDOSO, 2005, p. 200). Escorel (1974), em seu livro *Brochura Brasileira: Objeto sem projeto* apontou diversos problemas que embasam a opinião acima citada. A causa principal, segundo ela, era o alto índice de analfabetismo no país, pois eram poucas as pessoas que sabiam ler e ainda tinham condições financeiras de adquirir um livro. Dessa forma, a tiragem das obras publicadas era pequena e os editores não acreditavam que valesse a pena investir na qualidade de seus produtos.

<sup>4</sup> Difusão plena do papel fabricado a partir de madeira, da mecanização das prensas tipográficas (rotativas), da fundição mecânica de tipos metálicos (...) barateamento dos impressos e, por conseguinte, na ampliação do público leitor.

O livro no Brasil tinha que ser um produto barato, por isso se popularizou o acabamento em brochura. Cardoso (2005, p. 1770) explica que a idéia do livro brasileiro se afastou daquela de objeto de luxo. Entretanto não era um produto para a classe baixa, posto que

pelos padrões da época [1900-1930], o preço médio de um livro da Leite Ribeiro (cerca de 4\$5000) regulava com o custo aproximado, no varejo, de quinze quilos de arroz ou de um engradado com 24 garrafas de cerveja(CARDOSO, 2005, p. 172).

Como este é um país sem tradição tipográfica, não lhe era dada a devida importância nos trabalhos realizados. A diagramação do miolo do livro, em termos de design, chegava a ser revoltante, pois como o papel era um produto caro, a lei que vigorava na maioria das editoras, era a da economia deste e para isso, muitas vezes a legibilidade era sacrificada. Muitas editoras tinham uma mancha de texto padrão para seus livros, mas o problema passava a existir em função de que a mesma mancha era usada para tipografia corpo 8, 10 ou 12. A pessoa que projetava as páginas, não tinha conhecimento do papel que seria usado, sendo assim, a fonte escolhida não dialogava com o mesmo.

Na industrialização, o processo de fazer as coisas foi dividido em etapas; no livro, essa prática já era comum (ESCOREL, 1974 e CARDOSO, 2005). Um dos problemas do exemplar brasileiro é que este não era visto como um único objeto: era fragmentado. Enquanto que na industrialização cada etapa culminava num objetivo em comum seguindo um mesmo projeto, no setor editorial uma etapa não tinha harmonia com a outra, pois não havia um projeto a ser seguido. A pessoa que fazia a capa era vista como um artista, a que fazia o miolo tinha a imagem de um técnico e o projeto de uma não tinha nada há ver com o da outra. Todavia, mesmo com tantos problemas, tais como o emprego de materiais medíocres e o livro não ser feito como um objeto íntegro, a capa brasileira era uma das mais vistosas da produção mundial.

## 1.5 A CAPA VISTOSA

Foi na década de 1920, a partir da idéia de Monteiro Lobato, que a capa principiou a se destacar e o projeto gráfico do livro começou a melhorar. A capa passou a ser tratada como um anúncio do livro, um espaço para cativar o leitor e convidá-lo à leitura: nascendo assim a capa ilustrada. De acordo com Nascimento (2008, p. 3692), o vocabulário visual utilizado nos livros vinha das revistas ilustradas da época, que já estavam bem evoluídas nesse sentido. “O principal nome é o do português Fernando Correia Dias, que se destaca pelo conjunto casto e versátil de soluções, pelo domínio do desenho, assim como Antonio Paim, em projetos originais” (NASCIMENTO. 2008, p. 3693).

Foi justamente nesse período que houve uma ascensão na área editorial. Edna Lima e Márcia Ferreira (2005, p. 197) discorrem sobre esse período em seu artigo *Santa Rosa: um designer a serviço da literatura*, onde apontam Getúlio Vargas

como catalisador desse processo, através do aprimoramento do ensino público nacional. No governo Vargas houve uma valorização da cultura popular e a classe média e operária também passaram a apreciar a literatura. O número de editoras brasileiras dobrou “entre 1936 e 1944, atingindo um pico de produção da década de 1950” (LIMA, FERREIRA. 2005, p. 197).

As editoras passaram a se preocupar mais com o layout de seus livros, percebendo-se, em algumas delas, uma interação maior da capa com o miolo, margens mais arejadas e preocupação com o projeto – pensar a capa de acordo com os processos de impressão disponíveis – criando soluções atraativas e baratas. É neste período, segundo Nascimento (2008), que surgiu uma nova profissão: a de capista, onde ilustradores e artistas passaram a elaborar esse projeto. Tomás Santa Rosa tornou-se o mais importante representante deste período e, a partir da década de 1930, sua atuação na editora Olympo tornou o projeto do livro mais maduro.

A década de 1960 é marcada por diversas mudanças culturais, as pessoas tornaram-se mais informadas, abertas a novidades, e como salientou Chico Homem de Melo (2006.

p 60-62), o setor editorial precisava dar uma resposta a esses consumidores e foi nas capas que canalizou-se essa atenção especial. Nessa época surgiram diversos nomes significativos assinando os projetos gráficos dos livros, entre eles, podemos ressaltar Eugenio Hirsch (Figura 7), Bea Feitler (Figura 8), Gan Calvi (Figura 9), Clóvis Graciano (Figura 10), Jayme Cortez (Figura 11) e Vicente di Grado (Figura 12), todos eles, cada um com seu estilo particular, romperam o que já havia sido feito anteriormente. Eugenio Hirsch, por exemplo, dizia que a capa era feita para agredir, não para agradar, enquanto que Jayme Cortez criava uma unidade entre os livros de José Mauro Vasconcelos, através da ilustração psicodélica. Depois de toda essa “corrente ilustrativa” chega Moysés Baumstein com o projeto modernista para a coleção Debates (Figura 13), da editora Perspectiva, onde a capa era branca, havendo



Figura 7 - Capa de Eugênio Hirsch para *Bubu de Montparnasse*, de Charles-Louis Philippe. Editado pela Civilização Brasileira, em 1962, como parte da coleção Biblioteca do Leitor Moderno (Vol. 22)



Figura 8 - Capa de Bea Feitler para *O homem Nu*, de Fernando Sabino. Fonte: MELO, 2006, p. 76

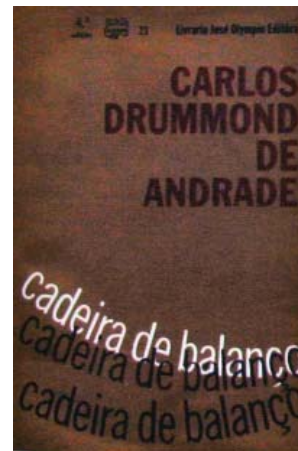


Figura 9 - Gian Calvi paga tributo à poesia concreta no livro *Cadeira de Balanço*, de Carlos Drummond de Andrade. Fonte: MELO, 2006, p. 82

Figura 10 - Coleção de Aluísio Azevedo, capas e tipografias projetadas por Clóvis Graciano. Fonte: MELO, 2006, p. 83



Figura 11 - Jayme Cortez conseguiu formar uma identidade visual nos livros de José Mauro de Vasconcelos através do estilo da ilustração. Fonte: MELO, 2006, p. 86



Figura 13 - Coleção Debates. Projeto Gráfico de Moysés Baumstein



Figura 12 - Vicente Di grado fazia edições populares do Clube do Livro. Capa de *O Romance de Maria Clara*, de Oliveira Ribeiro Neto. Fonte: MELO, 2006, p. 91



embaixo um retângulo preto e em cima duas linhas vermelhas horizontais.

Segundo Nascimento (2008, p. 3694) foi com a fundação da Esdi, em 1963, que o profissional começou a receber um preparo maior para atuar na área editorial. Entretanto, Escorel (1974), em seu livro *Livro brasileiro: objeto sem projeto*, delatou uma falta de preocupação com o projeto gráfico na década de 1970, onde o miolo era tratado como serviço técnico e os capistas podiam ser categorizados como aqueles que se promoviam nos trabalhos e que faziam da capa um anúncio publicitário, com cores chamativas, sem coesão com a história do livro.

Ainda citando Nascimento (2008, p. 3695), na década de 1980 o cenário melhorou e a qualidade dos projetos pôde ser percebida na editora Companhia das Letras, onde seu fundador e editor, Luiz Schwarcz (apud. NASCIMENTO, 2008, p. 3695), afirmou: “Nossa contribuição hoje pode ser no sentido de profissionalizar mais o mercado de capas, criar novas chances e perspectivas.”

Para Newlands (2006, p. 47) esta editora é considerada um marco na história editorial brasileira, pois quando o

brasileiro estava “acostumado a livros com lombadas que se descolavam deixando as folhas caírem”(NEWLANDS, 2006, p. 47), a Companhia das Letras inseriu no mercado uma preocupação maior com o acabamento do livro, tornando-o mais prazeroso ao manuseio e ao tato. O papel passou a ser perolado e levemente texturizado, as famílias das fontes foram ampliadas e desenvolvidas para a diagramação de textos. “As manchas de texto passam a ocupar menos espaço, deixando as margens das páginas mais livres, o que favorece a concentração e foco no texto, durante a leitura e areja visualmente a página” (NEWLANDS, 2006, p. 47).

Designers como Moema Cavalcanti [Figura 14], João Baptista da Costa Aguiar [Figura 15], Ettore Bottini [Figura 16], Victor Burton [Figura 17] e Hélio de Almeida [Figura 18] foram alguns dos nomes mais importantes no desenvolvimento da capa de livro no Brasil, nos anos 80 e 90. São deles os projetos da maior parte dos livros em circulação no mercado de então e todos ainda estão atuantes no mercado atual. Sua atuação e criatividade foram extremamente importantes para a consolidação do mercado editorial no final do século XX, quando as importações começam a chegar com força e o público passa a conviver com mídia impressa e visual produzida no mundo todo. O impacto destas mudanças no público leitor é tão grande que, a partir



Figura 14 - Livros com projeto gráfico de Moema Cavalcanti.

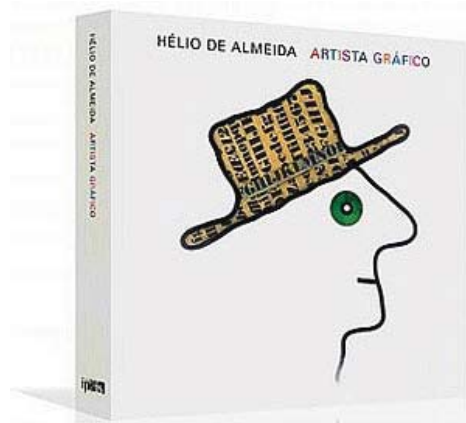
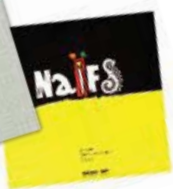


Figura 15 - Livro sobre o Hélio de Almeida

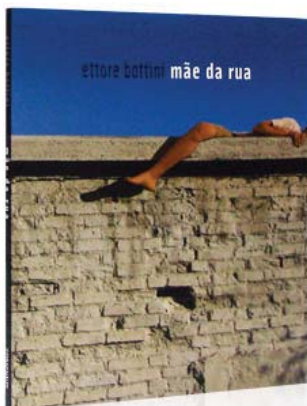


Figura 16 - Capa de Ettore Bottini.

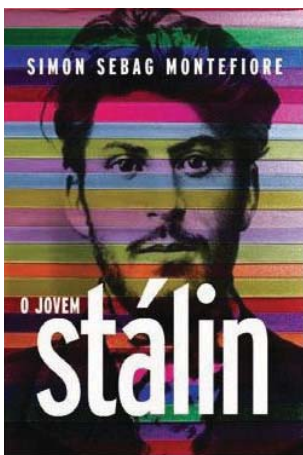


Figura 17 - Capa de João Baptista de Aguiar



Figura 18 - Capa de Victor Burton

de então, novos referenciais de qualidade passam a ser adotados por todas as editoras, em busca de excelência estética, gráfica e

técnica (NEWLANDS, 2006, p. 47).

Hoje em dia, ao passar por uma livraria depara-se com um grande número de capas que utilizam a fotografia para compô-las. Percebe-se também que a capa ilustrada, que no passado era um grande diferencial da produção brasileira, é mais direcionada ao público infantil. A fotografia foi inserida na capa, segundo Newlands (2006, p. 48) pela Companhia das Letras, junto com outros recursos gráficos, com o intuito de embelezar o volume. Dentro do setor editorial os livros foram os últimos a adotar a foto na capa, Melo (2006) atribui esse fato ao caráter próprio do livro, que sempre foi mais conservador, “normalmente mais avesso a novidades do que outras áreas da produção editorial” (MELO, 2006, p. 60).

Na cena gráfica atual existem diversos tipos de projetos gráficos para o livro, tanto para a capa, quanto para o miolo. Ainda existem capas desconexas com o miolo, mas algumas editoras investem todo o marketing que possuem em um plano íntegro para o livro, sendo uma delas a Cosac Naify.

Criada em 1996, se tornou referencial de livros como objeto de desejo, no cenário nacional. Eliane Ramos, diretora de arte da mesma, afirmou que:

“Restringir as possibilidades de invenção contidas a um retângulo bidimensional chamado capa é muito redutor. Nosso grande diferencial é não trabalhar com capistas. A capa é um dos elementos e todos eles são importantes, desde o tipo de letra até a textura do papel. É isso que seduz o consumidor” (Eliane Ramos. apud: NASCIMENTO. 2008, p. 3695).

Hendel (2006, p. 25) sugere que não há nenhuma ligação entre o design do miolo e o número de vendas de um exemplar, que muitos dos livros mais vendidos, cometem verdadeiros assassinatos contra a legibilidade; no entanto ele concorda que um bom design ajuda a melhorar a experiência da leitura.



*A uma alma dada,  
desgarrada, ele [o artista  
gráfico] dá corpo,  
elaborado com a  
originalidade possível  
a sua profissão.*

*(SILVEIRA, 2001, p. 122)*

## 2

# O LIVRO COMO PROJETO

## 2.1 O LIVRO

O livro é um objeto tridimensional, que pode ser levado para qualquer lugar, cuja função principal é armazenar textos, mas ele acaba ensinando sobre diversos assuntos, apresentando mundos novos e alimentando a imaginação de muitas pessoas. De acordo com a UNESCO, ele deve ter no mínimo 49 páginas, já descontando a capa, a contracapa e as folhas de guarda, que necessitam ser encadernadas, “contendo texto manuscrito ou impresso e ou imagens e que forma uma publicação unitária ou a parte principal de um trabalho literário, científico ou outro” (UNESCO Institute for Statistics. apud FONTOURA, 2007, p. 5). O livro pode ser dividido em capa e miolo. A capa envolve o livro, o identifica e protege; o miolo é composto por todas as páginas internas, é onde consta o conteúdo propriamente dito.

## 2. 2 A CAPA

A capa geralmente é feita de um material mais grosso que as páginas do miolo, a fim de estruturar melhor e proteger o volume. Às vezes ela pode ser acompanhada de uma sobrecapa ou de uma cinta, que é um papel que envolve o livro. A capa, normalmente faz parte do mesmo papel que compõe a contracapa, a lombada e as orelhas do livro. As figuras 19, 20, 21, 22 e 23 a seguir, ilustram de maneira didática os componentes que o livro pode possuir.

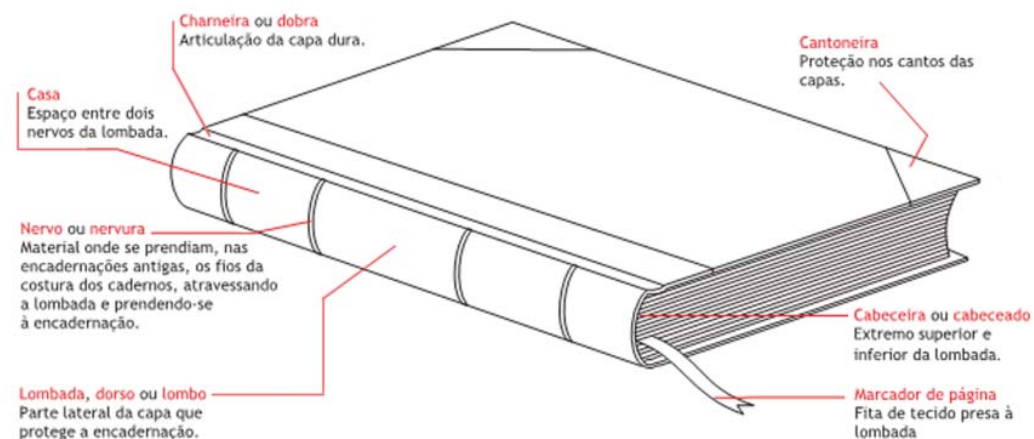


Figura 19 - Elementos físicos do livro. Fonte: FONTOURA, 2007, p. 4

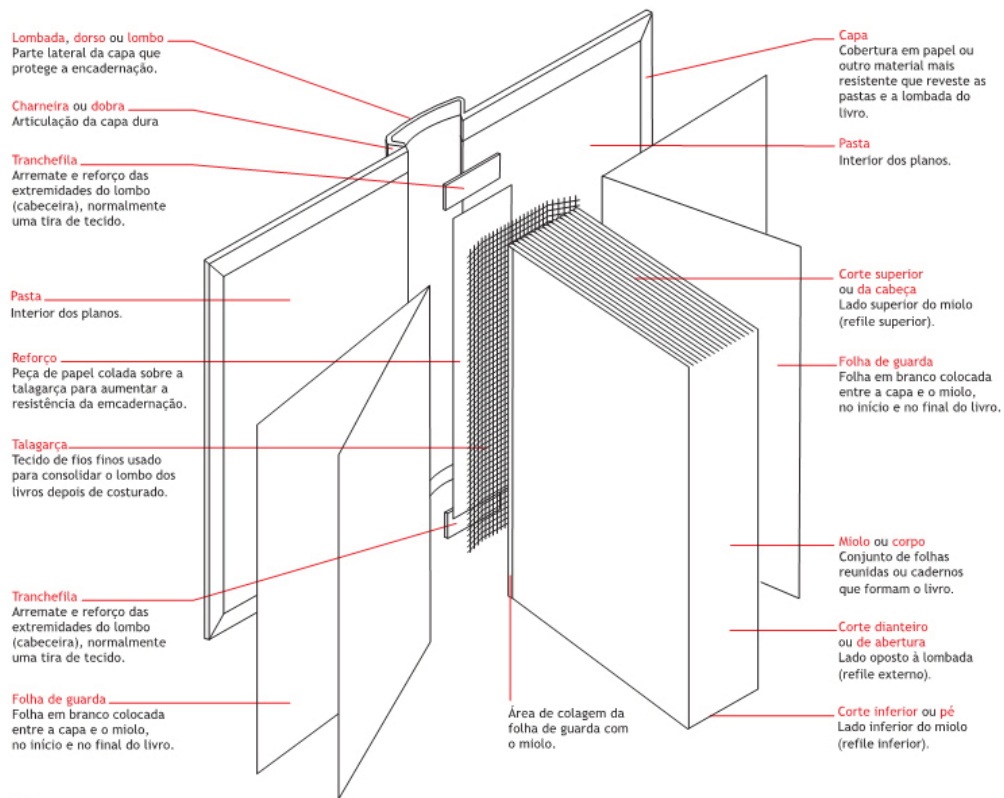
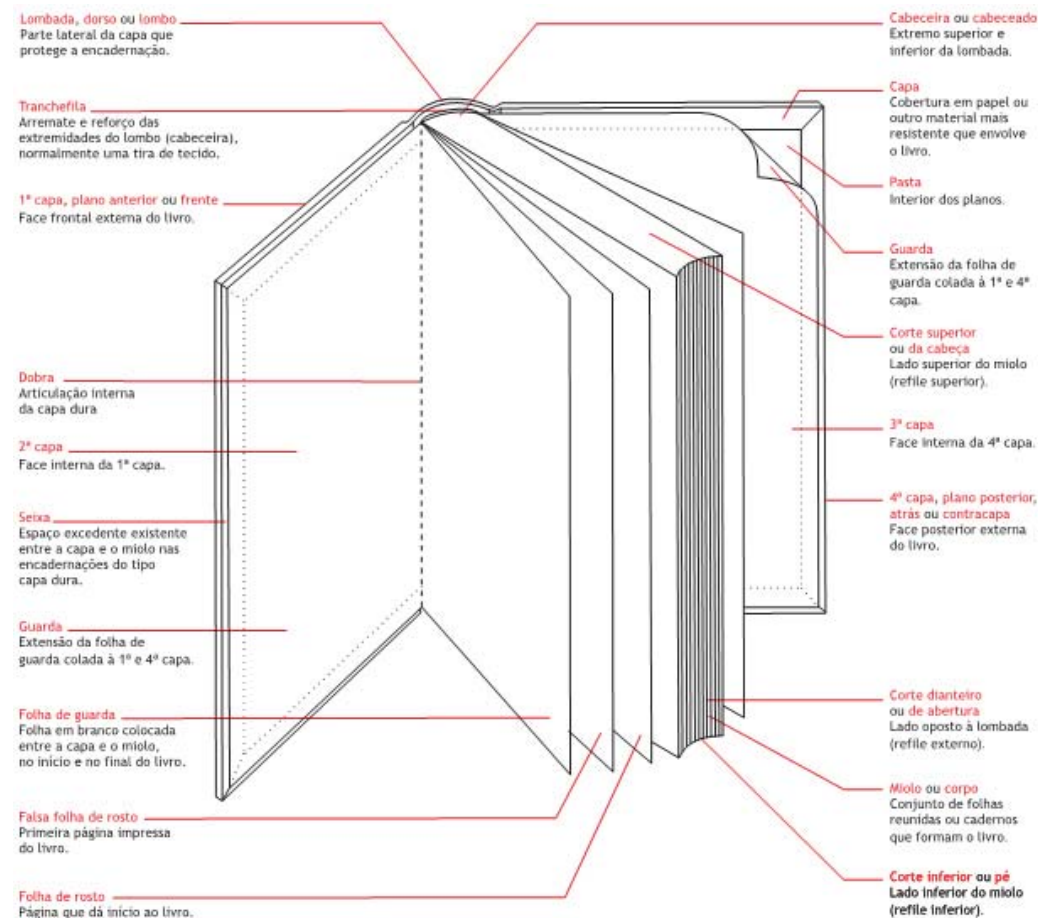


Figura 20 - Elementos físicos do livro. Fonte: FONTOURA, 2007, p. 4

“A capa do livro consiste na proteção do volume e na identificação do conteúdo. Entretanto, via de regra, costuma-se atribuir à imagem da capa a parte principal (WEYNE, apud MARTINS FILHO, 2003). Por ser a capa o primeiro contato do leitor com o livro, o investimento maior lhe é direcionado, buscando sua qualidade através do emprego de materiais e layouts

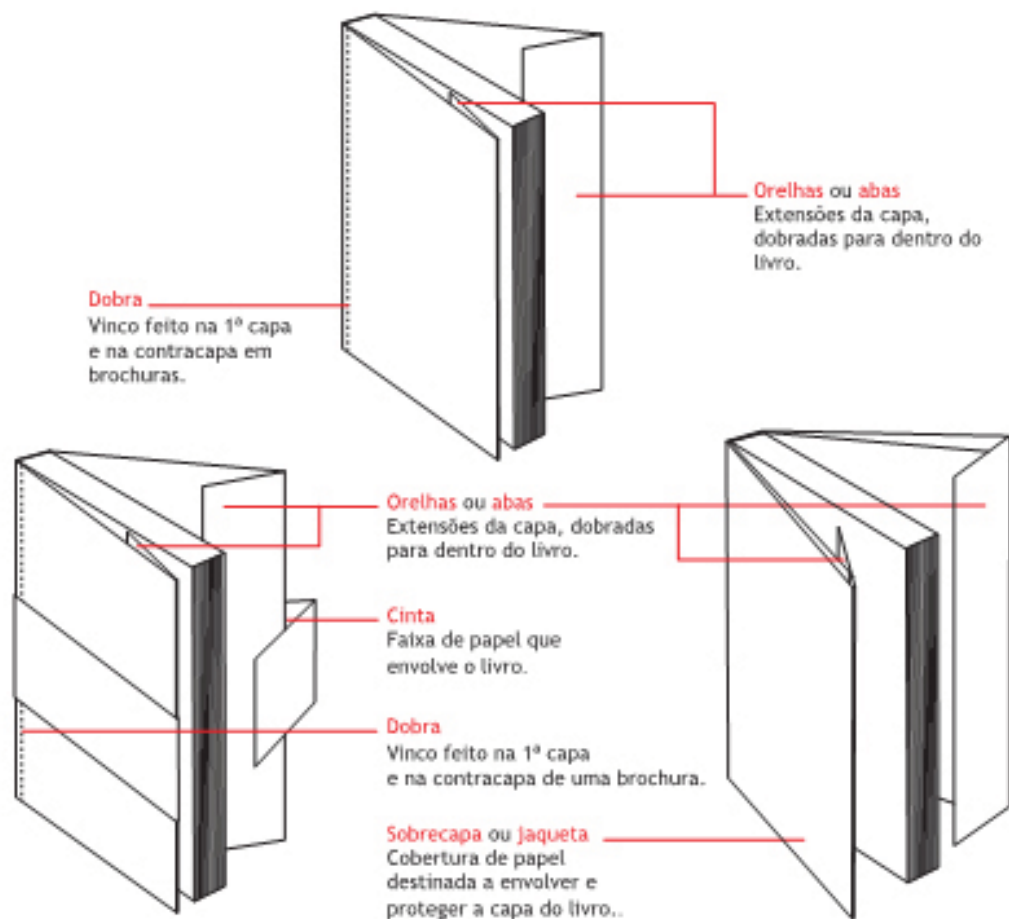
diferenciados. A sobrecapa é considerada efêmera, apenas uma propaganda do livro e, pela sua diagramação, deveria evitar que o leitor recolocasse o livro na prateleira, efetuando logo a compra. “Em contrapartida um diretor de faculdade” disse a Stanley Morison “que sempre retira a sobrecapa antes de ler um livro – para proteger a sobrecapa!”(MORISON, In: HENDEL, 2003, p. 149)

Figura 21 - Elementos físicos do livro. Fonte: FONTOURA, 2007, p. 5



Comumente nas livrarias há uma seleção de livros que ficam organizados formando uma vitrine, com a capa exposta, para atrair o leitor em potencial. Em bibliotecas públicas e privadas, ou no caso de já ter ultrapassado o “tempo de exposição” do livro na vitrine, a lombada é a parte que fica visível. Esse costume ocorre para otimizar o espaço pois que, dessa forma,

Figura 22 - Elementos físicos do livro. Fonte: FONTOURA, 2007, p. 5



Tipos de encadernações mais comuns

**Encadernar**  
É o ato de unir folhas avulsas com conteúdos em comum de maneira que seja mais fácil manuseá-las e consultá-las.

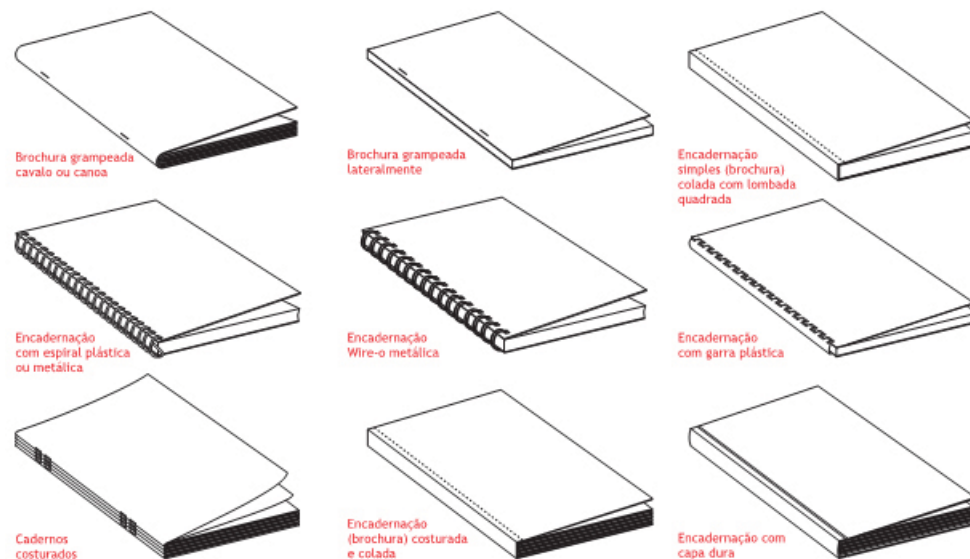


Figura 23 - Tipos de encadernação. Fonte: FONTOURA, 2007, p. 6

todos os livros ficam bem acomodados e visíveis, tornando mais fácil ao leitor ir ao seu encontro, quando é necessário.

Normalmente é na capa que o editor investe um capital maior com o intuito de deixá-la mais atrativa, para isso utiliza materiais (plásticos, tecido, madeira, por exemplo) e acabamentos diferentes como aplicação de diversos tipos de vernizes que alteram a cor, a textura e até o cheiro do material. Esses são só alguns exemplos das diversas artimanhas que as

editoras e designers têm usado para atrair o possível leitor no ponto de venda.

Quando o indivíduo vai à livraria, sua primeira experiência com o livro é sensorial, pois, como informa Mariana Newlands (2006), esta se dá principalmente a partir da visão e do tato. “Trata-se de uma etapa prévia ao mergulho no texto” (NEWLANDS, 2006, p. 17). Nesta fase, a idéia que o leitor terá do livro basear-se-á em uma série de noções pré-concebidas que obteve no decorrer de sua vida. Sem perceber, julgará o livro comparando-o com os outros que estão à sua volta, naquela seção, e também com os livros que já leu. Se for questionado não dirá que identificou a tipografia, mas intuitivamente se normalmente as histórias que leu e gostou apresentavam na capa uma tipografia gótica, esta lhe chamará mais a atenção identificando, pelo estabelecimento inconsciente de relação, o tipo de linguagem da possível leitura.

Segundo Valverde (1997), o “objeto”, quando interpretado, é “recortado de um fundo que já se caracterizava como um horizonte de sentidos” (VALVERDE, 1997), sendo assim só é possível ter um novo conceito sobre algo, quando se tem um pré-conceito para onde se apoiar. Trazendo essa informação

para o design, quando o profissional projeta um livro de terror, por exemplo, mesmo tendo inovações, ele deve ter dados visuais suficientes para ser identificado como tal, atraindo o usuário que gosta desse tipo de leitura. Isto vai evitar que o leitor compre um livro cuja capa sugira um tipo de assunto diferente do que é abordado no seu interior, o que poderá levá-lo a decepcionar-se com seu conteúdo, e como disse Odyr Bernardy durante a entrevista<sup>5</sup>, ele tenderá a atribuir essa decepção a alguém, que pode ser o autor ou até mesmo a editora, não se estabelecendo uma relação de fidelidade e confiança a longo prazo entre esses atores.

#### A capa

funciona como uma ponte visual que se vale de referências simbólicas para expressar, comunicar e convidar o leitor a adentrar o mundo da leitura e os caminhos daquele texto. Uma boa capa deve sugerir sem entregar, insinuar sem explicar. Sua função é expressar esteticamente algum ponto central da narrativa ou apenas sugerir uma ambientação que estimule a criatividade do leitor e desperte nele o desejo de partilhar e interagir com o universo de caminhos aberto pelo autor (NEWLANDS, 2006, p. 41).

---

<sup>5</sup> Entrevista feita pessoalmente, em outubro de 2009, constante nos anexos deste volume.

Segundo os leitores entrevistados<sup>6</sup>, após serem fisgados pela capa, normalmente consultam a contracapa e, quando tem, as orelhas do livro, ou ainda leem alguma parte da história. Desta maneira, é averiguado o conteúdo do livro e, caso este os agrade e se o bolso permitir o livro é adquirido. Cada pessoa tem uma maneira diferente de conferir o conteúdo e decidir sobre a compra, alguns consultam o índice, leem algumas páginas da história, verificam o tamanho da letra e levam em consideração também alguma indicação de um amigo que já tenha lido o volume.

A maioria das pessoas compra livros para serem lidos, ou pelo menos, consultados. Quando um livro é comprado pela capa, esta tem uma mensagem muito forte sobre o seu conteúdo levando o leitor a se identificar de tal forma com a

6 Entrevistas feitas na Feira do Livro de Pelotas, em novembro de 2009.

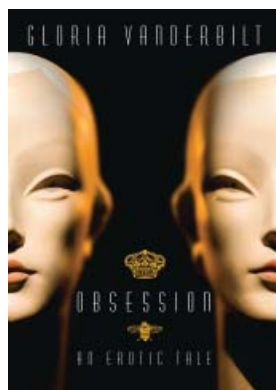


Figura 24 - Capa do livro Obsession, de Gloria Vanderbilt, projetada por Chip Kidd, 2009. Fonte: <http://www.goodisdead.com/>



Figura 25 - Capa do livro Olhos de Madeira, de Carlo Ginzburg, projetada por João Baptista da Costa Aguiar. Fonte: <http://www.joaoabaptista.art.br/>

mesma, que faz com que os outros elementos sejam ignorados; entretanto o que geralmente acontece é que ninguém compra um livro **só** por causa da capa.

Chip Kidd (Informação verbal<sup>7</sup>, Figura 23), um designer, autor e editor de livros norte-americanos durante uma entrevista ao QTV explica que a capa deve funcionar como um “amigo cupido”, seria como uma terceira pessoa que, ao conhecer uma garota solteira e um rapaz que procura uma namorada, apresentaria um ao outro. O papel da capa é apresentar ao leitor a história do autor, no entanto não há como saber se os dois vão namorar ou conversar apenas por meio minuto e nunca mais se verem; isto vai depender deles e de seus interesses, entretanto um bom “amigo cupido” não irá apresentar alguém que não condiz com as expectativas do outro.

João Baptista da Costa Aguiar (Informação verbal<sup>8</sup>, Figura 24), designer brasileiro que começou a trabalhar na década de 1990, afirma que a capa deve dar o máximo de informações sobre o livro em questão porém sem revelar tudo, visando

7 Informação verbal retirada de uma entrevista em inglês ao programa QTV. Traduzida e interpretada pela autora. Disponível em: <http://sobrecapas.blogspot.com> Acesso em: 27 nov. 2009.

8 Entrevista feita por Inimá Simões no Programa Sintonia, que foi ao ar no dia 20 de dezembro de 2009, na TV Câmara Federal na TV a Cabo NET.



assim estabelecer um jogo de sedução, da mesma forma que a lingerie deve mostrar mas também esconder, para não perder o encantamento ocasionado pela imaginação.

## 2.3 O MIOLO

O design do miolo ainda é menosprezado por muitas editoras. Como não é um fator determinante para a compra, muitas vezes os livros nem podem ser folhados nas livrarias e muito menos na internet. Não é depositada muita atenção nesta etapa do projeto. Muitas editoras têm um projeto padrão para todos os livros, sendo a mesma tipografia usada tanto para romances como para aventuras.

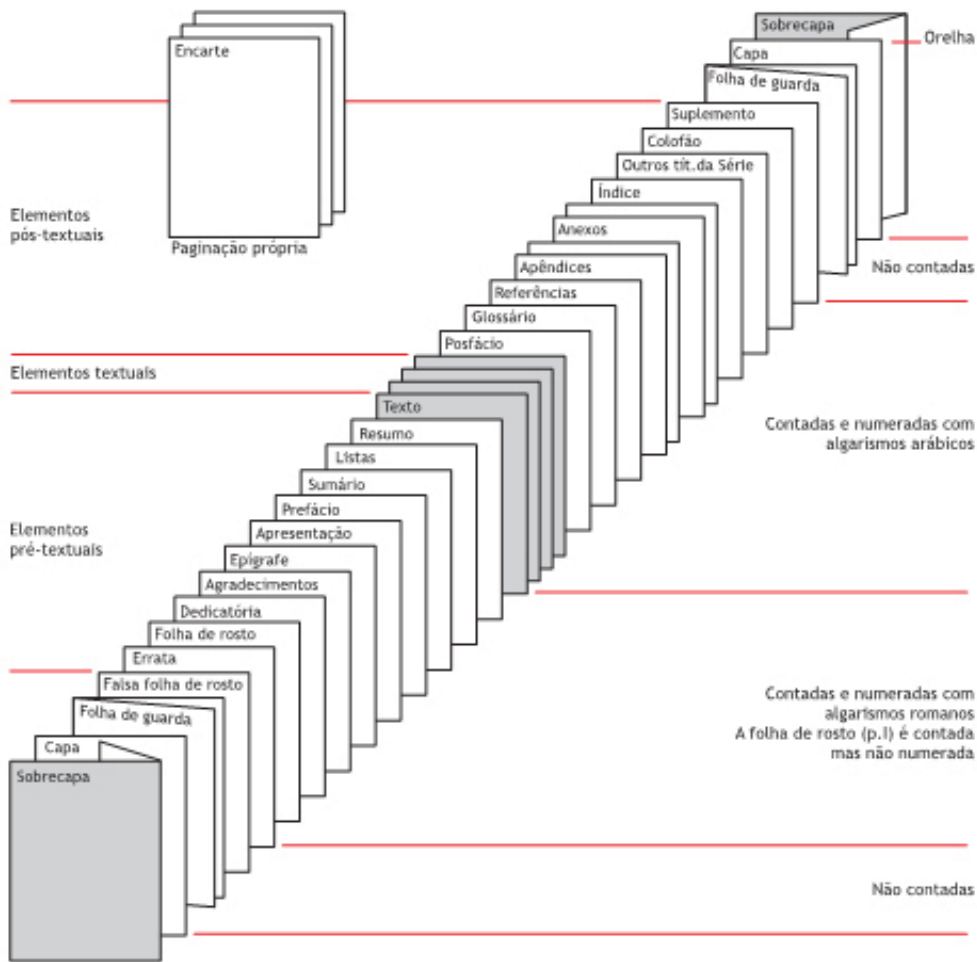
O leitor normalmente é envolvido pela leitura e tende a não reparar na influência da diagramação. Por falta de conhecimento, não sabe falar o que seria bom ou ruim. Uma das entrevistadas<sup>9</sup> diz que prefere quando as letras são maiores, mas em outra pergunta diz que antes de comprar só olha o resumo atrás do livro. O tamanho da letra e o espaçamento adequado para a leitura são vistos como bônus da compra e não como

---

<sup>9</sup> Entrevistas feitas na Feira do Livro de Pelotas, em novembro de 2009.

fator relevante para decidi-la. Isso se deve à capacidade do ser humano em se adaptar à realidade. Assim, se o assunto interessar a leitura será realizada mesmo que sinta dificuldade em efetuá-la. Entretanto percebe-se que a leitura será mais prazerosa e fácil quando não houver esses empecilhos. Para algumas pessoas, essa atenção especial com a parte interna pode ser vista como um presente acompanhado de um cartão que diz: “Lembrei de você.”

Para muitos indivíduos, imaginar o design do miolo é como “chover no molhado”, imaginam que não se tem muito o que variar de um exemplar para outro, pois que as páginas são praticamente iguais, fáceis de fazer, bastando para isso escolher uma fonte e logo estará pronto. Entretanto, não é assim que acontece. Richard Hendel (2006, p. 33) afirma que “os designers estão para os livros assim como os arquitetos para os edifícios”, ou seja, do mesmo modo que os arquitetos fazem especificações para a construção do edifício, os designers o fazem para os livros. “Mesmo o detalhe mais aparentemente trivial precisa ser decidido, e são exatamente essas minúcias que tornam bem-sucedido um design” (HENDEL, 2006, p. 33).



Observação:  
Nem todos os livros seguem rigidamente esta estrutura.

Figura 26 - Elementos textuais do livro. Fonte: FONTOURA, 2007, p. 7

Para dar forma às palavras do autor, Hendel sugere que “o designer deve saber ao mesmo tempo o *que* o autor está dizendo (o assunto do livro) e *como* ele está dizendo (as palavras reais que usa)” (HENDEL, 2006, p. 33 - grifos do autor). E há uma série de detalhes a serem decididos até o volume chegar às livrarias para o usufruto do leitor. Alguns desses elementos são ilustrados nas Figuras 25 e 26.

Hendel diz que “se a impressão é a arte negra, o design do livro pode ser a arte invisível” (HENDEL apud MARTINS FILHO, 2008). Plínio Martins Filho reforça essas palavras ao afirmar que quando o design é bem-feito, normalmente ele

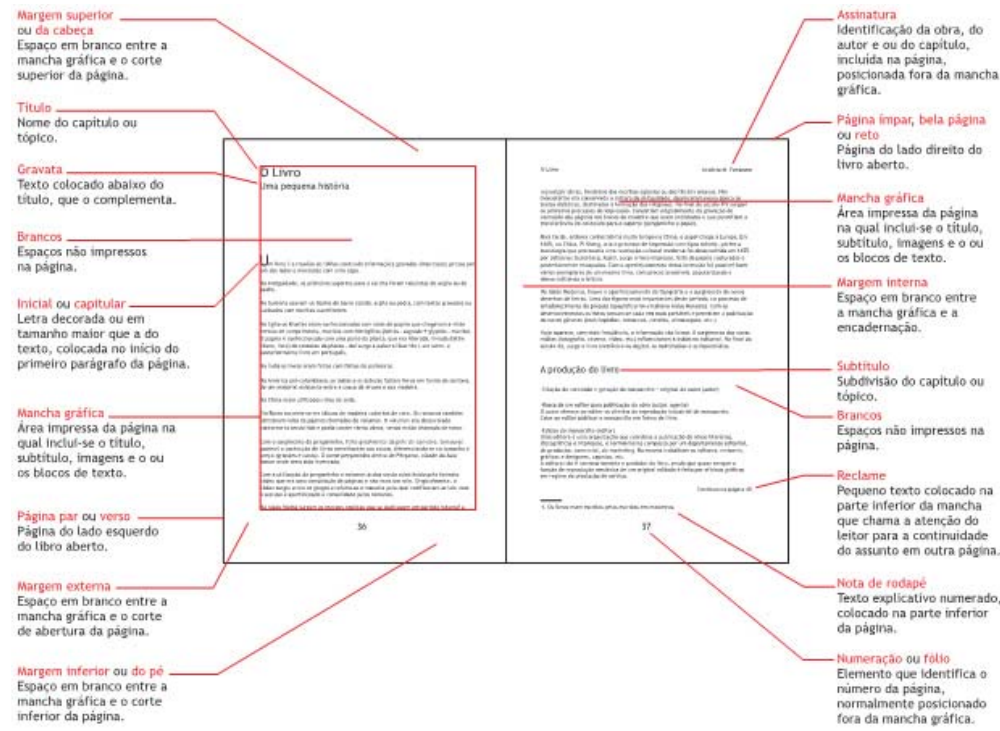


Figura 27 - Elementos textuais do livro. Fonte: FONTOURA, 2007, p. 8

não é notado pelo leitor, assim como quando uma casa é bem-feita não prestamos atenção na sua planta; somente quando algo atrapalha é que se percebe a maneira como as coisas são feitas. Exemplificando, quando não se tem espaço para o material de limpeza da casa, nota-se a falha do arquiteto ou, quando se tem dificuldade em folhear as páginas de um livro, percebe-se que o papel poderia ter sido melhor. O foco principal do livro é o seu conteúdo, “os textos não existem fora dos suportes materiais” (CHARTIER, 2002, p. 61), sendo assim muitos designers defendem que o design não deve servir como distração.

Norman (2008, p. 147 - 154) em seu livro *Design Emocional*, faz uma análise sobre filmes, que se encaixam nesse setor de “arte invisível”. Ele ensina que, quando vemos filmes, nos emocionamos junto com eles e esse sentimento atua no nível visceral, o que faz com que, quanto mais nos entreguemos a ele, melhor será a experiência com o filme. Logo, se uma cena nos encanta pela maneira como foi feita, passamos a pensar na técnica e não temos uma experiência total, pois a atenção do cérebro não vai estar focalizada na emoção e sim dividida entre o reflexivo e o visceral.

Muitos designers acreditam que o livro deve ser atemporal, já que ele vai durar muito tempo, por isso o ideal seria que não se seguisse modismos, que se tornam ultrapassadas em curto prazo; entretanto, “a atemporalidade pode ser inatingível” (HENDEL, 2006, p. 12). Somos produtos da sociedade em que vivemos e, conseqüentemente, o que fazemos reflete esse mundo. De acordo com W. A. Dwiggin (apud HENDEL, 2006, p. 12), o texto é produzido para ser lido agora e, portanto, pode ser suscetível a inovações, mas Hendel adverte que se for para modificar o padrão, o ideal seria que fosse para acrescentar sentido e não simplesmente para trazer alguma novidade. Ele acredita que essa mudança deva estar coesa com o texto que o autor está apresentando. David Carson defende que um texto que é apenas legível pode não passar a mensagem certa ou não enfatizá-la de forma adequada (apud MARTINS FILHO, 2008, p. 31), preferindo assim, uma certa ilegitimidade em favor da leiturabilidade.

## 2.4 SEPARANDO AS PEÇAS DO QUEBRA-CABEÇA

O design de livros está cercado por uma atmosfera de dogmas estabelecidos ao longo dos anos. Muitos designers têm esses conceitos elevados num patamar e outros os desconsideram completamente e inventam novas regras a cada projeto. Para Hendel, “todas as regras e convenções contêm algo do clichê que as envolve. (...) Elas devem ter, ou devem ter tido algum dia, validade bastante para torná-las úteis. (...) não são obsoletas, mas tampouco são absolutas” (HENDEL, 2003, p. 24). Antes de subverter as regras, é interessante conhecê-las e saber o porquê que elas existem. Visando o resultado almejado, o designer saberá optar em segui-las ou não.

Hendel (2006) discorre que o design do livro começa pelo formato. O livro pode possuir qualquer feitio, mas o mais comum é o retângulo vertical, tanto pelo costume quanto pela praticidade. Normalmente antes de o designer pensar no livro, seu formato já está pré-estabelecido, pois os fabricantes de papel produzem material para certo número de tamanhos, tornando caro o projeto que sair do padrão. Um dos motivos que torna tão difícil fazer um formato horizontal é o sentido da

fibra do papel. Quando se dobra um papel, é preciso que se observe esse detalhe, de forma a evitar problemas na encadernação, assim, “formatos mais largos exigem papéis especiais com a fibra na direção contrária” (HENDEL, 2006, p. 35).

Outro elemento importante que Hendel aponta são as margens da folha. Para Bringhurst, as margens tem três tarefas: amarrar, emoldurar e proteger, como se pode perceber em suas palavras:

Elas precisam *amarrar o bloco de texto à página e amarrar as páginas opostas uma à outra* com a força de suas proporções. Em segundo lugar, devem *emoldurar o bloco de texto* de um modo que se ajuste ao seu desenho [da tipografia]. Finalmente, precisam *proteger o bloco de texto*, facilitando a visualização do leitor e tornando o manuseio conveniente (noutras palavras, deixando espaço para os polegares) (BRINGHURST, 2005, p 181. Grifos do autor).

Como brinca Marcia Grossmann, muitos leitores preferem usar as margens para “escrever anotações e conclusões pessoais sobre o texto” (GROSSMANN, 2002, p. 64). Pensando também nisso muitos designers oferecem margens generosas em pelo menos um dos quatro lados da margem da página. Convencionalmente, quando o livro possui uma leitura contínua,

procura-se fazer páginas espelhadas (simétricas uma a outra), para criar uma unidade quando o livro está aberto. Por conseguinte, muitas vezes a margem interna é pequena, o que para alguns agrada, pois transforma, visualmente, as duas páginas em uma, e para outros desagrada, uma vez que se estabelece uma dificuldade para a leitura dos finais de frases da página par e para os inícios da página ímpar.

A tipografia do texto “é a base de todo resto” (HENDEL, 2006, p. 35). Antes do uso do computador, era mais difícil variar os tipos, pois além da tipografia ter um custo alto, consumia muito tempo fazer diversas provas de página, para escolher a letra. Sendo assim, costumava-se optar por aquilo que já se tinha conhecimento do bom resultado. Hoje em dia, a experimentação pode ser constante. Hendel comenta que o tempo que ele economiza (comparado com seus projetos antes da informatização) fazendo os layouts no computador, ele gasta em dobro, experimentando mudanças nos mesmos: como funciona uma tipografia ou outra, um pouco mais à direita ou à esquerda, maior, menor, etc. A respeito das opções de famílias tipográficas, ele brinca: “Sempre achei absurdo classificar o tipo como masculino ou feminino, mas pode ser esse o motivo

da existência de um número tão grande de fontes – elas estão se reproduzindo” (HENDEL, 2006, p. 36).

Em um livro mal desenhado, as letras, pulverizadas, postam-se como cavalos famintos no campo. Em um livro desenhado mecanicamente, elas assentam como pães mofados e carne de terceira na página. Já em um livro bem-feito, no qual designer, compositor tipográfico e impressor fizeram, todos, o seu trabalho, as letras estão vivas, não importa quantos milhares de linhas e páginas tenham de ocupar. Elas dançam em seus lugares. De vez em quando, levantam-se e dançam nas margens e nos corredores. (BRINGHURST, 2005, p 25).

Além de eleger uma fonte que convide à leitura e honre o texto que representa, na escolha da tipografia, o designer deve levar em conta as necessidades do texto; por exemplo, se o autor costuma grifar muitas palavras, a fonte eleita deve ter um bom itálico; se o texto possui muitos níveis de subtítulo, um bom negrito; se tem muitos numerais ou muitas siglas, deve possuir esses caracteres bem-feitos; enfim, a família tipográfica deve suprir as necessidades do texto.

A legibilidade é outro fator essencial. Muitos acreditam que letras com serifa ajudam na leitura, entretanto têm

muitos estudos que provam o contrário. “O mais correto é que lemos com mais facilidade quaisquer formas de letras que estamos acostumados a ver” (HENDEL, 2006, p. 19). No entanto, o cérebro humano se adapta às situações novas, se adapta. Para Merle Armitage, “um livro muito difícil de ler é inútil. Mas achar que a impressão deve servir apenas à função da legibilidade é o mesmo que dizer que a única função da roupa é cobrir a nudez” (ARMITAGE apud HENDEL, 2006, p. 16). Hendel ensina que a legibilidade de um tipo é definida pela maneira de uso, como o corpo, a entrelinha, o número de caracteres em uma linha, uma vez que tudo influencia no resultado final.

O parágrafo serve para marcar uma pausa, introduzindo um novo assunto. Existem diversas formas de indicar essa mudança, sendo que a mais comum, talvez mais eficiente, é o recuo interno no início da primeira linha. Outro tipo de parágrafo utilizado é o francês, que costuma funcionar melhor em notas de referência, onde a primeira palavra ou numeral que indica a frase são procurados. Nesse tipo de parágrafo a primeira linha é recuada para fora do texto, saindo da mancha do

mesmo. Essa pausa, entre outras formas, também pode ser marcada por um espaço maior entre os parágrafos ou, ainda, pela impositação de um símbolo com a continuação do texto na mesma linha.

Dentre as escolhas tipográficas também pode-se optar por algarismos alinhados ou antigos. Comumente os algarismos antigos (oI23456789) são usados no interior do texto e são projetados para se “disfarçar” no meio dele, possuindo um desenho com ascendentes e descendentes da mesma forma que as letras caixa-baixa, mantendo a mancha de texto da página uniforme. Os algarismos alinhados (0123456789), como o nome já diz, ficam alinhados entre si, são os que a maioria das pessoas conhece, sendo que todos possuem a mesma altura, e “ficam mais a vontade” em meio às maiúsculas. Da mesma maneira que existe uma “etiqueta” tipográfica para os algarismos, existem para outros detalhes, como para usar o hífen ( - ), o travessão ( – ), as aspas, as versais (ABCD) ou versaletes (<sub>ABCD</sub>) etc. Sobre as citações, alguns autores as definem como um problema, pois almejam que elas se integrem ao texto (e não sejam “puladas” pelos leitores) e

também se diferenciem das palavras do autor que as menciona, ocorrendo também dúvidas sobre sua melhor localização e tipografia.

Os elementos pré-textuais são vistos, por alguns, como uma continuação da capa, uma vez que devem ambientar e preparar o leitor para o que vem a seguir. As primeiras páginas que recebem o leitor são a de ante-rostro e em seguida a página de rosto. Como já foi comentado no primeiro capítulo, a página ante-rostro ou falsa folha de rosto foi inventada quando os livros eram vendidos sem a capa, para proteger sua sucessora, que seria a página “protagonista”, com o título e autor do livro. Hendel reclama que não sabe por que ela existe até hoje, mas muitos designers gostam de projetá-la.

A página de rosto é um desenvolvimento das páginas de abertura de capítulo. Os elementos e as relações criados dentro do livro devem estar presentes aqui sob o melhor aspecto possível (David Bullen In: HENDEL, 2003, p. 101),

como uma mostra dinâmica do que vem pela frente. Ela “deve refletir o design do livro em todos os seus aspectos, mas não necessariamente imitá-los” (ANITA WALKER SCOTT In: HENDEL, 2003, p. 183).

Muitas editoras seguem o “estilo da casa” para a página de copyright. Hendel afirma que esta página deve ser projetada de acordo com o resto do design do livro, porque ela é o “anúncio legal de quem é o proprietário do texto” (HENDEL, 2003, p. 57), Tschichold (1902-1974)<sup>10</sup> a comparava com os créditos nos inícios do filme, que como são enfadonhos e indesejados devem ser colocados no final. Hoje em dia, todos os filmes mostram os longos créditos no final, aparecendo no início só o nome dos personagens principais, como o diretor e os protagonistas. No caso dos livros, alguns apresentam a página de copyright no fim, mas o mais comum é ela estar no início. Hendel afirma que “pode-se julgar o design de um livro pela página de copyright” (HENDEL, 2003, p. 33). Ron Costeley garante que quando quer formar uma opinião sobre o design de um livro, a primeira página que olha é a do copyright, posto que ali ele já tem uma “pista sobre o controle que o designer tem do livro e o cuidado com que ele foi exercido” (Ron Costeley In: HENDEL, 2003, p. 129).

A página da dedicatória também tem suas particularidades, pois é uma página inteira para poucas palavras. A maneira

---

<sup>10</sup> Jan Tschichold foi tipógrafo, designer gráfico, professor e escritor. Ele escreveu o livro “A forma do livro”, que é um guia prático sobre a estética dos livros e tipografia.

como o design a apresenta pode fazer toda a diferença, transformando-a “numa linha de texto vulgar ou num cartão de presente para a pessoa” (HENDEL, 2003, p. 57). Richard Hendel explana que muitas vezes o autor muda a dedicatória, ou a pessoa a quem está dedicando, no meio do processo do design e este designer odeia quando isso acontece. Como são poucas palavras que estão em jogo, sua visualidade, seu tamanho, suas letras influenciam muito o layout e, ao ser trocada uma palavra, toda a página deve ser repensada.

A diagramação das páginas de epígrafe, prefácio ou agradecimento depende do que é dito e de sua extensão. Se for uma escrita mais longa o design “relaciona-se facilmente com o do texto principal do livro” (HENDEL, 2003, p. 57), mas se for mais curta pode ter uma diagramação diferenciada, assim como a dedicatória.

O sumário precisa identificar a hierarquia do texto, seus capítulos e subtítulos. Pode ainda usar o recurso de separar por seções, ou diferenciar visualmente a matéria pré e pós-textual do texto. Para a confecção desta página o ideal é que o designer se preocupe com a clareza das informações, pois o leitor que consulta o sumário, almeja “se achar” e não “se

perder”. Normalmente este começa em uma página ímpar, mas se seu conteúdo for muito extenso, abre-se a possibilidade de começar em uma par, de modo que o leitor tenha toda a informação em duas páginas dispostas lado a lado.

A matéria pós-textual costuma conter notas, bibliografia e índice. Os designers preferem as notas de fim às notas de rodapé, contudo estas últimas são as preferidas de autores e leitores interessados. O problema das notas é que elas quebram a leitura, não importando em que lugar estejam, e por isso alguns leitores se assustam com as mesmas. Paul Stiff (apud MARTINS FILHO, 2008, p. 98) prefere colocá-las no final do livro, pois afirma que o que as pessoas não veem, não pode machucá-las.

## **2.5 A RELAÇÃO DA CAPA COM O MIOLO**

A confecção do livro, ao longo da história geralmente ocorreu em etapas, que eram feitas por diversos profissionais, cada um de uma área de produção diferenciada, ocorrendo, muitas vezes, uma falta de comunicação entre as mesmas, pois cada uma responsabilizava-se por uma etapa independente, não



havendo a existência de um projeto em comum para unificá-las. Muitos livros, inclusive, eram vendidos em cadernos, para o próprio leitor encaderná-los, como foi visto no primeiro capítulo, que aborda a história do livro.

Hoje em dia, perdeu-se o costume do leitor encadernar seu livro à sua maneira, mas ainda está presente o hábito da elaboração do design de capa e o do miolo do livro serem feitos por pessoas distintas. Talvez para otimizar o tempo, ou por precisarem de um enfoque diferente, é comum os editores encaminharem os serviços dessa forma. Isso não ocorre em todas as editoras, nem com todos os livros, mas acontece um número de vezes considerável.

No livro de Richard Hendel (2003), *O design do Livro*, ele entrevista diversos designers que trabalham na área editorial. Grande parte desses profissionais projeta somente os miolos e alguns, raramente, também desenham as capas, mas em sua maioria, acreditam que o ideal seria o livro ser um objeto resultante de um projeto unificado, realizado pela mesma pessoa, ou, pelo menos, com a preocupação de transmitir uma mesma idéia.

Em oposição à maioria, Ron Costley (In: HENDEL. 2003 p. 129) acredita que não há necessidade alguma de integração entre as áreas responsáveis pela elaboração das partes de um livro, uma vez que cada uma delas possui objetivos diferentes, pois que a capa é extrovertida, devendo cumprir seu papel de atrair o leitor em potencial, servindo como propaganda do mesmo, e o miolo, sendo introvertido, tem a função de dar forma às palavras do autor, não necessitando para isso dialogar com a capa. Já com opinião divergente, Virginia Tan (In: HENDEL. 2003 p. 206) lamenta quando o editor passa para ela um briefing e para o capista outro completamente diferente, pois isso acaba gerando um objeto contraditório, podendo criar um conflito entre as partes.

Para Mary Mendell (In: HENDEL. 2003 p. 170), “relacionar a sobrecapa com o miolo do livro, sem negar sua função comercial, é parte do problema a resolver” dentro do design. Isto diz a favor de uma unidade, onde o trabalho executado possa ter um objetivo comercial a ser atingido tanto pela capa como pelo miolo. Para esses designers entrevistados por Hendel (2003), o processo de criação do livro varia, pois enquanto

que alguns leem todo o original do livro (isso é mais fácil acontecer quando este é de ficção), outros leem a introdução e folheiam o original, e têm, ainda, aqueles que leem apenas a informação passada e nada mais. A maioria tenta captar o espírito da obra, o tom da leitura, para fazer um design coeso com o texto, pois este “se tornará parte da experiência de leitura”(VIRGINIA TAN, In: HENDEL, 2003, p. 203). Muitos consideram que as páginas iniciais do livro – folha de rosto, sumário, copyright... – devem ser como uma pequena amostra do todo a ser lido, incluindo o ritmo e o estilo da leitura contida no volume.

Segundo Anita Walker Scott (In: HENDEL, 2003, p. 183): “A página de rosto deve refletir o design do livro em todos os seus aspectos, mas não necessariamente imitá-los.” Os participantes da pesquisa, efetuada por Hendel, concordam que o design dos elementos que compõe um livro devem estar todos interligados, da mesma forma que uma casa e suas peças, onde cada uma tem uma função e suas especificidades, mas todas devem estar imbuídas do mesmo estilo, integrando os diversos ambientes de uma mesma moradia. Outra analogia citada é quanto à escolha da tipografia para o texto, que deve

ser sobretudo legível, o que é confirmado pelas palavras de David Bullen (In: HENDEL, 2003) quando afirma que compor um livro com tipografia ruim seria “como construir uma casa com alicerces fracos” (apud HENDEL, 2003, p. 96).

Muitas vezes as tipografias dos textos que compõe os capítulos são diferentes dos tipos escolhidos para os títulos que os precedem, mesmo porque algumas que são legíveis e agradáveis em corpo 10, ao comporem o título em um tamanho maior não se harmonizam ao todo. O objetivo dos dois tipos de texto é diferente, pois ao passo que aquele que compõe o conteúdo propriamente dito é para ser lido, o outro, que compõe o título dos capítulos, é para ser visto, agregando assim ao

livro, valores subjetivos que auxiliam a transmitir o espírito do texto.

## 2.6 A ETERNIDADE DO LIVRO

Entre todos os profissionais, o designer gráfico parece ser um dos poucos que coleciona folders, flyers e afins. Pode-se observar que enquanto grande parte

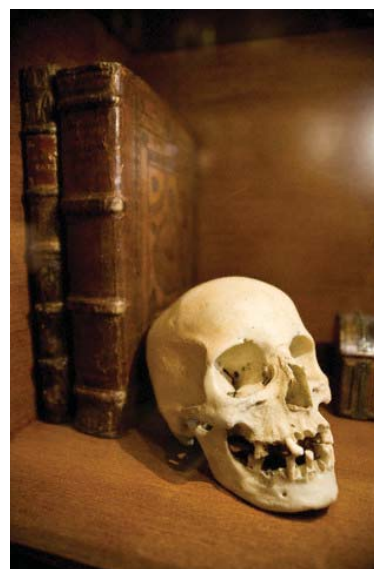


Figura 28 - Livro antigo acompanhado de uma caveira. Fonte: Richard T. Nowiz/Corbis.

das pessoas joga fora inúmeros folhetos, este profissional fica analisando e manipulando o material coletado, olhando-o em diferentes posições, em busca de detalhes interessantes e especificidades que possam passar despercebidas em um primeiro momento, como por exemplo, o nome do autor ou o tipo de impressão utilizada. Isto ocorre porque esses produtos podem constituir-se em uma importante contribuição para o seu trabalho, podendo servir-lhes de inspiração para projetos futuros, ou simplesmente para mantê-lo informado sobre o que está circulando atualmente por aí. Apesar da grande quantidade de trabalho oferecido nessa área, o impresso ainda mais adorado é o livro, talvez pelo fato de ser este o único tipo de elaboração gráfica feita para durar, uma vez que o destino mais comum de todos os outros é constituir-se em lixo (salvo a marca, que é intangível), pois as embalagens, os folders, os jornais, as revistas, todos têm um prazo de vida/uso relativamente curtos. O livro é feito para atravessar décadas e ainda ter credibilidade. Talvez seja por isso que tantos designers estão lançando livros com seus portfólios, (ROBERTS In: FAWCETT-TANG. 2007, p 10), tentando dar a seus projetos uma visualização mais longa.

Não é só para os designers que o livro tem uma importância alta; a relação da humanidade com esse objeto é muito antiga e, mesmo com toda a evolução tecnológica e com a internet, acredita-se que o livro não irá perder seu lugar. Caroline Roberts (2007, In: FAWCETT-TANG, 2007, p. 11) acredita que é justamente por essa profusão de telas e microcomputadores que nos rodeiam o tempo todo, que o livro físico ainda permanece entre nós, talvez porque ele nos proporcione um momento de repouso.

Outra vantagem do livro físico em relação ao o virtual é o fato dele ter peso, textura e superfície. Donald Norman (2008, p. 102) diz que no design o termo adequado para isso é “tangibilidade” e afirma que uma grande parte do nosso cérebro se ocupa com os sistemas sensoriais.

O mundo do software merece elogios por seu poder e capacidade camaleônica de se transformar em qualquer função que seja necessária. O computador proporciona ações

abstratas”(NORMAN. 2008, p. 103),

entretanto, o verdadeiro prazer da interação é “tocar, sentir e mover objetos físicos e reais” (NORMAN. 2008, p. 103). Os livros, por serem objetos tridimensionais, proporcionam

sensações visuais, táteis, olfativas, auditivas e cinestésicas a cada virada de página. “Estas sensações definem a qualidade da interação entre o leitor e o objeto” (FONTOURA. 2007, p 18). Quando o livro é consumido,

alguns fatores interferem neste processo, entre eles: o peso do livro, o seu formato e dimensão (tamanho), o tipo de encadernação, o tipo de papel utilizado (gramatura, cor e textura), a relação dimensional entre a mancha gráfica e o tamanho da folha, os brancos deixados na página (margens, aberturas, etc.), a tipografia utilizada no texto, nos títulos, subtítulos e notas (tipo, corpo, entrelinha, alinhamentos e comprimento da linha) abertura de capítulos e o uso de ilustrações (FONTOURA. 2007, p 18).

O fator principal que definirá a experiência do leitor é a “qualidade literária do texto mas, certamente, os aspectos visuais e gráficos contribuem de forma significativa na melhoria desta relação” (FONTOURA. 2007, p 18).

Samir Machado(2009) em seu artigo *Se hay e-readers, soy contra* (In: MACHADO, 2009), comenta como a memória dos livros que leu está ligada ao objeto que apresentava essas histórias. Ao se lembrar de um volume, recordava também do lugar onde havia lido, como estava emocionalmente naquele

momento, qual era a forma do exemplar, o tipo de papel, o peso, o cheiro, as cores. Todos esses elementos, comenta ele, “formam uma imagem simbólica daquela leitura na minha cabeça”(MACHADO, 2009).

Ele ainda discorre sobre outro detalhe inerente ao livro: as folhas. A sensação de progressão na leitura é sentida pela constatação da quantidade de páginas que já foram lidas e das que ainda faltam ler. Essa percepção é dada pelo número de páginas que aumentam à esquerda e, conseqüentemente, diminuem à direita, transmitindo uma resposta visual e estimulante do avanço do livro.

Para Machado(2009), da mesma forma que as pessoas ainda vão ao cinema, podendo ver os mesmos filmes em casa, as pessoas seguirão lendo livros de papel, mesmo podendo vê-los virtualmente, pois a relação que se estabelece ao entrar em contato com o livro-objeto é diferenciada e mais prazerosa.



Figura 31 - Capa e miolo do livro *Urubu*, de Henfil. Projetado por Odyr Bernardi. Fonte: Nativu Design

Figura 29 - Capa e folha de rosto do livro *Caraíba*, de Flávio Colin. Projetado por Odyr Bernardi. Fonte: Nativu Design

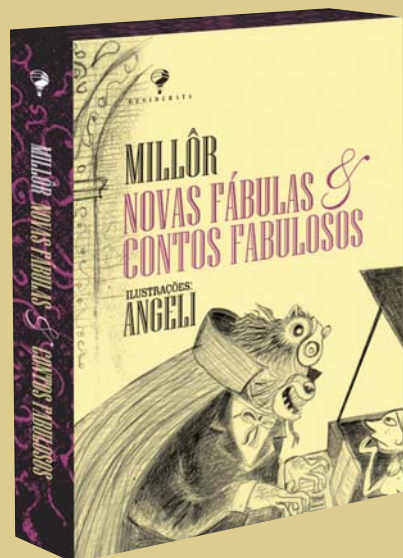


Figura 30 - Capa e lombada do livro *Millôr - Novas Fábulas & contos Fabulosos*. Projetado por Odyr Bernardi. Fonte: Nativu Design



## 2.7 DESIGNERS CAPISTAS

Para esta pesquisa foram entrevistados dois designers que trabalham com capas de livros, o primeiro deles foi Odyr Bernardy (Figura 28, 29 e 30) e o segundo Mariana Newlands (Figura 31, 32, 33 e 34). Bernardy é autodidata, entrou no ramo editorial por acaso. Sempre gostou de desenhar e acabou trabalhando em jornais e revistas. Após um tempo surgiu a oportunidade de trabalhar com livros, o que lhe pareceu uma boa idéia.

Newlands se formou em Desenho Industrial na PUC-Rio e Graphic Design/Computer Graphics na Parsons School of Design (NYC). Possui, também, Mestrado em Literatura na PUC-Rio. Em 2001 ela resolveu abandonar os empregos fixos e passou a trabalhar como free-lance para a maioria das editoras brasileiras.

Bernardy foi convidado para fazer parte do departamento de arte da Editora Desiderata. Ele criou tudo, desde o zero, fez o logotipo da editora e todos os livros que chegaram

lá. Trabalhou por dois anos até que a mesma foi comprada pela Ediouro. Nesse momento achou melhor se demitir, uma vez que preferia atuar em uma editora pequena, onde podia dedicar mais tempo ao trabalho e ter maior liberdade de criação. Ainda hoje trabalha como free-lance para a Ediouro, mas recebe apenas trabalhos que tem mais a ver com seu estilo. Citou vários exemplos de livros mais gráficos, oriundos de ilustradores, onde ele trabalhou a capa e o miolo, sempre buscando estabelecer uma relação entre ambos.

Normalmente as editoras não têm um departamento de arte; o mais comum é elas terceirizarem o design. É assim que trabalha Newlands; ela enviou seu currículo para diversas editoras brasileiras e hoje trabalha para a maioria delas. Quando a editora recebe um livro para publicação, ela já idealiza o que quer e seleciona o designer que melhor se adapta a esse perfil. Newlands não trabalha com livros técnicos, didáticos ou de auto-ajuda; faz apenas livros de ficção e não ficção - romances, contos, arte, biografia, história, ensaios e poesia.

Dependendo da editora, o designer pode receber somente a resenha do livro, ou o texto das orelhas, ou o miolo em pdf já diagramado, ou, às vezes, até o livro que foi publicado em

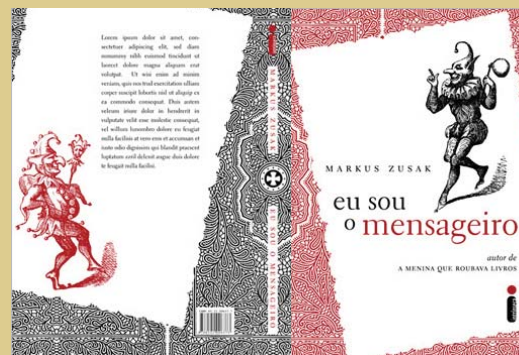


Figura 32 - Contracapa, lombada e capa do livro *Eu sou o Mensageiro*, de Markus Zusak. Projetado por Mariana Newlands, 2007. Fonte: <http://www.interludio.net/>



Figura 33 - Capa do livro *A Medida do Mundo*, de Daniel Kehlmann. Projetado por Mariana Newlands, 2007. Fonte: <http://www.interludio.net/>



Figura 34 - Capas da nova edição da obra de João Cabral de Melo Neto. Projetado por Mariana Newlands. Fonte: <http://www.interludio.net/>

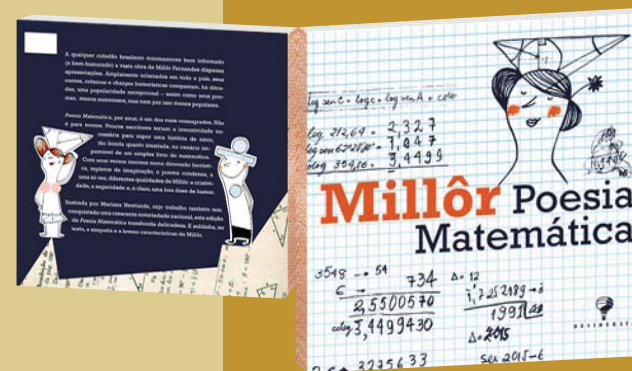


Figura 35 - Capa e contracapa do livro *Poesia Matemática*, de Millôr. Projeto gráfico e ilustrações de Mariana Newlands, 2007. Fonte: <http://www.interludio.net/>

outro país, quando é o caso de traduções, mas isso é muito relativo. Bernardy afirma que sempre gosta de ler o livro até formar uma idéia mental deste e é a partir dessa primeira impressão que irá trabalhar no layout. Revela ainda que não gosta de trabalhar em mais de um livro ao mesmo tempo, justamente para não perder essa primeira impressão. Newlands, por sua vez, além do material recebido, faz uma vasta pesquisa na internet sobre o autor, a história em questão e absorve tudo que é possível sobre o volume que irá desenhar; depois deixa as idéias “decantarem” e vai para o Photoshop.

Newlands afirma que nunca faz o design da capa relacionado com o miolo quando recebe este pronto, pois muitas vezes é o layout padrão da editora, sendo assim não está relacionado com a história em si. Algumas vezes já confeccionou livros que buscavam essa relação, mas isso só acontece em casos especiais.

Newlands normalmente busca em bancos de imagens, material para utilizar em suas capas e algumas vezes ela mesma as cria. Bernardy gosta muito de buscar no Flickr imagens, fotografias e até mesmo fotógrafos, com os quais muitas vezes conversa sobre os livros que está projetando, a

fim de verificar se os mesmos possuem alguma imagem que talvez possa ser utilizada. Os dois designers comentam que é muito raro encomendar fotografias específicas para a capa de um livro.

Bernardy sublinha que o fotógrafo que cede a foto para a capa deve estar ciente que ela irá sofrer alterações para se ajustar melhor a esse propósito, podendo o corte da imagem ser outro, algum elemento ser apagado ou acrescentado, entre outras modificações que venham a ser necessárias, pois para o designer é importante ter essa liberdade para criar um trabalho mais interessante.

Para finalizar, Bernardy conta que o que mais o fascina em trabalhar com livros é que o seu trabalho irá embelezar um objeto. Ao contrário da publicidade que pode enganar as pessoas, o design dos livros pode conquistá-las, transformando uma experiência simples de leitura em admiração; portanto, o designer está criando um objeto de desejo.

**3**

**O LIVRO  
COMO OBJETO**





### 3.1 PLANTANDO A SEMENTINHA

Se fosse feito um interrogatório para todas as pessoas do mundo sobre a opinião delas sobre os livros, as respostas seriam as mais variadas, pois existiriam desde aqueles que os amam até outros que os odeiam. Muitas crianças foram obrigadas a ler textos desinteressantes, às vezes até como castigo, e isso pode acabar gerando um preconceito com todos os outros livros que têm muito a oferecer.

Munari (1998, p. 221-231) em seu livro *Das coisas nascem coisas*, sugere um tipo de livro especial para crianças com idade em torno de três anos, pois segundo Piaget (apud MUNARI. 1997, p. 223) é nessa etapa da vida que se forma a inteligência. Seu livro seria uma coleção onde cada exemplar seria feito de material diferente, assim cada um apresentaria sensações ímpares, tanto no tato, quanto na audição, no olfato e na visão. A criança que os manejasse entraria em contato com tudo isso e assemelharia a idéia de “livro” com a de uma experiência nova e surpreendente a cada página.

Hoje em dia percebe-se uma atenção especial dedicada ao setor infantil, justamente para conquistar esses pequenos leitores da era digital. Nas entrevistas da Feira do Livro de Pelotas uma senhora de 92 anos, durante a entrevista, mostrou-se impressionada com a quantidade de crianças escolhendo livros e sabendo o que queriam; ela também acha importante que os pais as estavam acompanhando, e, às vezes, mesmo sem muitas condições, davam os livros para seus filhos. O resultado dessa estratégia encantadora para despertar o interesse das crianças pela leitura através dos livros infantis, ainda é desconhecida em termo de futuros leitores adultos. Por hora, é melhor voltar ao foco da presente pesquisa que são os adultos, ou seja, os pais, tios, avós e irmãos mais velhos desses pequenos.



Figura 36 - Menina escolhendo um livro na Feira do Livro de Pelotas, novembro de 2009. Foto de Rafaela Valente.

### 3.2 O PORQUÊ DA LEITURA

*“Lemos porque só assim o texto alcança uma existência comunicante e significativa.”*

*Cândido Oliveira Martins*

Depois que se aprende a decodificar aqueles sinais que significam um som e formam palavras, surge logo a vontade de se absorver tudo o que está ao redor, assim começa a tentativa de leitura do que diz no ônibus, na revista, na placa, até o momento da automação, onde se passa a decodificação de todos os códigos alfabéticos automaticamente; é como se o olho buscasse palavras, numa ânsia de saber cada vez mais.

Figura 37 - “Os círculos significam fixações, onde o olho realiza uma pausa e observa nitidamente. As linhas retas indicam as paradas (saltos do olho feitos adiante), as curvas as paradas regressivas (saltos feitos para trás).” (BUGGY, 2007, p. 99) Na parte de baixo ressalta a silhueta de uma palavra escrita em caixa-alta e, outra, em caixa-baixa. Como a silhueta da letra minúscula difere-se entre si, sua leitura é mais rápida.



### Leitura segundo Paul Valéry (1871-1945) é

um movimento regular, que se comunica e prossegue de palavra em palavra ao longo de uma linha, renasce na linha seguinte depois de um salto que não conta, e provoca em seu desenrolar uma quantidade de reações mentais sucessivas, cujo efeito comum é destruir a cada instante a percepção visual dos signos, substituindo-a por lembranças e combinações de lembranças. (VALÉRY, 1926)

Manguel (1997, p. 340) sublinha que lemos pelo prazer da leitura, e não apenas por decodificar aqueles sinais, buscamos seus significados e suas essências e a leitura é o meio de consegui-lo. Atualmente há vários tipos de leitores, que leem por diferentes motivos, por exemplo, alguns leem quando esperam: seja na parada do ônibus, na fila do banco, no serviço quando não há tarefas a realizar; resumindo, para fazer o tempo passar mais depressa; outros leem por obrigação, para passar na prova ou para aprender a alguma coisa nova da profissão e ainda têm aqueles que o fazem para viajar sem sair do lugar, para se envolver numa outra história, conhecer novas “pessoas”.

Lucia Santaella identifica três tipos de leitores através dos tipos de “habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas que

estão envolvidas nos processos e no ato de ler” (SANTAELLA, 2005, p. 10). Essas maneiras distintas de ler surgem no decorrer da história junto com as tecnologias que influenciam o comportamento do homem. Apesar de cada tipo aparecer em períodos seqüenciais, Santaella adverte que o surgimento de um não implica o desaparecimento do outro. “Ao contrário, não parece haver nada mais cumulativo do que as conquistas da cultura humana”(SANTAELLA, 2004, p. 11), assim, no mundo contemporâneo podemos encontrar leitores contemplativos, moventes e imersivos.

O leitor contemplativo ou mediativo surge no Renascimento e se mantém até o início do século XIX. O que caracteriza essa era é a imagem fixa, o livro impresso. O leitor tem o tempo ao seu lado, podendo usufruir da obra o quanto e quando quiser. Ele a revisita sempre que tiver vontade, seja, buscando-a em sua estante, que está ao alcance de sua mão ou voltando-se à parede cujo quadro que desejava está exposto. Ele sabe que vai estar ali, disponível, para sempre e se deleita o quanto e quando quiser.

O leitor movente ou fragmentado nasce nos centros urbanos, na popularização do jornal e de outros signos da

cidade. Este protagonista está sempre apressado, o tempo é curto e para ele as coisas são efêmeras, assim surge a necessidade de possuir uma “memória curta, mas ágil. É um leitor que precisa esquecer o que leu ou viu, pelo excesso de estímulos, e pela falta de tempo para absorver tudo que o rodeia. Um leitor de fragmentos, leitor de tiras de jornal e fatias de realidade” (SANTAELLA, 2004, p. 10). A cidade é tomada por sinais que precisam ser identificados em alta velocidade, “O leitor do livro, leitor sem urgências, é substituído pelo leitor movente. Leitor de formas, (...) direções, traços, cores, leitor de luzes que se acendem e se apagam” (SANTAELLA, 2004, p. 10).

Por fim, o leitor imersivo seria o leitor virtual, ele não esbarra mais nas informações, ele as busca numa rede com diversas opções, a partir de um toque ou de um clique, não se atendo mais a seguir sequencialmente as páginas, mas criando novas sequências. Está consciente de que em cada nó dessa teia podem surgir diversas informações ou até mesmo podem ser construídas outras. É possível, inclusive, encontrar-se facilmente pessoas para discutir sobre um determinado assunto, ou até entrar-se em contato prontamente com o

autor da história. Este leitor pode até revisitar o lugar onde já esteve, como fazia o leitor contemplativo, entretanto ele deve saber qual o caminho que o levou a esse lugar na primeira vez, para poder reencontrá-lo.

Atualmente esses três tipos de leitores convivem até mesmo dentro de uma mesma pessoa, porquanto se sabe que o ser humano tem a capacidade de adaptar-se a situações novas e para cada ocasião, elege um comportamento. Renato Ortiz, em *Cultura e Modernidade*, comenta que no século XIX, na França, com a modernização as pessoas já não tinham tanto tempo para apreciar as coisas belas da vida. Nos dias atuais o tempo parece passar ainda mais rápido, entretanto as pessoas estão aprendendo que elas precisam parar um pouco e descansar dessa dinamicidade que as rodeia e uma boa maneira de fazer isso é escolher um bom livro e se esquecer do mundo real.

### **3.3 O LEITOR POSSESSIVO**

Muitas pessoas sentem necessidade de possuir o livro que leem, não se contentando em consegui-lo emprestado,

absorver seu conteúdo e devolvê-lo. Alberto Manguel (1997) discorre sobre esse sentimento em alguns capítulos de seu livro *Uma História da Leitura*, onde diz que parece que o ser humano sente a necessidade de expor os seus livros lidos, para afirmar seu conhecimento e para servir de apoio a sua memória.

Antigamente os livros eram artesanais, ou seja, nenhum livro era igual ao outro. Com a industrialização, Manguel (1997) afirma que existe no homem uma necessidade de diferenciar aquele livro que passou pelas mãos do demais. Por esse motivo, muitas pessoas escrevem nos cantos das páginas, marcando passagens que chamaram sua atenção, imprimindo assim sua presença por onde seus olhos passaram. A relação de cada indivíduo com seu exemplar é diferente. Alguns riscam e rabiscam, conversando com o que o autor está dizendo; outros fazem marcas discretas, em lugares que só eles sabem; têm aqueles que elevam o objeto num pedestal, não



Figura 38 - Pessoa abraçando uma pilha de livros.  
Fonte: Ursula Klawitter/Corbis

ousam interferir naquela página bem concebida, limitando-se no máximo, a colarem um post-it com algum comentário; outros, com uma postura mais indefinida, sublinham com lápis, na esperança de que (caso seja necessário), possam apagar as marcas que ali deixara. (Já passei por essa experiência e percebi que era uma bobagem apagar as marcas anteriores, pois ao comprar um livro num sebo, todo marcado com lápis, cansei de usar a borracha na 3ª página; por fim, cansada, contente-me em usar uma caneta de outra cor, para diferenciar as minhas impressões da leitura).

Manguel (1997) expõe que gosta de guardar seus livros para se lembrar do leitor que já foi, recordar daquela tarde que deixou uma mancha de café bem no meio da página do livro, enfim, cada marca lembrar-lhe-á uma história. Nas entrevistas feitas na Feira do Livro uma senhora, pós-graduada, com mais de 40 anos, confessou: “Tem vários livros que eu já comprei várias vezes na minha vida, porque são marcos históricos na minha vida”. Na verdade, percebe-se que muitas pessoas se apegam aos objetos por causa das lembranças que estas trazem. Donald A. Norman (2008), no seu livro

*Design Emocional*, ensina que todos nossos objetos preferidos lembram uma história, uma época, um alguém..., e que é justamente por isso que se tornam especiais e únicos.

Quem foi que não passou pela experiência de ler um livro emprestado e não querer mais devolvê-lo? Quando se lê um livro, com este se estabelece uma relação muito forte, principalmente se a leitura é prazerosa e envolvente. Manguel(1997) comenta que quando a história termina, às vezes instala-se em nossa mente um choque de emoções e sentimentos contraditórios, pois ao mesmo tempo em que se fica feliz em saber o final da história, surge um vazio e uma tristeza por não haver mais necessidade de se entrar em contato com aqueles personagens, deixando-nos a mesma sensação de vazio que sentimos quando o nosso melhor amigo vai viajar e talvez não volte mais. Quando, no entanto, o livro está ali na estante, ao alcance das mãos do leitor, bastando apenas um esticar de braço para segurá-lo e lê-lo novamente, é como se fosse possível visitá-lo a qualquer momento e dessa forma sentir e saber que a distância não é tão longa e a saudade não é tão grande. Se ele nunca mais for folhado, será por falta de tempo ou perda de interesse, mas jamais pela ausência do objeto.

Amaury Fernandes (2001, p. 3-4) lamenta que com o capitalismo todas as expressões artísticas tornaram-se objetos de consumo: a música, a arte, o teatro, o cinema, a literatura... o que não pode ser considerado errado, pois todos os artistas precisam sobreviver; no entanto o que ele enxerga como um problema é o pensamento que aflora em muitas pessoas que passam a ter como objetivo principal o fato de possuir aquele objeto, ou seja, a prioridade passa a ser o sentimento de posse, negligenciando a experiência que poderia ser adquirida com aquela obra de arte, e que deveria ser o objetivo maior.

Como o livro é um objeto que suscita intelectualidade, muitas vezes os decoradores o utilizam para sugerir “cultura” em um ambiente. Não são poucas as histórias de profissionais que compram coleções de livros só para enfeitar o escritório, sem intenção nenhuma de realmente lê-los, ou sequer folhá-los. Também existe o caso dos compradores compulsivos de livros, que se encantam com o objeto, e não resistem à tentação de chamá-lo de seu. O problema, para esse tipo de consumidor, é o tempo, que nem sempre está a favor de tantas leituras. Hoje em dia, a oferta de livros é tão grande, que seria

impossível ler todos. A pessoa se vê pressionada a escolher um de cada vez e sempre espera ter feito a melhor escolha.

A capa deve servir para atrair o leitor, da mesma forma que a flor, com seu perfume, atrai a abelha que irá espalhar seu pólen. Ela deve mostrar, da maneira mais interessante, as palavras do autor, para que aquele público que se identifique com ela, tendo a percepção do conteúdo da obra, sentindo-se assim atraído e convidado a participar daquela história.

### **3.4 COMPORTAMENTOS QUE O LIVRO IMPÕE**

O design do livro tem influência no tratamento que a pessoa irá dar a esse objeto adquirido. Se for um livro muito grande, de capa dura, com um design bem elaborado, provavelmente ela irá comprá-lo para enfeitar a sua estante, pois que se torna difícil imaginar alguém levando esse tipo de livro para a cama e lendo-o antes de dormir, ou ainda, lendo-o sentado uma vez que este é muito pesado para ficar no colo; já se o livro for manuseável, mas com um papel melhor e páginas bonitas, o leitor vai talvez refletir, inclusive, sobre com qual caneta irá marcá-lo e, talvez até compre um marca-texto que

combine com o resto da diagramação; por outro lado, se o volume for confeccionado em papel comum, impresso em preto, não haverá uma preocupação maior em como marcá-lo, podendo correr o risco de que utilize primeiro material disponível à sua frente que sirva para ressaltar o que lhe chamou a atenção. Um livro mais caro, encadernado à altura, provavelmente será lido dentro do lar, da biblioteca, estando a salvo das intempéries da rua; já uma brochura barata, um *pocket book*, pode ter seus cantos amassados por ser carregado em uma bolsa, junto com todos os apetrechos do mundo feminino, por exemplo.

Com a popularização dos livros para viagem, o local em que o livro seria lido diferenciou ainda mais a produção dos mesmos. Aqueles que eram projetados para serem lidos em qualquer lugar deveriam ter como primeiro pré-requisito a facilidade de transporte, para que o usuário pudesse carregá-los para onde quer que fosse e, por este motivo, deveriam ser leves, pequenos e baratos. Os livros de viagem têm uma aura de material descartável; eles são comprados juntamente com os biscoitos, para serem igualmente consumidos no caminho. Em alguns lugares do mundo é comum que esses

entretenimentos de viagem sejam abandonados nos bancos do metrô quando sua leitura acaba.

### 3.5 A MANEIRA DE PERCEBER AS COISAS

Norman (2008), em seu livro *Design Emocional*, apresenta os resultados de uma pesquisa feita na década de 1990 por dois pesquisadores japoneses, Masaaki Kurosu e Karori Kashimura, e nela comprovam que objetos atraentes funcionam melhor.

Eles haviam estudado diferentes layouts dos painéis de controle de caixas eletrônicos de banco, sendo que todas as versões de caixa eletrônico eram idênticas em função, no número de botões, e na maneira como operavam. Algumas porém, tinham botões e telas dispostos de maneira atraente, outras não atraentes. Surpresa! Os japoneses descobriram que, na opinião dos usuários, **as atraentes eram consideradas mais fáceis de usar.** (NORMAN, 2009, p. 37, grifo meu)

Diante de coisas bonitas as pessoas tendem a se sentir melhores e assim pensam de maneira mais criativa. Se algo dá errado, olham para o entorno e procuram soluções alternativas, já se a pessoa está tensa ou irritada, costuma repetir a ação errada, conduzindo ao fracasso e a uma irritação ainda

maior. Emoções negativas também ajudam a cumprir algumas tarefas, por exemplo, quando temos pouco prazo para realizar um trabalho, a tensão e ansiedade aumentam a capacidade de focalizar a atenção naquilo que deve ser feito.

Ao contrário do que sempre se ouviu falar, que uma pessoa é racional ou é emocional, essas duas maneiras de pensar fundem-se em nosso cérebro e uma não trabalha sem a outra. Norman (2008) identifica três níveis de atuação sobre o emocional: o *nível visceral*, o *comportamental* e o *reflexivo*. “Esses três níveis operam entrelaçados e são identificados na nossa reação aos objetos, podendo ‘ser mapeados em termos de características de produto’, como sugere Norman” (DAMAZIO, Vera; MONT’AVÃO, Cláudia. Apud NORMAN. 2008, p. 14).

O nível visceral é o da resposta imediata, é ele que julga os valores, analisa se a situação é boa ou ruim, se é perigosa e se o corpo deve se manter alerta ou se pode relaxar e aproveitar porque não têm ameaças no entorno. O nível visceral sente as coisas e o reflexivo as processa e as explica. No caso do objeto livro, o nível visceral é estimulado no momento em que a pessoa olha a capa do volume; nesse primeiro momento



que ela vai decidir se gostou ou não e se o conteúdo interno pode vir a ser interessante.

Uma pessoa que não tem emoções, como as do estudo do neurocientista Antonio Damasio (NORMAN. 2008, p 32), é incapaz de tomar certas decisões que só dependem de sua vontade; por exemplo, se prefere ir ao cinema na terça ou na segunda-feira, pois nesse caso nenhuma resposta é melhor que a outra, não existe lógica para afirmar que a terça seria melhor que a segunda. O visceral também envia sinais para o nível comportamental. Assim, não é a toa que nossa conduta muda quando estamos nervosos ou ansiosos, pois todo nosso corpo responde aos impulsos do emocional.

Segundo Norman (2009, p 43), o nível comportamental não é consciente, por isso podemos conversar ou ouvir música enquanto dirigimos ou andamos de bicicleta, por exemplo. Como ele não é percebido conscientemente pelo indivíduo, muitos não reparam nem que estão folhando a página ao lerem o livro, seu foco principal está na história, mas o tato, o virar das páginas influencia na sua percepção. Por exemplo, os livros para as crianças e adolescentes não possuem um corpo de letra maior do que para os adultos por serem destinada a

leitores iniciantes e sim para ter menos texto em cada página, fazendo-os folhearem as páginas mais seguido e, consequentemente, dando ao leitor a sensação de estar “devorando” o livro. Dessa forma, este não ficará entediado pela falta de movimento.

Muitos músicos mantêm conversas enquanto tocam, pois seus dedos agem automaticamente e quando se perdem na melodia, precisam ouvir a si mesmos tocando “para descobrir em que trecho estão, ou seja, o nível reflexivo foi perdido, mas o comportamental funcionou muito bem” (NORMAN. 2008, p. 43).

O nível reflexivo está intrinsecamente ligado aos valores culturais, à vivência de cada um e suas lembranças. São respostas às convenções aprendidas na sociedade em que se vive; a essência do nível reflexivo “está na mente do observador” (NORMAN, 2008, p. 111). Ele também está muito ligado à auto-imagem. Os objetos que são escolhidos por alguém dizem muito sobre essa pessoa. Portanto se suas preferências de consumo são um relógio caro ou uma bolsa artesanal ou, ainda, se não compra produtos testados em animais etc, isto tudo irá definir sua forma de ser e ver o mundo.

Consequentemente estará demonstrando seus conceitos e se inserindo num determinado grupo que também prefere essas opções. Essas são decisões reflexivas e formam uma auto-imagem.

Dentro do mundo editorial, o nível reflexivo atua obviamente quando se medita sobre o que se leu, mas não é só aí que este se manifesta. Está presente também quando se lê um volume porque todo mundo está lendo, quando se compra um belo livro para exibir na estante, ou quando prefere-se esconder o livro a fim de evitar algumas interpretações a respeito de sua personalidade.

Algumas vezes, um nível desafia o outro. Norman dá o exemplo da montanha-russa, onde ao olhar o brinquedo o nível visceral sente medo e alerta o cérebro que não é um bom local para se ir, mas o reflexivo manda sinais afirmando que não tem perigo, que tudo está sob controle, que não passa de uma brincadeira.

De acordo com a história evolucionária do ser humano, já nascemos pré-dispostos a gostar ou não de uma série de coisas e isso nos ajudou a sobrevivermos. “A vantagem que seres humanos têm sobre os animais é nosso poderoso nível

reflexivo que nos permite superar os ditames do nível visceral, puramente biológico” (NORMAN. 2008, p. 51). Por exemplo, nascemos pré-dispostos a gostar de sabores e cheiros doces, objetos arredondados e lisos e pessoas atraentes, da mesma forma que não seríamos atraídos por sabores amargos, objetos pontiagudos e sons estridentes abruptos. Essas características ajudaram na sobrevivência humana e estão localizadas no sensor visceral, mas o ser humano não é tão simples assim, podemos aprender a gostar de sabores amargos e objetos pontiagudos e ainda achar beleza em coisas feias. “A atratividade é um fenômeno de nível visceral (...) a beleza examina por baixo da superfície, (...) ela é influenciada pelo conhecimento, pelo aprendizado e pela cultura” (NORMAN. 2008, p. 111). A aceitação de um objeto envolve vários fatores, e às vezes, “as deficiências de um aspecto podem ser superadas pelos pontos fortes de outro” (NORMAN. 2008, p. 111).

A missão impossível no mundo do design seria projetar algo que agradasse o mundo todo. O ser humano é muito complexo e uma pessoa é diferente da outra e, para complicar mais ainda a vida dos designers, a mesma pessoa pode se comportar de forma diferente dependendo do momento

em que vive, por exemplo, se estiver feliz irá preferir A, caso contrário odiará A e amará B. O profissional criador de objetos tem que aprender a lidar com isso e é por essa razão que hoje em dia os produtos são projetados para serem direcionados a determinado um grupo de pessoas em vez de abranger um público geral, já que “a aceitação de uma pessoa é a rejeição de outra” (NORMAN. 2008, p 53).

### 3.6 O QUE AS PESSOAS PENSAM NA HORA DE ESCOLHER UM LIVRO

No segundo dia da 37ª Feira do Livro da cidade de Pelotas/RS, em 1º de novembro de 2009, foram realizadas 40 entrevistas



Figura 39 - Pessoas escolhendo livros na 55ª Feira do Livro de Porto Alegre, em novembro de 2009. Imagem retirada do projeto “Expressões literárias”.  
Fonte: <http://www.flickr.com/felipeagne>

com homens e mulheres com faixa etária entre 17 e 92 anos. Os entrevistados possuíam escolaridade variada, desde ensino médio incompleto até pós-graduação. O objetivo da entrevista era levantar dados sobre o que levava os leitores a adquirirem um exemplar, quais os ícones do livro que serviam de estímulo à aquisição de uma e não de outra história.

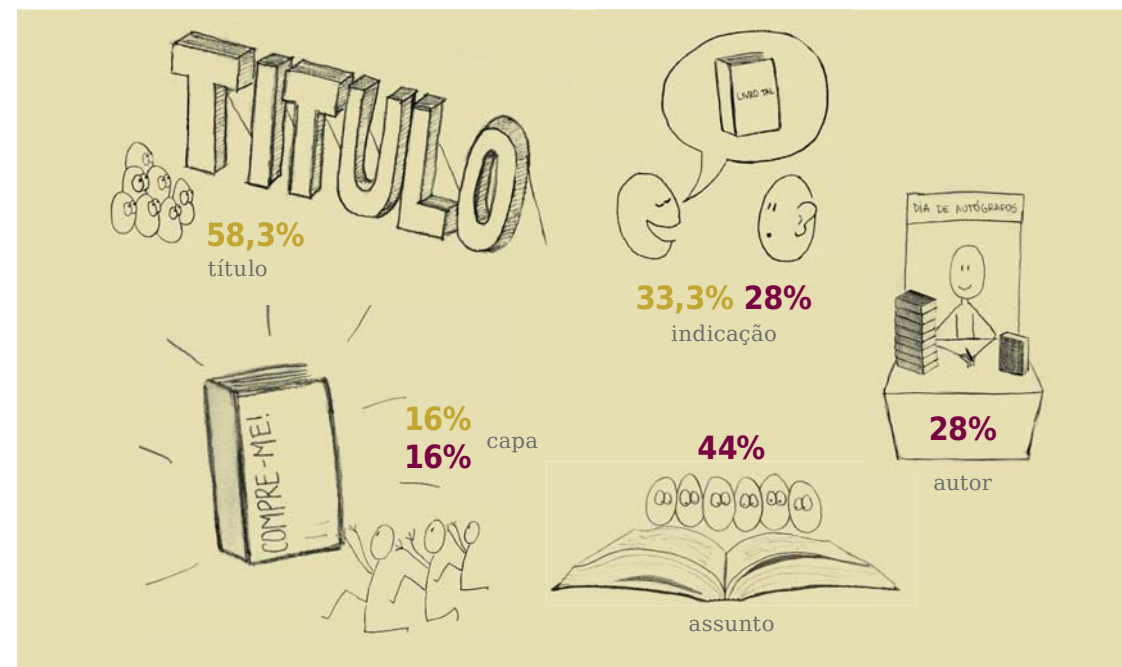
Como já era esperado, as respostas foram bem variadas tanto para aqueles que leem muito quanto para os que não tem tanto interesse em abstrair em uma leitura. Dos 40 entrevistados, uma senhora alegou que seu tempo de leitura já havia passado, seus olhos já não a ajudavam mais a ler. Além das respostas dessa senhora, as de uma adolescente também foi desconsiderada para este levantamento de dados, pois ela alegou não gostar de ler. Dos que responderam a maioria das perguntas, 13 liam até 3 livros por ano, 26 consumiam mais de 3 livros por ano e alguns chegavam a ler de 1 a 2 exemplares por mês. Para facilitar a diferenciação dos grupos chamarei de *grupo A* os que liam pouco, e *grupo B* os que liam mais de 3 livros por ano.

Para as pessoas que liam pouco, o que mais chamaria a atenção na hora de escolher um livro seria o título (58,3%)

e levariam em conta ainda alguma indicação de amigo ou da mídia (33,3%); já para aqueles que estão mais acostumados a ler, o mais importante é o assunto do livro, sobre o que ele fala (44%) e, além disso, consideram que a indicação da leitura também aumenta a segurança no momento da escolha (28%) assim como também é um fator decisivo o autor que escreve a obra (28%). Percebeu-se, que para alguns entrevistados, outros fatores preliminares á aquisição do livro são considerados, como o tipo de papel, o índice da obra, a resenha que consta no próprio livro ou em outros meios (revistas, internet) e, ainda, o tipo de linguagem que o texto oferece. Várias pessoas responderam mais de um item, ressaltando a importância do conjunto da obra.

Dos dois grupos destacados, apenas 16% de cada um respondeu espontaneamente que a capa era um fator importante na sua opção. A maior parte dos entrevistados confundia a capa em seu todo com o título, pois o significado deste tem um peso tão grande para as pessoas que elas não se davam conta de que a maneira que ele possa ser apresentado teria influência em sua percepção. Para elas o título diz mais sobre a obra do que a capa. Durante a conversa elas

### O que chama mais a atenção na hora de escolher um livro?



● Leem menos de 3 livros por ano (13 pessoas)  
 ● Leem mais de 3 livros por ano (26 pessoas)

### Já comprou por causa da capa?

25% Sim 36%  
 51% Jamais 51%

*ninguém compra livro só por causa da capa*

### Observa a parte de dentro antes de comprar o livro?

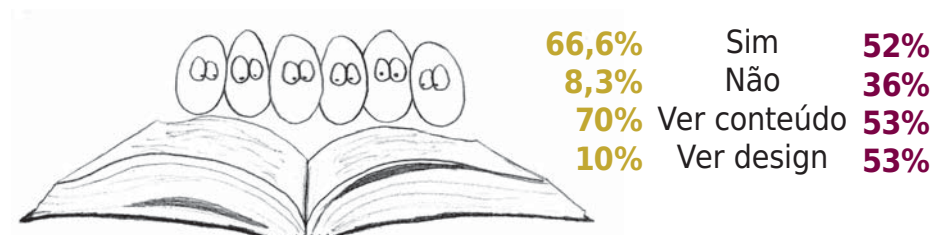


Figura 40 - Ilustração das respostas mais respondidas na entrevista.

admitiam, salvo algumas exceções, que seria a capa que as levava ao livro, mas se o assunto não interessasse, elas não comprariam apenas porque a capa as encantou.

Ao serem interrogadas se já haviam sido levadas a comprar um livro por causa de sua capa, 25% do grupo A e 36% do grupo B respondeu que pelo menos uma vez a capa teve grande influência em sua decisão de compra. Um pouco mais da metade de cada grupo afirmou que jamais havia comprado um volume por sua capa, ou pelo menos que esta não foi tão relevante a ponto de fazer parte de sua memória. Uma coisa que se notou na maneira das pessoas responderem é que existe certo preconceito quanto a julgar um livro pela capa. Elas insistiam em frisar que só se interessavam pelo conteúdo, como se tivessem medo de parecerem supérfluas ao admitirem que também apreciavam uma boa capa.

Além disso, foi foco da pesquisa saber se antes de adquirir um exemplar, a parte de dentro do livro era observada. Para essa questão 66,6% do grupo A disse que sim e 8,3% pronunciou que não; sendo que no grupo B, 52% deu resposta positiva e 36% negativa. No grupo A a maioria das pessoas olhava dentro para ler apenas um pedaço da história,

no grupo B 53% para ver o design e igualmente 53% para ver a história. Algumas pessoas observavam os dois quesitos, outras se informavam sobre a história na contracapa e dentro observavam a entrelinha, o tamanho da letra, etc, pensando no futuro exercício da leitura e buscando ver a qualidade do material que iriam adquirir.

Em várias questões houve opiniões muito divergentes, por exemplo, enquanto uma pessoa reclamava dos livros com letras grandes porque aumentava o número de páginas e o preço do livro, outros não se importavam, porque iam ter menos problemas de visão durante a leitura. Enquanto uma dizia que tinha que olhar dentro porque já tinha mais de 50 anos, e sua visão não era tão boa, outra senhora brincava dizendo: “Eu gosto de desafios.”

Hoje em dia as pessoas estão tão acostumadas a serem cercadas por objetos bonitos e feitos “especialmente” para elas por bons designers, que fica difícil um ou outro se destacar no meio de tantos. No cenário editorial, muitas vezes o preço alto de um exemplar não permite que o indivíduo o escolha entre outros, mesmo este sendo mais agradável esteticamente. Obviamente o conteúdo do livro é mais importante

que sua diagramação e, se este for realmente interessante para seu leitor, ele irá consumi-lo independente de ser uma leitura de difícil visualização.

Apesar de poucos leitores repararem na diagramação interna na hora da compra, esses detalhes que a compõe merecem a atenção dos designers, pois mesmo sem ser notada, intrinsecamente, esta auxilia na experiência da leitura. Ademais está provado por pesquisas que os seres humanos preferem adquirir coisas bonitas, como foi comentado anteriormente, no item *3.5 A maneira de perceber as coisas*.

Se a pessoa tem vontade de ler, ela não precisa ser estimulada por capas e entrelinhas generosas. Entretanto, quando se está em dúvida entre ver televisão ou ler um livro, se este último não for atraente – se a capa estiver danificada ou mal feita, se a letra for muito pesada... – a pessoa vai adiando a leitura, e, mesmo que o texto seja envolvente, ele não é descoberto e o indivíduo acaba optando pela televisão.

## 4 SEIS VISÕES DA MESMA HISTÓRIA

João Baptista(Informação verbal<sup>11</sup>) discorre que um dos motivos de ele gostar de fazer capas de livros é porque o designer pode escolher uma entre diversas formas de apresentar a mesma narrativa, dependendo do viés que o capista preferir. A fim de perceber essas diversas maneiras, decidiu-se analisar diferentes capas de livro de uma mesma história. Foi escolhido como objeto do presente estudo *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak, escolha essa que se deve ao fato de diversas pessoas terem admitido que o que mais as motivou a lerem essa história foi com certeza sua capa, isto ocorrendo com relação à versão brasileira. Outro fator que levou a esta seleção foi o fato de se tratar de um livro de literatura adulta, que é o foco deste trabalho.

É curioso observar que apesar do sucesso que essa capa fez, sua autora, Mariana Newlands, revela durante a entrevista

---

11 Entrevista feita por Inimá Simões no Programa Sintonia, que foi ao ar no dia 20 de dezembro de 2009, na TV Câmara Federal na TV a Cabo NET

que não sabe o porquê deste trabalho ter feito tanto sucesso.

Sobre o processo de criação da mesma ela diz:

Foi feito da mesma maneira que são feitos todos os livros, como contei, li o livro, pesquisei imagens, fiz 3 opções de capa e aquela foi a escolhida. Não sei dizer por que essa capa faz tanto sucesso, talvez por ser silenciosa em um universo de capas muito “barulhentas”, cheias de cores e apelos visuais. Gosto de capas assim caladas, com bastante espaço visual para a imagem respirar com calma (muita área branca de neve) e apenas a sugestão de alguma coisa, e não a coisa em si oferecida

diretamente. (NEWLANDS, 2009<sup>12</sup>)

Pesquisando na internet, descobriu-se muitas outras capas desse mesmo livro, algumas eram bem diferentes das demais já conhecidas pela pesquisadora, outras utilizavam a mesma imagem e trocavam a tipografia ou a posição dos títulos ou, ainda, as cores, em alguns detalhes. É interessante ver o que cada designer escolheu para representar o livro: as diferentes imagens, a maneira de colocar as letras. Todos introduzem bem a história e cada um enfatiza um lado da mesma. Para realizar as análises, elegeu-se seis, dentre as capas encontradas. Para quem está fazendo esta análise

---

12 Entrevista feita para esta monografia, está em anexo no trabalho.

neste momento, a que melhor traduziu visualmente o espírito do livro é a capa brasileira, mas esta opinião pode ter sido influenciada pelo fato da analista ter sido cativada pelo que ela define como paixão à primeira vista e pode afirmar que foi com a serenidade dessa capa que absorveu toda a história.

Dentro da esfera da análise foram desconsideradas as influências culturais de cada país, apesar de se saber que estas heranças têm influência no trabalho do designer, pois cada vivência e cada lugar geram repertórios visuais e concepções distintas. Hoje em dia, essa diferença é amenizada pela globalização, entretanto ela ainda existe. Este assunto também não foi abordado, pois requereria um trabalho mais aprofundado que poderá ser objeto de outra pesquisa. O interesse em utilizar um livro traduzido para vários idiomas é conseguir interpretações que sejam frutos de uma mesma época.

Outro fator que não foi julgado é a tangibilidade dos exemplares, pois reconhece-se que estes elementos que a compõe são essenciais na experiência da leitura e na decisão em prol da mesma, entretanto não foi possível obter um exemplar de cada país para que a análise do material pudesse ser realizada, do acabamento, à contracapa, ao miolo do livro etc.

Sendo assim, a análise foi feita apenas visualmente com as capas obtidas através de internet.

Neste livro, Markus Zusak(2005) conta a história de uma menina chamada Liesel, que nasceu na Alemanha nazista. Sua mãe, que era perseguida pelo governo, temendo a segurança dos filhos, leva-os para morar na casa dos Huberman. Nesse trajeto, seu irmão, ainda de colo, falece. Em sua nova família, Liesel encontra um lugar repleto de amor e bondade, principalmente naquele que viria a ser considerado seu pai, o senhor Hans. A ligação entre eles e o cuidado que este tem para com ela é algo muito bonito, que encanta a quem lê. Hans ensina Liesel a ler, utilizando o primeiro livro roubado pela menina: *O Manual do Coveiro*.

Quando a garota voltava do enterro de seu irmão encontrou esse livro no chão e o surrupiou sem que ninguém percebesse. Na rua Himmel, onde passou a ser seu novo lar, conheceu seu melhor amigo: Rudy Steiner.

A história é narrada pela Morte e, apesar de ser uma história triste, com momentos difíceis e acontecer em meio à ascensão de Hitler, é contada com uma ternura impressionante, cheia de metáforas poéticas belíssimas. A personagem



Morte é retratada como um ser bondoso, que apenas faz seu trabalho, não sendo responsável pelos acontecimentos; ela simplesmente recolhe as almas e as leva para onde devem ir.

No site da editora Intrínseca, que publicou o livro no Brasil, encontra-se uma sinopse bastante significativa que, mesmo tendo alguns fatos já comentados dentro desta pesquisa, julga-se interessante mostrá-la, por utilizar-se de outra linguagem e mencionar outros detalhes:

A trajetória de Liesel Meminger é contada por uma narradora mórbida, surpreendentemente simpática. Ao perceber que a pequena ladra de livros lhe escapa, a Morte afeiçoa-se à menina e rastreia suas pegadas de 1939 a 1943. Traços de uma sobrevivente: a mãe comunista, perseguida pelo nazismo, envia Liesel e o irmão para o subúrbio pobre de uma cidade alemã, onde um casal se dispõe a adotá-los por dinheiro. O garoto morre no trajeto e é enterrado por um coveiro que deixa cair um livro na neve. É o primeiro de uma série que a menina vai surrupiar ao longo dos anos. O único vínculo com a família é esta obra, que ela ainda não sabe ler.

Assombrada por pesadelos, ela compensa o medo e a solidão das noites com a convivência do pai adotivo, um pintor de parede bonachão que lhe dá lições de leitura. Alfabetizada sob vistas grossas da madrasta, Liesel canaliza urgências para a literatura. Em tempos de livros incendiados, ela os furta, ou os lê na

biblioteca do prefeito da cidade.

A vida ao redor é a pseudo-realidade criada em torno do culto a Hitler na Segunda Guerra. Ela assiste à eufórica celebração do aniversário do Führer pela vizinhança. Teme a dona da loja da esquina, colaboradora do Terceiro Reich. Faz amizade com um garoto obrigado a integrar a Juventude Hitlerista. E ajuda o pai a esconder no porão um judeu que escreve livros artesanais para contar a sua parte naquela História. A Morte, perplexa diante da violência humana, dá um tom leve e divertido à narrativa deste duro confronto entre a infância perdida e a crueldade do mundo adulto, um sucesso absoluto - e raro - de crítica e público. (ÍNTRINSECA)

#### 4.1 CAPA 1

A primeira capa a ser analisada é a brasileira (Figura 41). A capa é bem leve, as cores utilizadas são preto, vermelho e branco. O branco é predominante, compondo uma paisagem coberta de neve. Na parte superior esquerda tem a silhueta em preto de uma árvore sem folhas. Na parte inferior uma linha horizontal, levemente inclinada, que sublinha a capa, é uma estrada cinza onde uma figura que poderia ser a morte

caminha. Essa figura se encontra no canto inferior direito da página; está de perfil; ela é uma silhueta toda preta de alguém que veste um vestido comprido, como a famosa roupa que caracteriza a morte e segura um guarda-chuva vermelho. O título do livro está todo em caixa-baixa, um pouco abaixo do centro da capa e cada palavra tem um tamanho diferente. A parte “a menina que roubava” se organiza de uma maneira formando uma diagonal da árvore para a Morte. A palavra “livros” é centralizada logo abaixo e está destacada através do tamanho e da cor vermelha. O nome do autor está em versalete, menor e mais acima do título. No canto superior direito está o logotipo da editora, nas cores preta e vermelha, combinando com o resto do layout.

A capa não mostra nenhuma cena da história em especial, entretanto transmite seu espírito, a delicadeza como ela é contada. Ao mesmo tempo em que deixa transparecer a atmosfera do livro, deixa o possível leitor curioso sobre a história. É uma capa silenciosa, mas instigante.

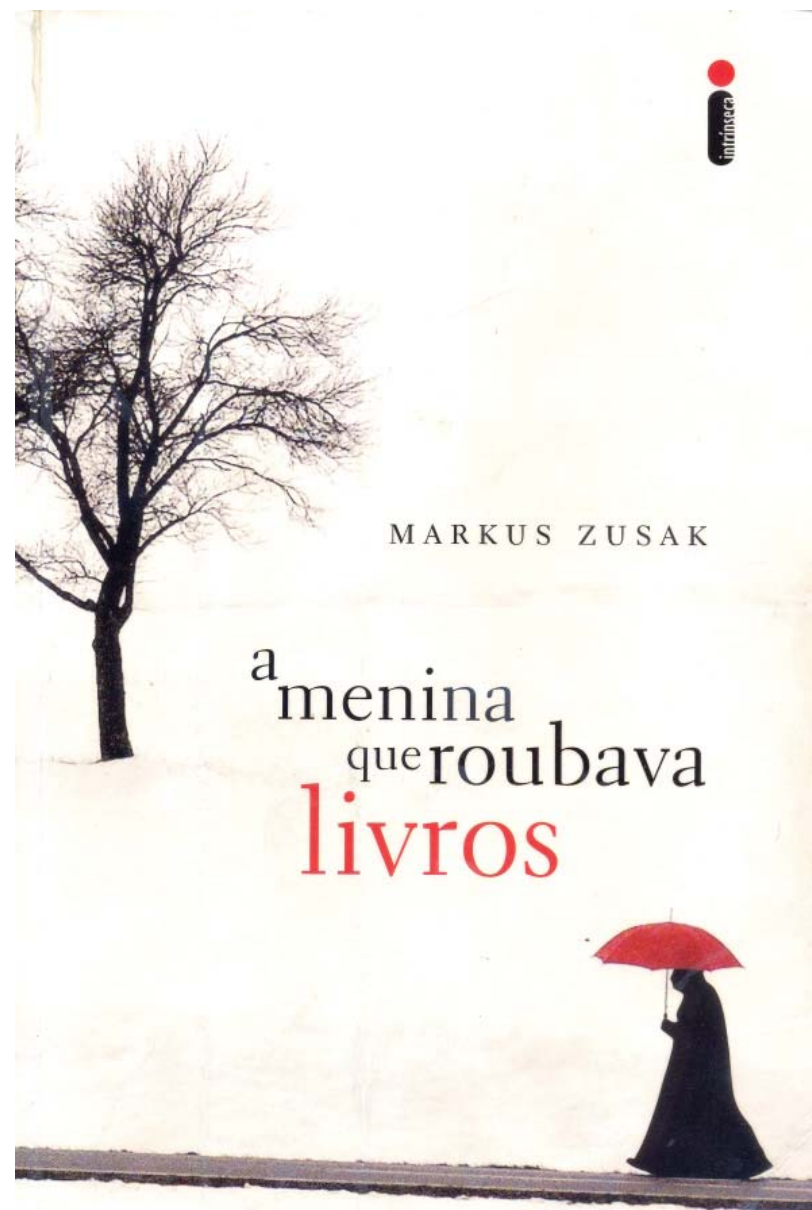


Figura 41 - Capa brasileira do livro, projetada por Mariana Newlands.

## 4.2 CAPA 2

*The book Thief* (Figura 42) traz uma imagem do famoso “efeito dominó”, onde as peças estão enfileiradas e a primeira, ao ser empurrada, derruba todas as outras. Essa imagem faz referência a uma cena da história. Na casa de Rudy Steiner, amigo da protagonista do livro, era comum brincarem desse jogo. Um dia um soldado nazista foi na casa de Rudy para convocá-lo a se integrar no exército de Hitler. Paralelamente à conversa do soldado com seus pais, as crianças brincam de dominó na outra sala e quando é descrito o estado emocional de seus pais, que estão arrasados com a notícia da convocação de seu filho, o primeiro dominó é empurrado. A capa traz tons envelhecidos, âmbar e preto, remetendo o leitor à idéia de que a história se dá no passado. Percebe-se que o dedo que está prestes a empurrar o primeiro dominó, é o de uma pessoa adulta, talvez remetendo ao próprio Führer, podendo ser quem desencadeia todos os horrores que aconteceram nessa época. Outro elemento a ser destacado é a relação

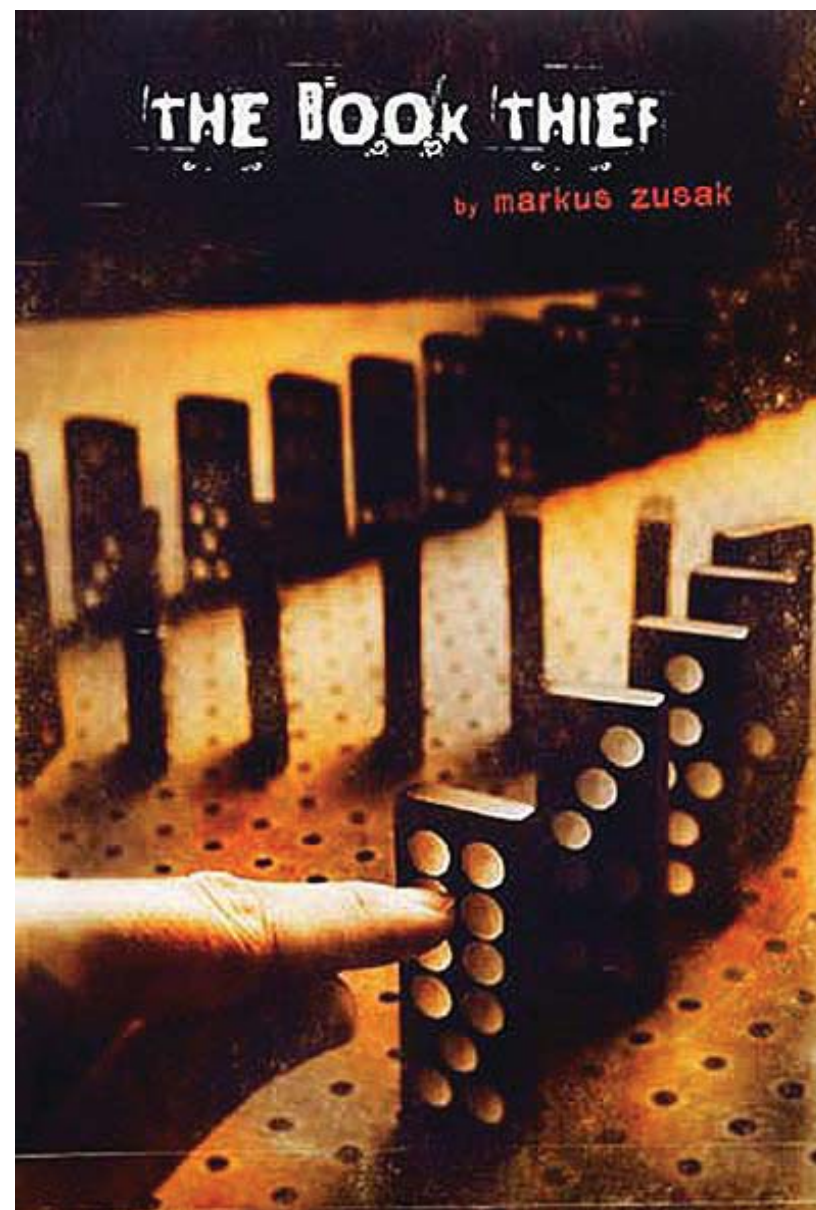


Figura 42 - Fonte: Internet

visual dos dominós com o chão, pois os dominós são pretos com bolinhas brancas e o piso o contrário.

O título está centralizado em cima da página, possuindo uma tipografia irregular e em caixa-alta; as letras são brancas sobre fundo preto; a tipografia possui um ruído na volta, que dá um tom mais fantasmagórico ao título, lembrando que a história é contada pela morte. O nome do autor vem logo abaixo, levemente inclinado, saindo do eixo central, em caixa-baixa e em vermelho. O desenho da letra lembra aquelas produzidas em máquina de escrever e também é irregular como se fosse feita com um carimbo. Esta capa lembra parece dar mais ênfase à guerra.

### 4.3 CAPA 3

Esta capa (Figura 43) traz explicitamente a alusão ao envelhecido, o fundo da página, a tipografia, a ilustração, enfim, todos os elementos remetem ao passado. A página simula a textura e cores de uma folha que sentiu o tempo passar, com manchas e tonalidades âmbar. O título do livro é escrito numa tipografia manuscrita, com falhas como se fosse escrita

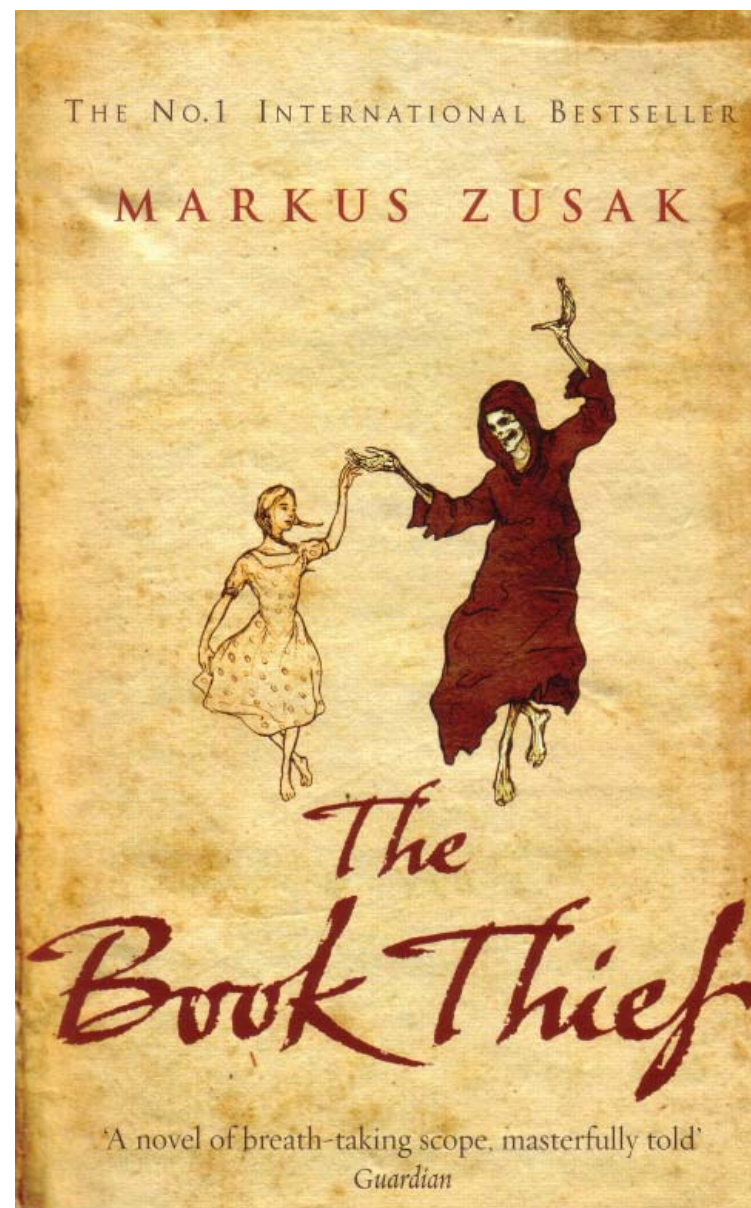


Figura 43 - Fonte: Internet

sobre um papel áspero. Parece que foi a própria narradora que escreveu o título depois de escrever a história. O nome do autor vem no cabeçalho do livro em versais e na mesma cor do título; vermelho-escuro, que pode remeter a sangue seco. Com exceção do título, a tipografia utilizada é romana clássica. A ilustração mostra uma menina dançando com a morte, o que de certa maneira tem a ver com a história do livro, pois Liesel é cercada pela morte do início ao fim da narrativa, o que não poderia ser diferente, dada a época e local em que a história se passa. A morte, ao narrar a história, afirma ter um encantamento especial pela menina, alguma coisa nela despertou sua atenção. No desenho, a criança veste trajes mais antigos, um vestido estampado, levemente rodado, que vai até os joelhos; ela está com duas tranças no cabelo. As duas estão descalças e dão a entender que estão se divertindo. A morte vem representada como uma caveira, com seu capuz e manto escuro. O estranho dessa capa é justamente essa apresentação da figura da morte, pois tem uma passagem do livro que ela se descreve afirmando que usa as vestes pretas, mas diz que seu rosto não é uma caveira e se o leitor quer mesmo saber, o aconselha a procurar um espelho. Neste exemplar,

além do título e autor do livro, há a presença de uma propaganda, que ressalta ser este o best-seller nº 1 internacionalmente e acrescenta ainda um comentário a respeito do livro.

#### 4.4 CAPA 4

A imagem de *La Voulese de Livres* (Figura 44) apresenta em primeiro plano cortinas vermelhas, amarradas com um cordão dourado e, em segundo plano, uma fotografia em preto e branco de uma menina deitada no chão, penteada com duas tranças e lendo um livro. A impressão que pode passar é que a capa está convidando o leitor a assistir aquela história, como se fosse uma peça de teatro. Os tons das imagens remetem a coisas envelhecidas, afirmando que a narrativa acontece no passado. O layout é simétrico. O título do livro aparece em branco e itálico e acima deste pode-se ler o nome do autor em amarelo ouro com tipografia romana serifada. Logo abaixo do título uma chamada da história. As informações textuais se localizam na parte superior da composição, com exceção da palavra *pocket*. Esta pode ser o nome da editora, ou talvez o nome da coleção; lembra uma etiqueta que foi adicionada ali

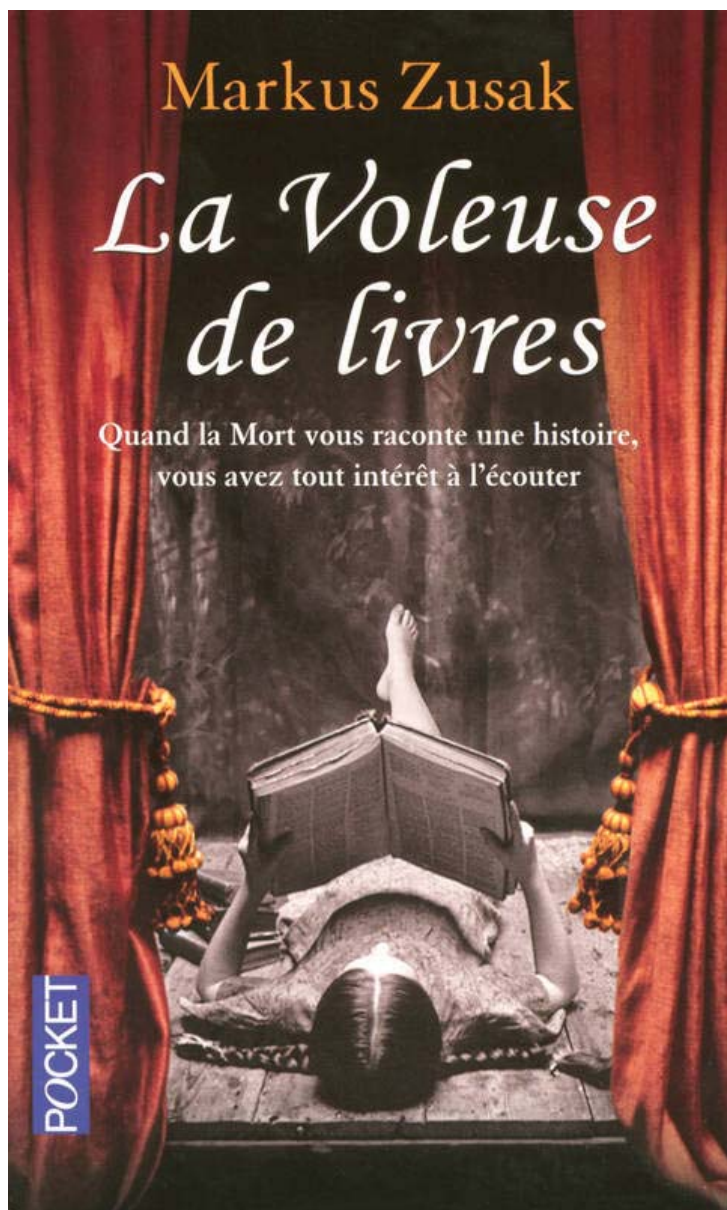


Figura 44 - Fonte: Internet

depois de o design estar pronto. Ela não dialoga com o resto da composição, principalmente por causa da cor lilás. A cena não remete o leitor a nenhuma passagem em particular da estória, mas de certa forma resume a personagem principal: uma menina apaixonada por livros. Na foto, ela está deitada no chão, não se preocupa em se sentar num sofá confortável, ela simplesmente se deita ali e deixa ser levada para o mundo das páginas, completamente absorvida pela leitura, talvez tentando dizer ao leitor o quanto de magia existe no interior do livro.

#### 4.5 CAPA 5

Nesta capa ( Figura 45) a imagem do cenário coberto de neve se repete, mas não é uma cena tão branca como na versão brasileira, pois possui várias árvores sem folhas ao fundo, que têm um tom mais acinzentado devido à profundidade da cena. Na parte superior esquerda têm uma árvore bem preta e, ao seu lado, quase centralizado na página, há um vulto de uma pessoa de semi-perfil, que mais parece estar de costas, usando vestes pretas, como se fosse a morte. Está cena

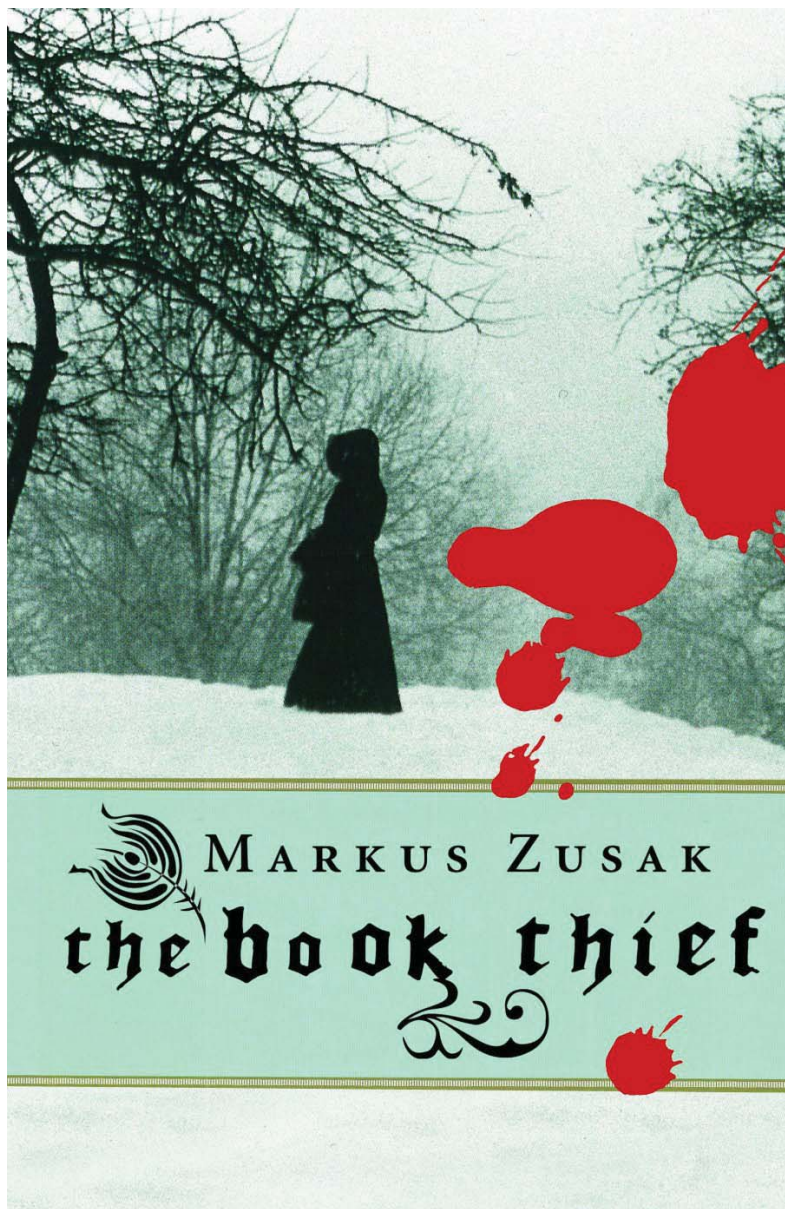


Figura 45 - Fonte: Internet

prepara o leitor para entrar no livro, já que a história começa num inverno coberto de neve e com a presença da Morte indo buscar o irmão da protagonista. Mais abaixo, como se fosse uma etiqueta sobreposta, um retângulo ciano carrega o nome do autor e do livro. O retângulo possui acabamento de 2 linhas douradas na parte superior e inferior. O nome do autor está acima do título em um corpo menor, composto em versais e versaletes em uma tipografia romana. O nome do livro está numa fonte gótica, que remete à Alemanha e possui ornamentos. A capa do livro dá a entender que está respingada de sangue, com manchas vermelhas sobre o layout. A capa tem um ar misterioso, lembra a guerra e todo sangue derramado pelos nazistas. A personagem está de costas para as manchas, como se não tivesse nada a ver com aquilo.

#### 4.6 CAPA 6

Esta capa publicada em Istambul brinca com elementos que remetem ao envelhecido antigo e ao contemporâneo. O envelhecido aparece por meio da textura da página, que têm manchas e coloração âmbar, característico daquilo que sofreu

a ação do tempo, a tipografia romana, com serifas também oferece um ar mais tradicional. As informações verbais estão centralizadas verticalmente na página. No cabeçalho está a propaganda de que aquela história é o Best-seller nº 1 pelo New York Times, logo abaixo em vermelho vem o título em caixa-alta. O nome do autor tem as iniciais maiúsculas e as demais letras em caixa-baixa, localizando-se na parte inferior da página. A quebra da simetria se dá pela ilustração e pelo logotipo da editora. A ilustração é a silhueta de uma menina, que, pela pose – com a mão na cabeça e a outra colada ao corpo, mostra-se perdida, tímida, confusa, assustada e/ou pensativa; ela está sobre uma linha fina que a separa do nome do autor. Há um grande espaço vazio no seu entorno, reforçando a idéia da insegurança e de que é pequena diante de tudo que acontece ao seu redor. O logotipo da editora aparece abaixo do nome do autor e está alinhado ao outro extremo da linha. É pequeno e, devido às cores, não se destaca sobre o layout.

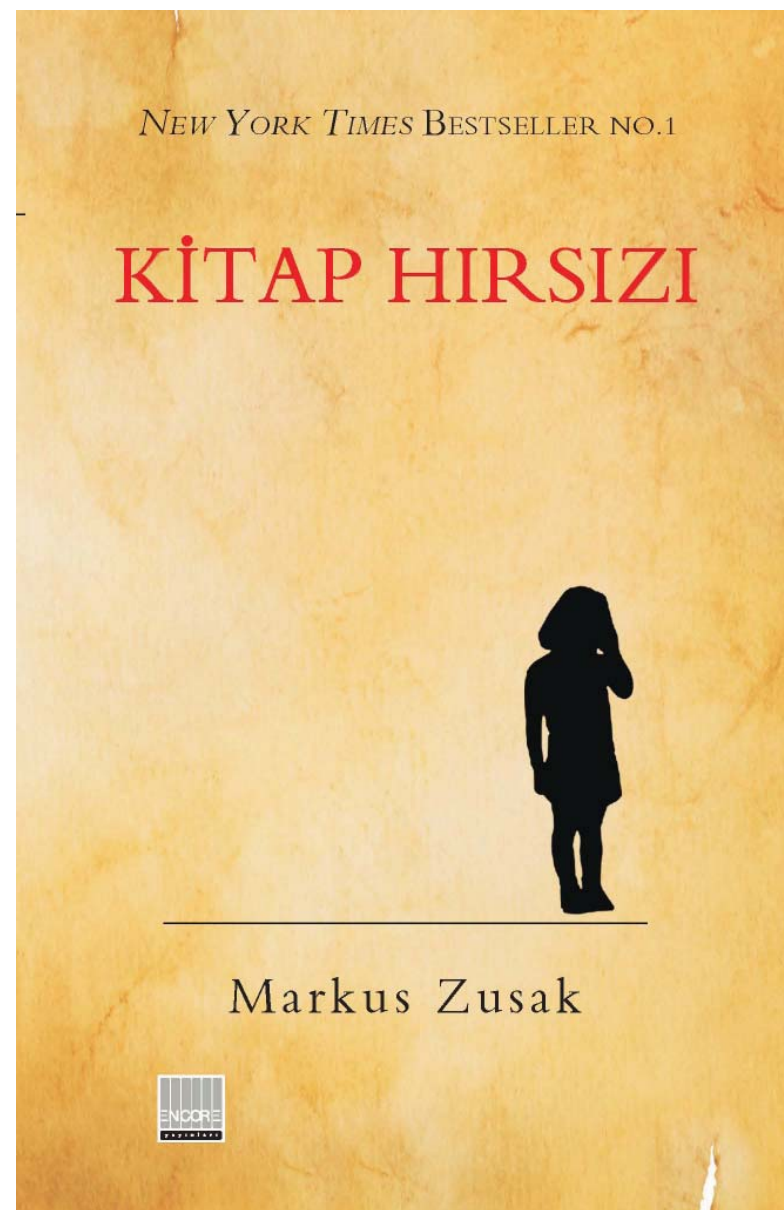


Figura 46 - Fonte: Editora Ecore/Istambul



## 4.7 AS 6 CAPAS



Das seis capas analisadas (Figura 37), percebe-se que alguns elementos se repetem. As capas de números 2, 3 e 6 possuem tonalidade âmbar, sendo que dessas três, duas se assemelham muito por terem as personagens soltas sobre um papel com textura de envelhecido. Entretanto, elas têm uma diferença fundamental pois que enquanto a capa de número 3 chega a ser irônica, apresentando a morte e a menina dançando e se divertindo, a capa de número 6 mostra a silhueta de uma menina perdida, tímida, o que é evidenciado pelo layout vazio no seu entorno e pela sua pose. A terceira capa que também exhibe uma garota, é a de número 4, a qual se diferencia das demais por ser a única que não situa a menina em uma paisagem e, sim, a apresenta dentro de um cenário, o que remete ao teatro, com cortinas vermelhas em primeiro plano, onde a criança é apresentada com uma tranquilidade inquietante. Ela



Figura 47 - Da esquerda para a direita: capas 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

está tão confortável ali, deitada no chão, que faz parecer que alguma coisa pode acontecer a qualquer momento. Com as cortinas, o designer frisa que o leitor é apenas um espectador, pois que a qualquer instante elas podem se fechar e ele pode não conseguir mais assistir ao final da história.

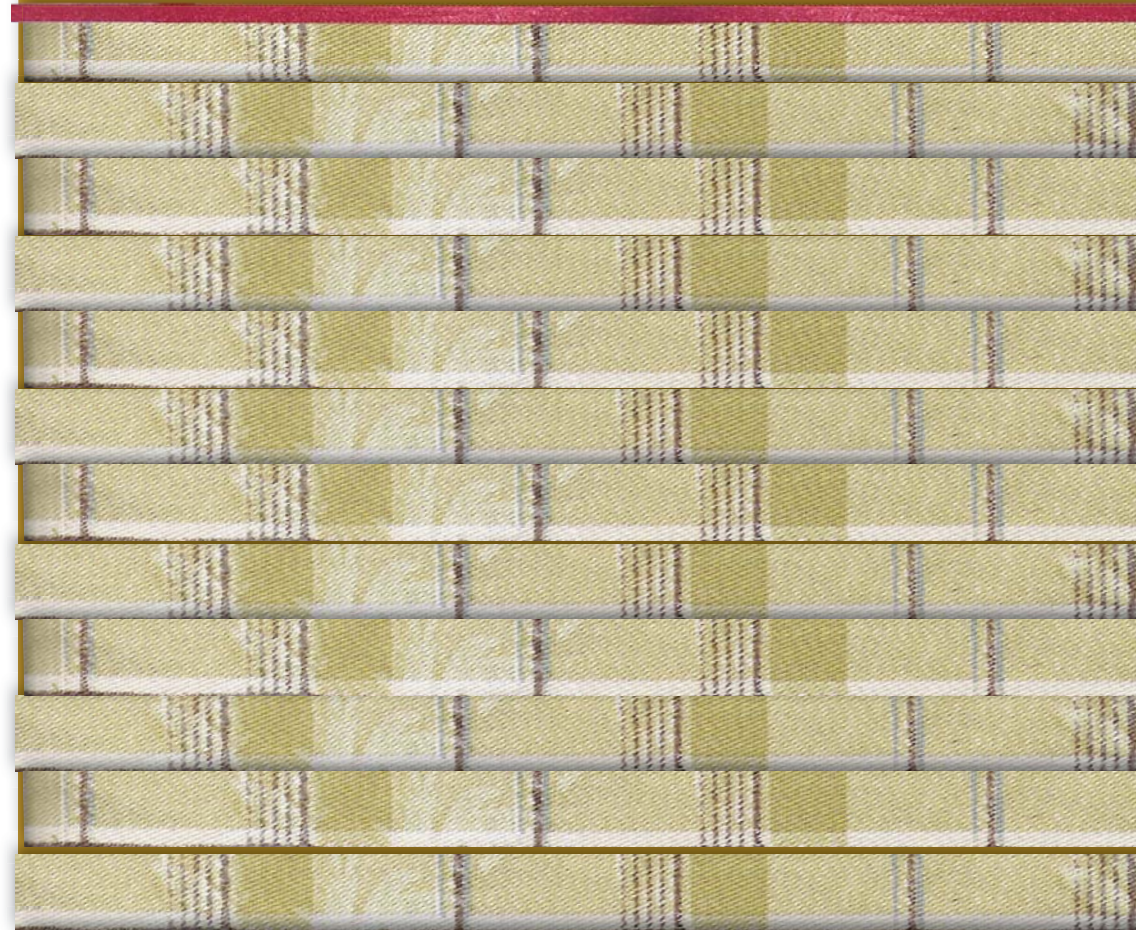
A outra dupla de capas que se assemelham em alguns pontos são a de nº 5 e a de nº 1, as duas apresentando uma paisagem árida, coberta de neve, com árvores pretas e sem folhas e uma figura que remete à morte. No entanto, existem detalhes que as distinguem, deixando uma agressiva e a outra, serena. Pode-se dizer que a de número 5 é envolvida por um ar misterioso, com a figura encapuzada de costas e as mãos cruzadas, comportando um cenário mais escuro e com manchas de sangue, extremamente agressivas; já na de número 1, a pessoa que caminha no pé da página é mais

serena, poderia ser até um padre caminhando com um guarda-chuva. Nesta última, a cor vermelha também aparece, mas em lugares pontuais, como no guarda-chuva, na palavra *livros* e no logotipo da editora. A tipografia também influencia bastante nessa percepção da dualidade: na de número 5 utilizou-se um tipo gótico, mais rebuscado e escuro; na de número 1 fez-se uso de uma fonte romana, onde as palavras brincam com o layout, com variação de tamanhos e cores.

A única capa em que não aparecem personagens é a de número 2, posto que apesar de retratar uma cena do livro, ela é extremamente simbólica. A imagem do dominó faz alusão ao fato de que cada acontecimento pode interferir no próximo, desencadeando inesperados resultados, mostrando com isso que tudo pode ficar entrelaçado e que talvez não haja a possibilidade de se prever o final da história, da mesma forma que não enxergamos onde acaba essa fileira de dominós.

# 5

## TRABALHO PRÁTICO



Para confrontar a teoria com a prática, foi-se em busca de um volume que realmente estivesse para ser publicado, a fim de experienciar o diálogo entre o designer e o editor/autor do livro. Procurou-se um livro de literatura adulta, por tratar-se do foco desta pesquisa, entretanto, após contatar com algumas editoras, verificou-se o prazo de lançamentos de livros de ficção, em 2009, já havia expirado, mas constatou-se que ainda havia um livro a ser lançado no verão. A Gráfica da Universidade Federal de Pelotas ofereceu para a concretização desta prática de construção de capa, o livro *Para obesão?... A solução é PERAO*, de Volmar Geraldo da Silva Nunes, que já estava com a diagramação do miolo definida e aprovada, mas com a capa ainda por fazer. O livro tem um foco bem técnico e trata especificamente orientação alimentar e sugestões de exercícios físicos para pessoas obesas, tendo sido escrito pelo próprio diretor da editora e gráfica.

Após um primeiro contato para verificar-se a possibilidade de efetivar este trabalho, foi marcada uma reunião para dialogar-se sobre o livro. O autor comentou sobre o assunto tratado no mesmo e o que havia pensado para a capa, manifestando o desejo de que aparecesse na mesma três

fotografias (Figura 48) que já haviam sido produzidas e o livro defendia. Foi-lhe solicitado uma cópia virtual da parte interna



Figura 48 - Fotos cedidas pelo autor para serem utilizadas na capa.  
Fotógrafa: Rejane Botelho.

do livro, para que se pudesse analisar melhor o conteúdo do exemplar a fim de ter mais certeza sobre como realizar o seu design centrado no assunto discorrido, buscando assim estabelecer relação entre capa e conteúdo a ser lido. Também houve um questionamento sobre o número de páginas e de que tamanho a lombada do volume ficaria, para definir qual o espaço que se poderia trabalhar. O livro possuía 84 páginas, sendo assim, a lombada seria muito estreita, concluindo-se que não era adequado colocar-se informações na mesma. O formato do livro seria A5, e como a capa deveria ser impressa em papel *couche* era indicado que o livro possuísse orelhas, a fim de estruturá-la melhor.

Foram trabalhadas duas opções de capa, uma com ilustração (Figura 49), onde o obeso seria desenhado, tornando a aparência do livro mais alegre e simpática e outra com as fotografias, o que deixá-lo-ia mais sério. A opção da ilustração foi vista como uma forma de não estampar a imagem da barriga que podia repudiar os possíveis leitores, mas, posteriormente, essa opção foi descartada e não foi apresentada ao cliente, pois acreditou-se que incorporar um caráter mais lúdico à obra, poderia confundir o leitor que estaria em busca do conteúdo sério e técnico do livro.

As fotografias passadas pelo autor foram tratadas no programa *Adobe Photoshop CS3*, os pelos da barriga foram amenizados e as cores fortificadas, deixando-a menos grotesca. A sugestão de não aparecer o umbigo foi acatada e as cores que acompanham a foto trazem sobriedade

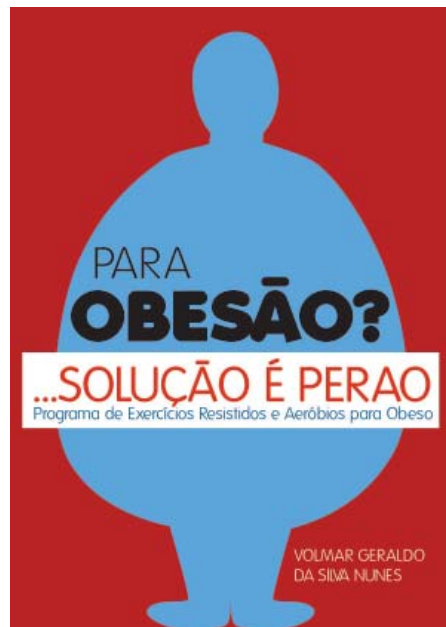


Figura 49 - Capa com ilustração

à capa (Figura 50) e combinam com a escala cromática da fotografia da barriga. Como se trata de um livro fino, a lombada torna-se muito pequena e, no intuito de se evitarem problemas em função de ajustes milimétricos, a foto acompanha a contracapa até um determinado momento. Dessa maneira



Figura 50 - Capa com fotografia.

também é feita uma ligação da mesma com a obesidade, pois a imagem se expande, não se contendo à capa, extrapolando o espaço da mesma forma que as gordurinhas, ao encontrarem uma roupa que as comprimam, acabam por expandir-se em outro local do corpo, onde se sintam libertas.

A tipografia escolhida foi a do tipo bastão, não possuindo serifas, remetendo ao miolo – que já havia sido executado anteriormente, e, portanto, estava pronto. Foi buscado uma fonte que possuísse uma versão bold bem pesada e outra com

versão mais leve, possibilitando, assim, brincar com as espessuras no título, deixando “gordinha” a frase da palavra *obesão* e mais “esbelta” a *solução é PERAO*.

Após a conclusão do projeto da capa (Figura 51), esta foi mostrada ao autor, que a aprovou imediatamente, pois acreditou que a mesma transmitia fielmente o conteúdo de seu livro. Posto isso, o trabalho foi passado para a Gráfica da UFPel, juntamente com o logotipo da editora e o código de barras que o livro deve ter. Feitos estes ajustes, foi enviada a arte para lá ser impressa.

Como a tipografia do miolo do livro não era boa para ser usada na capa e como a diagramação do mesmo já havia sido executada anteriormente e, portanto, estava pronta, infelizmente esta produção não resultou em um objeto coeso, onde a capa e o miolo combinam visualmente, da maneira como é almejado ao longo da pesquisa. No entanto, essa é uma prática que já existe no Brasil e em muitas editoras do mundo; a própria designer entrevistada – Mariana Newlands – admite que, somente em casos especiais, o miolo recebe uma atenção especial. Normalmente as editoras possuem um “estilo da casa”, que é comumente utilizado para a confecção

do miolo, sendo somente a capa criada especificamente para embelezar os volumes.

Poderia ter-se optado por criar um livro imaginário e aplicar ao mesmo um design harmônico entre a parte interna e externa, contudo este ficaria preso à monografia como simples exercício criativo. Da forma que foi realizado, teve-se a intenção de tornar-se o projeto de criação da capa como algo real, concreto, público e aproveitável, oportunizando-se uma efetiva experiência de trabalho na área de design, pois houve desde o contato e aprovação do cliente, como a confecção da mesma pela gráfica, levando, assim, para a comunidade, a divulgação de um volume, cuja arte foi desenvolvida dentro da Academia.

Figura 51 - Pessoa lendo o livro pronto.



## CONCLUSÃO

Ao estudar a história do livro percebe-se que a relação dele com as pessoas mudou em diversos momentos. A interação se altera fisicamente juntamente com a mudança dos suportes. Quando o rolo perde seu espaço para o códex, uma série de mudanças na maneira de ler, escrever e interagir com o volume se altera. Além dessa mudança espacial o objeto passou por vários patamares, já foi símbolo sagrado, dos ricos, dos intelectuais e até mesmo dos não tão abastados monetariamente ou intelectualmente. Cada uma dessas caracterizações implica na maneira como este objeto era apresentado e o que continha em suas páginas.

Se seu valor está na capa, ricamente ornamentada com pedras preciosas e outras raridades, dar-se-á de presente para

nobres endinheirados, sem importar muito com o que está contido dentro dele; se a preocupação maior está na legibilidade e sobriedade do volume, passará nas mãos da nata intelectual da sociedade; se for pensado para diminuir seu custo com brochuras baratas, provavelmente quem o lê não tem recursos para adquirir um exemplar em capa dura. Obviamente estes são apenas alguns exemplos das interpretações que o design do livro pode suscitar no imaginário das pessoas.

No cenário contemporâneo, todos aqueles que quiserem podem conseguir uma boa leitura, pois existem versões de luxo, de bolso e até virtual de várias obras. Mesmo assim, o livro, para muitas pessoas, não é uma necessidade de primeira ordem, e muitas delas não leem o quanto desejavam em função de seu preço. O leitor mais assíduo não se importa tanto com capas e publicidade, mas o leitor que gosta de ler e ama os livros se preocupa em adquiri-los confeccionados em material de boa qualidade, mesmo com um custo mais alto. Prefere possuir poucos exemplares, mas que estes possam acompanhá-los por toda sua vida.

Diz o ditado popular “não se deve julgar o livro pela capa”, provavelmente essa afirmação deu-se, pois, ao longo

da história, quando os livros que possuíam uma capa mais elaborada eram aqueles que buscavam conquistar o público mais ignorante que não se atrairia pelo mundo das letras. Muitas vezes a história do livro mais colorido não era tão boa como aqueles cuja capa era simples, onde só aparecia o nome do autor e da história. Nas entrevistas percebeu-se que as pessoas relutavam em dizer que os livros as atraíam pela capa, como se fosse um atestado de superficialidade admitir isso. Hoje em dia esse preconceito é desnecessário, porque há muitos designers bons que fazem das capas verdadeiras obras primas, que dão a entender tão bem sobre o que o livro trata e de tal maneira que quase poderia ser dispensada a sinopse.

O designer que projeta livros, geralmente é também um amante dos mesmos. Ao fazer os livros, ele pensa justamente no leitor, para que este aproveite da melhor forma o que o autor escreveu. Ele se preocupa em criar uma capa sedutora, que deixe antever o conteúdo, sem, no entanto, contar tudo, mantendo assim o interesse e a curiosidade da pessoa. Ao projetar o miolo, faz-se uma reflexão sobre qual seria a melhor

maneira de fazer saltar aquelas palavras, para a leitura se torne mais fácil e menos cansativa.

Atualmente as pessoas estão tão acostumadas ao design no seu dia-a-dia que ele acaba se tornando invisível, misturando-se à paisagem. Como elas não percebem, acabam não sabendo falar sobre isso. Os detalhes sobre o projeto dos artefatos só é observado quando sente-se falta de algum elemento no mesmo, ou seja, quando é encontrado problemas. Se as páginas são ruins de folhear ou se as letras são difíceis de ler, alguém, provavelmente, irá perguntar por que não o fizeram de outra forma. Contudo, se o defeito não é muito grande, é provável que nem será atribuído ao objeto. Para elucidar melhor essa afirmação imagine uma leitura que dê sono, é mais fácil supor que esta é desinteressante ou que o grau dos óculos precisa ser ajustado do que pensar que a letra deveria ser mais clara ou que a entrelinha deveria ser maior.

Da mesma forma que cada público leitor tem especificidades os designers também têm, e como foi visto no decorrer da pesquisa dentro do setor editorial existem aqueles que preferem o design invisível, que prime pela legibilidade, e também existe uma corrente que não acredita em regras

e adere a leiturabilidade, onde o visual auxilia a mensagem escrita. Se houvesse um lema no design de livros seria a máxima de Einstein: "Tudo é relativo", visto que cada decisão que o profissional deve tomar irá depender do que aquele texto está dizendo, do que o público que irá lê-lo vai preferir e do orçamento que será disponibilizado para a confecção do trabalho.

O indivíduo que trabalha com pessoas, ou para pessoas, deve estar ciente da subjetividade que cerca o pensamento humano. Nesse ramo, não existe certo ou errado, e sim algumas coisas que funcionam melhor para algumas pessoas e pior para outras. Dessa maneira, cada trabalho deve ser analisado para ver qual a melhor forma de transmitir a mensagem para aquele que, provavelmente, irá recebê-la. No meio desse mar de probabilidades existe uma certeza onde pode-se pisar em terra firme: as pessoas preferem coisas bonitas. Diante de formas que agradam, pelo menos um dos cinco sentidos que o homem possui, este sente-se mais feliz e bem-humorado, ficando assim com a mente mais aberta a idéias novas.

Diante dessas explicações, conclui-se que o design gráfico pode servir de subsídio para transformar o livro em



um objeto de desejo, seduzindo as pessoas com suas capas e conquistando-as com seu conteúdo. Ao se preocupar em formar um objeto coeso, o designer aprimora a interação do leitor com o livro, tornando mais prazerosa a absorção de seu conteúdo. Conquista, assim, o público mais culto e faz brilhar também os olhos daqueles que não têm o hábito da leitura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRINGHURST, Robert. **Elementos do Estilo Tipográfico** versão 3.0. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BUGGY, 1975. **O MECOtipo: método de ensino de desenho coletivo de caracteres tipográficos**. Recife, PE: Buggy, 2007.

CARDOSO, Rafael (org.). **O Design Brasileiro antes do Design: Aspectos da história gráfica, 1870-1960**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma introdução à História do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

SCOREL, Ana Luisa. **Brochura brasileira: Objeto sem projeto**. Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília, INL, 1974.

FAWCETT-TANG, Roger. **O livro e designer I: embalagem, navegação, estrutura e especificação** / Roger Fawcett-Tang; introdução e entrevistas por Caroline Roberts; tradução Andréa Mariz. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

FERNANDES, Amaury. **Notas Sobre a Evolução Gráfica do Livro** em: SÁ, Fernando (org.). Comum. Rio de Janeiro : Faculdades Integradas Hélio Alonso, 2001. v.6, nº 17. p. 126 / 148.

FONTOURA, Antônio Martiniano. **O livro do livro**. Curitiba: Gramofone. 2007

GROSSMANN, Marcia. **Como te leio? Como-te livro!** São Paulo: Cultura editores associados, 2002.

HAAG, Fábio. **Typedesigner? Arquiteto romano? Monge? Ou programador?** In: 6º Encontro Regional dos Estudantes de Design. (informação verbal). Santa Maria. 2009.

HENDEL, Richard. **O Design do livro**. Tradução Geraldo Gerson de Souza e Lúcio Manfredi. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

INTRÍNSECA, Editora. Disponível em: <[http://www.intrinseca.com.br/catalogo\\_ficha.php?livrosID=13](http://www.intrinseca.com.br/catalogo_ficha.php?livrosID=13)> Acesso em: 29 out. 2009.

MACHADO, Samir. **Sobre capas e demais coisas relacionadas ao design do livro**. Disponível em: <<http://sobrecapas.blogspot.com>> Acesso em: 27 nov. 2009.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

MELO, Chico Homem de. **Design de livros: muitas capas, muitas caras** In: MELO, Chico Homem de (org.). O design gráfico brasileiro: anos 60. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASCIMENTO, Rômulo. **Capa de Livro: de pele á embalagem**. In: 18º Encontro Nacional de Estudantes de Design. (Informação Verbal). 2008

NASCIMENTO, Rômulo. **Refletindo a capa: história e contribuições ao projeto de livro no Brasil** In: Anais do 8º Congresso Brasileiro de pesquisa e Desenvolvimento em Design. 8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo Brasil ISBN 978-85-90186-03-7 ©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

NEWLANDS, Mariana; orientador: Heidrun Friedel Krieger Olinto de Oliveira. **Bibliomania no sistema literário**; Rio de Janeiro: PUC- Rio, Departamento de Letras, 2006.

NORMAN, Donald A. . **Design Emocional: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade**.

SANTAELLA, Lucia. **A leitura fora do livro**. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos/cos/epe/mostra/santaell.htm>> Acesso em: 26 nov. 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Os espaços líquidos da cibermídia**. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. 2005. Disponível em: <[www.compos.com.br/e-compos](http://www.compos.com.br/e-compos)>. Acesso em: 26 nov. 2009

SILVEIRA, Paulo Antonio. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

VALÉRY, Paul . **As Duas Virtudes de um Livro.** 1926.  
Tradução de Dorothée de Bruchard realizada em 2002.  
Disponível em: <<http://escritoriolivro.com.br/leitura/valery.htm>> Acesso em: 23 jun. 2009.

VALVERDE, Monclar Eduardo. **Experiência e significação.**  
In: O SENTIDO e a época. [Salvador : s.n., 1997]. p.185-195.

ZUZAK, Markus. **A menina que roubava livros.** São Paulo: Intrínseca, 2005.

# ANEXOS

**ENTREVISTA FEITA PESSOALMENTE AO DESIGNER**

**ODYR BERNARDI, EM OUTUBRO DE 2009.**

**TRANSCRITA COM LINGUAGEM COLOQUIAL,**

**DA MANEIRA COMO DEU-SE A CONVERSA.**

*Formação: Autodidata*

*Onde trabalhou/trabalha (cidade, editoras): Trabalhou como designer na editora Desiderata (a editora surgiu em 2006), no RJ; como free-lance em Curitiba, como diretor de arte da revista Aplauso e Da manhã, em POA; no Diário Popular em Pelotas, entre outros lugares.*

*Thaís: Fazia o design do miolo do livro ou só a capa?*

*Odyr: As duas coisas, projeto gráfico e a capa. Às vezes só capa, mas geralmente capa e o interno.*

*T: Você estudou alguma coisa para trabalhar, ou é autodidata?*

*O: Realmente eu não tenho a teoria. Na verdade meu negócio sempre foi desenho; eu sempre fui desenhista, ilustrador e tal, mas daí eu comecei a trabalhar em jornal, como ilustrador, e aí fui pegando a coisa da diagramação, e depois surgiu como uma possibilidade, uma sobrevivência bacana.*

*T: Trabalhava numa editora ou era free-lance?*

O: *Eu comecei trabalhando em jornal, em Caxias, eu acho, aí depois eu fui pra Curitiba, aí em Curitiba eu comecei a fazer design, primeiro de revistas, eu acho, eu fiz uns projetos gráficos de revista. Em Curitiba eu fiz mais revista e jornal, alguma coisa de livro, mas levou um tempo. Aí eu fiz alguns livros em Porto Alegre depois, mas o período mais intenso foi esse no Rio mesmo; eu trabalhei lá na Desiderata, que é uma editora que eu fiz do zero, porque a Amelinha me chamou para ir pra lá e quando eu cheguei lá, ela só tinha feito livros externamente, ela tava começando a editora, era uma editora muito pequena e ela não tinha uma equipe de verdade. Ela terceirizava. Até quem fazia [as capas] era o Victor Burton, que é um cara fodão. Ele fez essa Antologia do Pasquim, o primeiro livro importante da Desiderata lá. E aí quando eu fui ela pôde criar o departamento de arte lá dentro. Daí eu fiz desde o início, desde o logotipo da editora, e depois eu fiz todos os livros da Editora naqueles dois anos, assim, eu devo ter feito uns 50 livros.*

T: *Como tu trabalhavas na editora, tu fazias todos os tipos de livro que apareciam, por exemplo, de ficção, científico?*

O: *Eu fazia todos. Toda linha.*

T: *Geralmente é assim que funciona? Ou é mais direcionado um tipo para cada pessoa?*

O: *Não, na verdade é raro hoje em dia ter uma editora com o editor de arte dentro dela. O que acontece hoje em dia é que a maior parte das editoras não tem mais equipe de arte. Eles terceirizam tudo, e aí sim acontece o que eu to falando, "a gente tem esse livro*

*que é mais teórico, vamos chamar o fulano, porque fulano é bom pra isso", daí acaba que as pessoas acabam se especializando em alguma coisa. E agora acontece, porque quando eu tava lá dentro da editora, eu fazia tudo. Depois eu me demiti, saí de lá, porque a editora foi comprada pela Ediouro e a Desiderata era uma editora boutique, pequeninha e tal, e a Ediouro é um monstro. Daí eu não queria trabalhar lá, porque é tipo fábrica, e eu queria desenhar mais e me demiti, mas eu continuei trabalhando para eles à distância. Continuo trabalhando para eles daqui. E daí como eu não to lá todo tempo, começa a acontecer isso, eles olham e "Bueno, esse livro não é tanto para o Odyr, vamos chamar Fulano".*

T: *Como é que funciona o processo de criação? Eles te mandavam o resumo do livro, comentário, o livro inteiro? O que tu lia disso tudo?*

O: *É... sempre que possível se lê o livro, mas geralmente não dá tempo de ler o livro inteiro. Geralmente lá chegava o texto inteiro do livro, então eu tentava fazer uma leitura, começava o livro e tal. Na verdade a gente teve sorte lá, porque eram livros muito gráficos, muito livro de desenho, a gente fazia do Millôr, do Jaguar, desse pessoal, do Henfil, então é mais fácil você ter uma idéia geral da coisa. E a gente fez também bastante livro de literatura, Cecília Meireles, sei lá, bastante coisa. Eu lia tanto quanto possível do livro, o que o tempo permitia, e aí formava uma idéia mental dele.*

T: *E quem aprova o layout? É o autor, o editor, marketing...?*

O: *Depende da editora e depende da situação. O autor... dependendo*

*do poder do autor, ele tem um poder de veto maior ou menor. Quando o autor é um autor iniciante, ele tem menos poder de veto, mas se o autor realmente brigar, é difícil que o livro não saia como ele quer.*

T: Mas o layout é mandado para ele dar o ok?

O: *Primeiro tem uma aprovação interna, porque, claro, a editora não quer que tu mande uma coisa que não faça nenhum sentido. E se o autor aprovar uma coisa que a editora não se interesse, que seja bom, mas não seja muito comercial, enfim, vai gerar problemas. Então primeiro ele é aprovado internamente pra depois se enviar pro autor, que geralmente tem uma visão benévola e tal mas não decide 100%, a não ser que esse autor seja o Millôr, por exemplo; a editora fazia tudo que o Millôr queria.*

T: E faziam livros estrangeiros também?

O: *Sim, tinham livros traduzidos, livros que vinham de fora.*

T: E no caso do autor ser estrangeiro, também passa por ele a aprovação?

O: *Depende do contrato de cada um. Agora, há pouco tempo, eu fiz uma série, que eu fiquei bem contente, que é uma série da New York. A New York é uma revista americana muito importante, que sempre teve cartum, os melhores cartunistas do mundo foram trabalhar lá e eles fazem antologias de cartuns anuais e agora saiu no Brasil, pela primeira vez, essa série com os cartuns da New York, aí tem um só de gatos, outro só de psiquiatras, e a New York faz questão de ver tudo lá, então a gente fez a capa aqui e ela foi*

*aprovada lá e voltou, enfim. Daí depende, eu acho, de editora pra editora, e de situação para situação. Eu acho que a maior parte dos autores, mesmo internacionalmente, dão uma olhada, pra ter algum controle, independente de quanto a editora é grande, controladora.*

T: Qual parte do livro tu fazia primeiro?

O: *Eu sempre gostei de fazer mais a capa, eu começava pela capa, na verdade o meu método intuitivo é imaginar o livro, então, na verdade, eu sempre fazia a capa primeiro, porque eu ia imaginando na sequência. A partir da capa, eu digo "Então, qual é a próxima página agora?", é um método bem ridículo, bem intuitivo, eu ia imaginando o livro assim. Depois da capa eu ia pra folha de rosto, eu fazia realmente em ordem, pois assim eu ia enxergando o livro. É uma maneira de fazer.*

T: E daí tu buscava uma relação entre a capa e o miolo?

O: *Sim, tem uma relação, claro. A folha de rosto, geralmente é a continuação da capa. Pra mim depois que tinha a capa o resto ficava fácil.*

T: Geralmente quando é a mesma pessoa que faz é muito difícil não criar uma unidade, né?

O: *Sim, é evidente, você tem que ter uma unidade aqui, né? Às vezes, claro, assim, por exemplo, você tá usando uma fonte na capa, que é uma fonte muito brutal, que não vai ter um uso lá dentro, mas aí se eu usar ela no índice, usar ela em alguma coisa ali, para dar um linkzinho, porque, claro, o conteúdo do livro, tem que ter o quê? Uma letra de grande legibilidade e essas fontes variam pouco. No fundo,*

*as fontes mais raras são essas fontes totais. Por que todo mundo usa tanto a Times? Porque é uma fonte de absurda legibilidade. Ela funciona em todas as situações, em todos os tamanhos; esse tipo de fonte é mais raro. O miolo às vezes é difícil por causa disso, porque não existem muitas fontes super funcionais que super funcionem.*

T: O formato é pré-estabelecido, pelo editor, pelo orçamento?

O: *Também varia de caso a caso. Em alguns casos a editora dizia: "Bueno, a gente quer fazer um livro de arte". Como um livro de arte é um livro aberto e tal, você pode sugerir, "acho q é interessante fazer quadrado, 25x25, etc.". Em alguns casos, o livro já vem parte de um projeto, ou em alguns casos, o autor já tem uma idéia, em alguns casos ele é parte de uma coleção, na Desiderata a gente criou várias coleções, enfim, aí já vinha pré-determinado, porque se a gente criou a coleção se cria um padrão. Então varia bastante.*

T: Como tu desenha, tu fazia muitas capas desenhadas?

O: *Não, embora eu desene, eu nunca leiauto a mão. Eu sempre faço direto no computador.*

T: A ilustração ou fotografia da capa era encomendada, recomendada ou feita pelo próprio designer?

O: *Também existem vários caminhos. Hmmm eu tive a sorte, eu acho, de trabalhar numa editora pequena, que eu gostei muito por isso, porque eu tinha grande liberdade.*

T: Geralmente editora pequena tem mais liberdade, né?

O: *É, tem mais liberdade. Por isso que eu não quis ir para Ediouro, porque lá é uma linha de montagem. Mas pelo fato de ser uma*

*editora pequena, eu tinha grande liberdade, então, eu realmente tinha carta branca, me davam o material e eu avaliava. É difícil que alguém, mesmo bem intencionado, consiga escolher uma imagem de capa. Isso é ruim quando acontece porque você vai ter um livro de fotografia, aí o autor te manda três fotografias e uma delas pra ser a capa. Pode ser uma foto maravilhosa, mas não na capa. Na capa tem, às vezes, uma foto que nem é tão fabulosa, mas presta pra aquilo, porque você tem que ter espaço pro título, ou a imagem que realmente capture o livro. E tem aquela teoria de que nós não somos bons juízes do nosso material. Então, com frequência, tu enxerga uma coisa que o autor não enxergou ou o autor tem um apreço irracional por uma imagem que não vai funcionar na capa. Então, quanto mais liberdade melhor. Geralmente dentro do Desiderata eu tinha grande liberdade. Já trabalhei em outras situações que tinha menos liberdade. E às vezes é difícil, porque a pessoa te empurra uma imagem que tu vai ter um grande trabalho de adequar ela. Eu já passei por todas as situações, eu já tive capas onde vinha o material, já tive capas onde não tinha material*

T: Tu já teve que encomendar a imagem?

O: *Exatamente, por exemplo, quando eu ia fazer um livro de um ilustrador, era fácil, tinha 200 ilustrações lá, eu escolhia uma e tal.*

T: E quando era de literatura?

O: *No caso de literatura, eu me lembro de uma série lá que eu tinha, a gente fez uma série chamado biblioteca brasileira e tal, que eram grandes autores, enfim, e cada uma delas tinha que ter uma foto.*

*Era bem difícil porque, enfim, tu tinha um universo para escolher, né? Eu andei procurando bastante gente do flickr, porque eu acho que tem um movimento muito legal de fotógrafos bons lá e aí tu vai pelas pessoas que tu conhece e tal, faz uma busca. Já cheguei a pedir pra uma pessoa, "Olha, eu tenho um livro com um tema assim, tu tem alguma coisa e tal?" e muitas poucas vezes eu cheguei a fazer coisas. Quando eu era diretor de arte de revista - eu fui diretor de arte da Aplausos - eu já cheguei a encomendar fotos. "Olha, a gente tem uma capa sobre a revolução farroupilha, vamos fazer uma capa com uma foto", eu não gostei muito dos resultados, não foi a situação que eu mais gostei, eu realmente gosto mais de encontrar as coisas e produzir. Tem gente que gosta bastante de produzir, tem gente que gosta de sair do estúdio e ir lá; eu não gosto muito de sair, eu não gosto nem de sair de casa. Tem gente que gosta de ir lá, se misturar com o fotógrafo. Eu não gosto. Eu gosto de ficar, encontrar a imagem que eu quero e tal. Eu prefiro trabalhar com gente que seja menos prima-dona porque uma coisa é a fotografia que tu tá usando dentro de um livro de fotografia, quando tu usa uma fotografia na capa dum livro ela é um ponto de partida, mas é meio inevitável que se faça coisas, você vai fazer um outro corte nela. Ocasionalmente até, o que é mais brutal, você pode apagar um elemento, enfim, claro com bom senso, mas aí você tem que ter uma margem de manobra. Então, quando tu tem um fotógrafo que entende isso fica mais fácil. Então é por isso que eu gosto de trabalhar com gente mais nova que tem menos ego, e tu pode mexer mais com as imagens. Realmente*

*a imagem nesse caso, para o diretor de arte, a fotografia é o ponto de partida, ela não é sagrada. Uma coisa é você fazer um livro do Sebastião Salgado e você vai aplicar a foto ali, mas em geral, no design, a foto é um ponto de partida. Você tem que ser capaz de mexer com ela, inverter ela, trabalhar com a cor, enfim, fazer um outro corte, com a concordância do fotógrafo, mas desde que ele te dê essa liberdade. Mas eu fiz muito desenho, eu fiz poucas capas com foto, na verdade, por conta, de eu ser desenhista, eu acho, de trabalhar numa editora que tinha muito livro gráfico, eu fiz muito mais capa com desenho.*

T: Uma coisa que eu reparei nas livrarias, é que hoje em dia, o livro ilustrado é muito mais infantil do que adulto, na área de literatura.

O: Ah sim, a ilustração como recurso de livro de literatura foi uma coisa que caiu, caiu bastante, é uma coisa antiga, o livro ilustrado, e tal.

T: Tinha toda uma aura, e hoje em dia não se vê. Eu até tentei pesquisar e ver quando que começou essa mudança, mas não achei.

O: Eu acho que até os anos 70, ou algo assim, tu ainda via muito livro ilustrado, hoje em dia, realmente não se vê. É verdade; é uma coisa que caiu.

T: Já aconteceu de projetar um trabalho e ao passar por uma livraria descobrir que mudaram todo seu projeto?

O: Não.

T: Quando se fazia a capa era pensada a forma de transmitir a



ideia do livro ou de atrair o leitor no ponto de venda (ênfase mais publicitária), os dois aspectos eram levados em consideração ou um era mais privilegiado?

O: Fazer a capa não é exatamente um trabalho muito racional, assim, tem uma busca ali, da imagem, que é intuitiva. E eu acredito bastante que o teu primeiro palpite deve ser seguido. Tem todo um livro sobre isso, é um livro bem interessante, d'um cara que se chama Malcolm Gladwell, chama *Blink*, não sei se tu já ouviste falar, ele escreveu um livro só dizendo sobre isso, sobre como, em diversas situações, médicos, esportistas, etc, pessoas que tem que tomar decisões num instante, assim, e como com frequência essas decisões são certas, porque o cérebro faz cálculos mais rápido do que tu imagina. Tu vê isso a qualquer momento, tu chega num lugar e tu tem uma impressão imediatamente daquilo assim, e, com frequência, ela tá correta e tu não racionalizou aquilo tudo. Então, a mesma coisa, por exemplo, eu tinha vários projetos, eu tava fazendo um projeto e chegavam e diziam, 'olha, eu tenho outro material pra ti fazer na sequência. Eu vou te passar o material pra ti já ir pensando, mas eu nunca fazia isso, eu nunca lia um material pra ficar pensando. Eu só ia pra aquele outro projeto quando eu tinha tempo pra ir pra ele, porque eu gosto muito dessa primeira impressão. Então eu guardava o texto lá e, quando eu tinha tempo, passava pro outro projeto, quando eu realmente ia trabalhar nele. Então eu me sentava e começava a ler, porque na primeira leitura, com frequência me vinha a imagem. E se tu faz essa primeira leitura

e não trabalha nela e vai fazer outras coisas, tu perde essa leitura. Então, como eu disse, o projeto é bastante intuitivo. Depois que tu avançou o projeto, que tu tem 5 ou 6 opções, tu começa a pensar nisso, "talvez essa aqui não seja razoável, ou não é muito comercial", mas a questão é o público na verdade. Eu gosto do design editorial, de livros, acho uma área menos inquietante que a publicidade em termos éticos, é evidente: tu tá ali pra pegar o leitor, mas eu acho que tu tá enganando ele menos que ...

T: Se ele tá na livraria é porque ele quer ser enganado

O: É tu nem tá enganando, tu tá seduzindo ele, tá criando um objeto bonito, lindo pra ele. Tu tá melhorando a experiência da leitura, fazendo do livro um objeto olha o que é essa capa aqui do Breton [Livro *Nadja* de André Breton (Figura 52)]; na estante havia vários livros, mas um dos poucos em que aparecia a capa era esse, nos outros eram só visíveis as lombadas], da Cosac Naify. A Cosac Naify é o mais elevado que tem no Brasil e eles criam objetos; o livro se transformou, enfim, não é o mesmo livro se tivesse uma capa horrível.



Figura 52 - Capa do Livro *Nadja*, de André Breton.  
Fonte: Site da Cosac Naify

T: Eu perguntei a relação com a publicidade, porque a Escorel diz

que na década de 70 no Brasil, ou as capas eram extremamente publicitárias, sem coesão com o livro ou só tinham a ver com o trabalho do designer, não com a história do livro. E hoje em dia podia acontecer de ser encomendada uma capa extremamente publicitária, sem se importar com a relação dela com a história.

*O: Isso é muito ruim porque tu podes enganar as pessoas uma vez, mas não muitas vezes. Cada vez que a pessoa compra uma coisa e não tem ali dentro o que ela procurava, ela se sente enganada. E ela vai associar aquilo ao autor ou a editora, então você pode ganhar ali, mas vai perder em longo prazo. Por isso é melhor ser honesto com o material.*

T: Qual o livro que projetou que mais gostou e por quê?

*O: Agora eu tava bem orgulhoso com essa série do New York, mas o que eu mais gostei, que eu fiz há pouco tempo, foi um do Millôr. Com o Millôr eu tive uma relação que me deixou muito contente. Eu fiz muitos livros dele. O plano do Desiderata era fazer a obra completa dele mesmo, mas eu fiz uns sete ou oito. O que eu fiz agora é uma série que ia se chamar “décadas” primeiro. Ia ser uma série cobrindo os textos dele na Veja ao longo das décadas e aí, no final, mudou o título por conta da capa que eu fiz e eu gostei, porque eu to numa onda quase anti design, basicamente essa capa é toda feita à mão; eu fiz a capa toda feita à mão; eu fiquei bem contente com o brinquedo, eu desenhei...*

T: Tu gostou dele por causa do processo.

*O: É. Ela é toda[linhas, tipografia, ilustração] feita à mão. E a partir*

*do desenho o título mudou. Ia se chamar décadas, mas o Millôr gostou muito da capa, e ele entendeu exatamente a idéia. Eu conheci o estúdio dele e é bem isso, ele entendeu que é bem isso, que da cadeira dele ele via o mundo nesse tempo; daí ele criou esse título novo que é O mundo visto daqui - Praça General Osório, que é onde fica o estúdio dele. No final nem em décadas ficou, era tanto material, que daí o primeiro livro era só 1980 a 1984; eu fiz várias opções e não sei qual dessas ficou a capa definitiva. Dentro do livro eu também mantive isso, o manual; pra ti ver a coisa da coerência, os elementos internos também foram feitos à mão. Eu estou propondo que o livro seja em duas cores, mas eu não sei se ele foi aprovado para ser em duas cores; daí eu fiz uma série de manchinhas [à mão] e não é que todas vão ser diferentes, mas eu fiz uma meia dúzia; daí a gente vai alternando e tendo a impressão que cada manchinha é diferente. E eu acho que com este projeto é o que estou mais contente... varia... mas no momento é este. O primeiro que fiz do Millôr: A verdadeira história sobre o paraíso.*

T: E tem alguma capa que tu odeie, que tu tenha raiva, vergonha de mostrar, ou algo do tipo. Que por algum motivo especial tu não goste muito...

*O: É às vezes o que acontece é que tem gente demais que se mete e as coisas dão errado. Quando o trabalho começa a ir e vir e voltar muito, ele começa a perder o enfim, eu me lembro que quando eu fui trabalhar com o Millôr, uma vez eu tava tenso porque eu achava que ele ia interferir muito, e aí, ao longo do tempo que eu*

fui trabalhando na editora, eu descobri que quem dá trabalho são os medíocres. Gente medíocre dá trabalho; gente medíocre quer que aumente o nome, que mexa ali e aqui, entendeu? E gente de talento mesmo não é assim; aí gente medíocre acaba gerando livro medíocre... eu tenho alguns, mas não to lembrando agora. Às vezes eu faço esses livros incentivados, esses Coffee Table Books, que daí eu fico meio assim, por exemplo, esse aqui: *Frutas*. Isso eu fiz pra ganhar dinheiro, de sem-vergonha, assim, entendeu, uma coisa que ninguém vai abrir na vida, ou que tu vai ter na tua sala e a visita vai olhar por 10 minutos. Às vezes eu fico meio desgostoso de fazer essas coisas, e daí acaba não saindo tão legal. O resultado sempre varia do quanto tu tá envolvido com a coisa.

## ENTREVISTA FEITA POR E-MAIL À DESIGNER

**MARIANA NEWLANDS, EM DEZEMBRO DE 2009.**

**TRANSCRITA AQUI DA MANEIRA COMO FOI ENVIADA.**

Pequeno currículo (formação, onde trabalhou/trabalha -cidade, editoras): *Desenho industrial na PUC - Rio e graphic design/ computer graphics na Parsons School of Design (NYC). Mestrado em Literatura, PUC-Rio.*

*Mariana: Trabalho para a maioria das editoras brasileiras: Companhia das Letras, Objetiva e Alfaguara, Ediouro, Agir, Globo, Record, Rocco, Pinakotheke, Memória Visual, Gryphus, Nova Fronteira, Instituto Moreira Salles etc.*

*Thaís: Como começou a trabalhar com design de livros? Essa pergunta é tão abrangente que nem saberia exatamente como respondê-la. Resolvi deixar os empregos fixos em que gerenciava equipes de criação de internet em 2001 e, a partir daí, mudei de área, começando do zero e mandando portfólio para todas as editoras.*

*T: Como faz para conseguir os trabalhos? Trabalha em algum escritório de design, em alguma editora, como free-lance, ou tem acordo com algumas editoras?*

*M: Trabalho como freelancer para todas as editoras citadas. Os pedidos de trabalho são constantes e regulares o ano inteiro, não há brechas em que não trabalho.*

T: Existe algum tipo de livro que é mais recorrente ser passado pra ti fazer, por exemplo, de ficção, científico, romance, técnico etc?

Como funciona esse encaminhamento dos tipos de livros?

*M: Trabalho apenas com livros de ficção e não ficção - romances, contos, arte, biografia, história, ensaios, poesia. Não faço livros técnicos, didáticos ou auto-ajuda. As editoras encaminham o pedido de capa por email ou telefone.*

T: Pra ti fazer um livro, qual é o material e as informações que tu recebes? Te enviam o resumo do livro, o livro inteiro, comentário, alguma especificação...? O que tu costumas ler disso que te enviam?

*M: Depende da editora e depende do livro. Cada editora tem um processo de trabalho. Em geral, recebo o pedido com título, autor, formato. Às vezes, recebo o texto de orelha, 4ª capa ou a resenha interna feita pela editora para a equipe envolvida na produção do livro e/ou avaliação de livros a serem publicados. Outras vezes, recebo o livro original na língua em que foi publicado (o livro físico mesmo) e é o que prefiro, sempre, para poder ler em papel. Também acontece de receber o doc com o texto já traduzido. Ou o PDF do miolo já diagramado. Isso tudo para que eu leia o texto, que é sempre a coisa mais importante. Além disso, também faço uma vasta pesquisa na internet: matérias e resenhas que tenham*

*saído sobre o livro e/ou o autor em jornais fora do Brasil (em caso de livro estrangeiro), pesquisa sobre o autor, sua bibliografia, o que mais já publicou etc etc.*

T: Costumas fazer o design do miolo do livro ou só a capa?

*M: Depende do livro. Pode ser só a capa (a maioria dos casos, já que as editoras têm projetos de miolo padronizados) ou pode ser capa e miolo, em casos de livros especiais.*

T: Como funciona o processo de criação?

*M: Essa pergunta podia caber em umas dez paginas. É a pesquisa que citei acima, a leitura do livro e muitas horas absorvendo tudo isso e deixando as ideias decantarem. Depois, é atacar no Photoshop.*

T: Por qual parte do livro tu começa a trabalhar?

*M: Mesma coisa que citei acima. Já na etapa Photoshop, sempre pela tipografia.*

T: Quanto tempo leva para ti fazeres um projeto(desde a parte de receber a encomenda até ser aprovado por quem tem que aprovar)? E, mais ou menos, quanto tempo depois de tu elaborares o layout ele é lançado?

*M: Depende do livro. Em geral, 2 semanas é o prazo básico para entrega de uma capa. Para livros ilustrados infantis, cerca de um mês. Para livros de arte e projetos especiais (boxes de coleções etc), muitas vezes mais do que isso. Sobre lançamento, é com a editora. Cada uma tem um processo diferente. Há livros que são pedidos na correria para serem lançados em um mês. Outros,*

*planejados em cronogramas do ano inteiro, mês a mês, onde a capa é pedida com mais de 2 meses de antecedência.*

T: É mais comum o design do miolo e da capa ser feito por pessoas diferentes ou pela mesma pessoa?

*M: Repondi lá em cima*

T: Costuma se buscar uma relação do design do miolo com a capa?

*M: Mesma resposta. Para livros especiais.*

T: Já aconteceu de receber o design do miolo pronto? E tentou buscar uma relação ou não era o caso?

*M: Não, nunca acontece esse processo inverso. O miolo padrão é de todos os livros, não interfere na capa.*

T: Quem aprova o layout? O editor, o autor, a pessoa do marketing...?

*M: Depende da editora (aliás, essa é a frase padrão para quase tudo).*

*Em geral, o editor. Depois, já aprovado internamente, eles podem ou não pedir a aprovação do autor ou do agente internacional.*

*Varia de caso a caso.*

T: Antes do livro ser publicado o autor vê o layout ou às vezes ele só descobre o que fizeram na livraria? Ele tem poder de vetar o design do livro se não gostar?

*M: Mesma resposta, varia de caso a caso. Em geral, ele vê. Mas a palavra final é sempre do editor.*

T: E no caso de livros estrangeiros? O autor também tem esse controle?

*M: Mesma resposta.*

T: O formato já é preestabelecido, pelo escritor, editor, orçamento?

*M: Sim. Sempre pelo editor. O autor só escreve o livro. Depois disso, a produção toda é com a editora.*

T: E o material da capa ou do miolo livro, faz parte da escolha do designer?

*M: Material visual, como fotos? Sim, esse é exatamente o trabalho do designer.*

T: A ilustração ou fotografia da capa é encomendada (de um fotógrafo, ilustrador...), recomendada (pelo autor, editor...), encontrada (em bancos de imagens) ou feita pelo próprio designer? Se já aconteceu todos os exemplos, comenta um pouco sobre cada um.

*M: Todos os exemplos podem acontecer. Na maior parte das vezes, banco de imagem ou feita por mim (em casos de fotografias ou grafismos). Foto encomendada, só em livros especiais.*

T: Como se dá a construção dessa imagem? Como se dá a escolha da tipografia?

*M: Essas respostas dariam umas vinte páginas. Mas é basicamente a essência do trabalho do designer, saber escolher a imagem e a tipografia certas. E isso se aprende ao longo de anos de observação aguçada das formas, dos símbolos, do que combina, do que funciona para cada tema/assunto/estilo.*

T: Já aconteceu de projetar um trabalho e ao passar por uma livraria descobrir que mudaram todo ou alguma parte do seu

projeto?

*M: Acontece muito raramente, ainda bem. É terrível. Mas nunca aconteceu de mudarem todo o projeto, nem poderiam. Às vezes, alguma pequena coisa (um espaçamento errado, uma cor não muito exata), mas que faz toda a diferença e me deixa bastante irritada pois é o meu nome que assina o projeto e, no fundo, não fui eu a responsável pela mudança.*

T: Quando se faz uma capa, pensa-se uma forma de transmitir a ideia do livro ou de atrair o leitor no ponto de venda (enfoque mais publicitário)? Os dois aspectos são levados em consideração ou um é mais privilegiado?

*M: As duas coisas, sempre, esse é o trabalho do designer de livros.*

T: Ainda existe diferença em projetar uma capa mais comercial e uma edição para colecionador? Qual seria?

*M: Sim. Pensar sempre no que o público de massa espera e no que um leitor mais atento e especializado espera. Basicamente, projetar para públicos com expectativas e backgrounds diferentes.*

T: Por que tu gostas de projetar livros?

*M: Porque amo livros e amo ler.*

T: Qual o livro que projetaste que mais gostaste ou que te marcou mais e por quê? Como foi o processo de criação?

*M: São vários. Há um link no meu site para as favoritas:*

*<http://www.interludio.net/category/portfolio/capas-de-livro/minhas-capas-favoritas/>*

*Gosto das coleções de livros de um mesmo autor ou segmento*

*(como a coleção policial). Gosto da Poesia Matemática, do Fernando Pessoa,*

T: E qual foi o que menos gostaste de fazer ou que o resultado não ficou bem como tu querias e por quê?

*M: Em geral quase não acontece pois só aceito trabalhar em livros de temas com os quais me identifico e dentro de uma gama de gêneros em que me sinto à vontade para criar (ver resposta lá no começo sobre os tipos de livro que não aceito fazer)*

T: Para finalizar, como estou analisando a capa do livro “A menina que roubava livros”, como foi o processo de criação dele, e o que tu sentes em relação a ele depois de pronto?

*M: Foi feito da mesma maneira que são feitos todos os livros, como contei, li o livro, pesquisei imagens, fiz 3 opções de capa e aquela foi a escolhida. Não sei dizer por que essa capa faz tanto sucesso, talvez por ser silenciosa em um universo de capas muito “barulhentas”, cheias de cores e apelos visuais. Gosto de capas assim caladas, com bastante espaço visual para a imagem respirar com calma (muita área branca de neve) e apenas a sugestão de alguma coisa, e não a coisa em si oferecida diretamente.*

**ENTREVISTA FEITA PESSOALMENTE NA  
37<sup>a</sup> FEIRA DO LIVRO DE PELOTAS,  
EM 1º DE NOVEMBRO DE 2009.**

**TRANSCRITA COM LINGUAGEM COLOQUIAL,  
DA MANEIRA COMO FOI A CONVERSA.**

**Entrevista 1**

42 anos, homem

Escolaridade: Superior

Área de interesse:

Administração

Thaís: Gosta de ler?

*Entrevistado: Pouco*

T: Que tipo de livro?

*E: Livro Técnico*

T: Livro de literatura tu não  
gosta muito?

*E: Não sou muito chegado.*

*Sinceramente não.*

T: Quantos livros tu lê mais ou  
menos por ano?

*E: Difícil pergunta, mas  
assim... ó...não tenho o hábito  
da leitura, não dá um livro por  
ano.*

T: O que te chama mais  
atenção num livro quando tu  
vai comprar?

*E: Tem que ser uma literatura  
fácil de ler, tá? Independente  
que seja técnico ou outro  
tema, tem que ser uma leitura  
fácil. Se for muito difícil não  
atrai, não cativa as pessoas, a  
não ser que as pessoas tenha*

*o hábito de leitura, né?*

T: Tu escolheu alguma coisa aqui na feira?

*E: Não, tava olhando agora pra minhas filhas casualmente, mas literatura infantil.*

T: E daí o que te chama mais atenção? Seria a capa? Tu dá uma olhada dentro?

*E: O texto, se tem figuras, se é infantil, se tem figuras, né? E pra mim se é especificamente técnico, né?*

T: E tu ficou com vontade de comprar algum e deixou de comprar?

*E: Eu tô com vontade de comprar um infantil, mas tô com medo de não acertar o gosto da pessoa; por isso que eu queria ter trazido minha filha pra ela poder escolher.*

T: Então tá, obrigada.

### **Entrevista 2**

Mulher, 51 anos

Escolaridade: Superior incompleto

Área de interesse: Ciências Sociais

T: Gosta de ler?

*E: Gosto.*

T: Qual o tipo que tu mais gosta?

*E: Eu também gosto de uma literatura fácil. Mas a parte que eu mais gosto é história.*

T: Tu sente mais necessidade de ler livros por motivos profissionais ou seria mais por prazer mesmo?

*E: Não, por prazer.*

T: Quantos livros tu lê em média por ano?

*E: 1 ou 2, quando muito.*

T: O que mais te chama a atenção na hora de escolher o livro, ou o que tu olha pra decidir se tu vai comprar ou não? O autor, a capa, o título?

*E: Ah, o título é bastante interessante, né, porque daí pelo título tu já vê. Se teve algum comentário de alguém, também. Por aí eu já vejo se é alguma coisa que eu vou me interessar.*

T: E tu repara numa capa mais bonita ou dá uma olhada dentro do livro, quando tu vai escolher, pra ver como é, por exemplo, o tamanho da letra...

*E: O tamanho da letra é importante.*

T: Tu repara?

*E: Reparo.*

T: E outras coisas da diagramação nunca te chamaram a atenção?

*E: Não.*

T: Algum livro tu ficou interessada aqui na feira?

*E: A princípio não, eu tô chegando agora. Por enquanto eu não vi nada.*

T: Então tá, muito obrigada!

*E: Merece!*

### **Entrevista 3**

Mulher, 29 anos

Escolaridade: 2º grau

Área de interesse: Letras

T: Gosta de ler?

*E: É mais ou menos*

T: Que tipo de livro?

*E: Auto-ajuda e espírita.*

T: Quanto livros, em média, tu lê por ano?

*E: Às vezes chego a ler 3.*

T: O que tu observa num livro antes de comprar ele?

*E: O título.*

T: Eu reparei que, antes de eu chegar tu tava pegando esse livro, o que te chamou a atenção nele?

*E: É que onde eu trabalho, a gente trabalha com livros e eu tava olhando que aqui tem um outro tipo que não chegou lá ainda.*

T: E já te chamou a atenção alguma vez o design do interior do livro, tipo: a capa, ou algum elemento de dentro do livro que te chamou a atenção e te levou a comprar?

*E: Com certeza. E também as pessoas, né? Tem gente que indica livro.*

T: Te interessou por algum livro aqui na feira, sentiu vontade de comprar?

*E: Teve um.*

T: Tu te lembra qual o título? Ou o porquê que tu sentiu vontade de comprar?

*E: Ah! Um que eu gostaria de ler é aquele “Violetas na Janela” ou, senão, aquele do Alan Kardec, “Entre o Céu e o Inferno”, também.*

T: Esses aí são mais por recomendação do que por alguma coisa que te chamou atenção no livro?

*E: Não. O Alan Cardec eu gostaria de ler desde o*



*começo, assim, para entender a continuação, Porque, o que adianta pegar um livro espírita, ler e ficar meio perdida; não vai entender; só o que tu ouve mesmo.*

T: Então tá, muito obrigada!

#### **Entrevista 4**

Homem, 38 anos

Escolaridade: 2º grau

Área de interesse: Biologia

T: Gosta de ler?

*E: Não tanto, mas gosto.*

T: Que tipo de livro?

*E: Educativo*

T: Sente necessidade de ler por motivos profissionais?

*E: Não.*

T: O que te chama mais atenção na hora de escolher um livro?

*E: Acho que é o título mesmo.*

T: A maneira como ele tá disposto...

*E: É*

T: Quantos livros você lê, em média, por ano?

*E: No momento acho que um livro por ano.*

T: Alguma vez você já comprou algum livro pelo motivo da

capa chamar-lhe a atenção?

*E: Não, por capa não.*

T: Aqui na feira comprou algum livro hoje? Ficou com vontade de comprar?

*E: Já.*

T: E por que tu quis comprar esse?

*E: Eu sempre quis comprar, mas ainda ...*

T: Ainda não comprou. Então tá. Obrigada!

#### **Entrevista 5**

Mulher, 30 anos

Escolaridade: Superior

Incompleto

Área de interesse:

Matemática

T: Gosta de ler livros?

*E: Sim*

T: De que tipo?

*E: Fantasia e espírita.*

T: Você sente a necessidade de ler livros por motivos profissionais?

*E: Sim, pra faculdade, mas daí é obrigação.*

T: Quantos livros, mais ou menos, tu lê por ano?

*E: Depende muito do tamanho do livro, acho que uns 3 ou*

*4, tem uns que são muito grossos, então é uma média de 4 por ano.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

*E: O assunto.*

T: Alguma vez você já comprou algum livro pelo motivo da capa chamar-lhe a atenção? Tu olhou a capa, e depois tu foi ver se o resto te agradava?

*E: Já.*

T: Muitas vezes?

*E: Algumas tipo, a capa não, mas o título, né. Ou não conta?*

T: Pode contar. O que foi mais ou menos?

*E: Na última feira eu comprei um que dizia assim; Matemáticos, de loucos todos temos um pouco e daí eu nem sabia o que tinha lá dentro e comprei só por causa do título. Chamou a atenção. E também por causa das crianças, eu tenho filhos, então é a capa que chama a atenção. Conforme a capa que vai chamar a atenção das crianças.*

T: E alguma vez te chamou

a atenção a diagramação do livro? Alguma coisa que tu gostou mais de ler, ou não?

*E: diagramação tu diz?*

T: O jeito da letra, a maneira como tá disposta...

*E: Hmmm então, eu prefiro quando são maiores. Quando não são tão pequenininhas, por que eu fico com dificuldade de ler, né? Eu uso óculos pra ler e daí se torna mais cansativo. Eu prefiro que tenha mais páginas com a letra maior.*

T: Então tu olha dentro do livro antes de comprar?

*E: Não. Eu normalmente olho o resumo atrás, né? A sinopse dele e tal, e só eu não chego a prestar atenção dentro.*

T: Comprou algum livro na feira? Ficou com vontade de comprar?

*E: Sim. Tem alguns que eu quero comprar. Mas eu vou esperar o finalzinho, né? Quando tem mais promoção.*

T: E esses livros, tu já queria comprar eles antes, ou tu tava passeando e te chamaram a atenção?

*E: Eu já queria comprar antes. Tem uns que eu já queria e outros que me chamaram a atenção. Mas vou fazer a feira no fim da feira. Hehe.*

T: Então, tá. Obrigada!

### **Entrevista 6**

Mulher, idosa.

T: Qual a tua escolaridade?

*E: Ih naquela época se estuda só até o 5º ano.*

T: E qual é a tua área de interesse? Seria exatas, humanas, artes?

*E: Não tenho interesse por nada.*

T: E tu gosta de ler livros?

*E: Não.*

T: Nenhum?

*E: Não. Já passou. Quando eu era novinha eu gostava de romance. Mas agora pra não cansar os olhos eu prefiro não ler mais.*

T: Então, ta. Obrigada.

### **Entrevista 7**

Mulher, idosa.

Escolaridade: 1º Grau

T: Qual é a tua área de

Interesse?

*E: Eu gosto da leitura, da religião.*

T: Quantos livros, mais ou menos, tu lê por ano?

*E: Uns 3 ou 4.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

*E: Eu vejo se é livro da natureza, da alimentação, da natureza.*

T: E na hora que tu vai na livraria, tu escolhe pela capa, pelo título?

*E: Pelo título.*

T: Alguma vez você já comprou algum livro pelo motivo da capa chamar-lhe a atenção?

*E: Não.*

T: Ficou com vontade de comprar algum aqui na feira?

*E: Por enquanto não, moça.*

T: Então ta. Muito obrigada.

### **Entrevista 8**

Mulher, 23 anos.

Escolaridade: Superior incompleto.

Área de interesse: Direito

T: Gosta de ler?

*E: Bastante.*

T: O que tu gosta de ler?

*E: Leio os livros do Direito, literatura francesa, portuguesa...*

T: Quantos livros em média tu lê por ano?

*E: Não tenho uma estimativa assim.*

T: Mas, mais ou menos, mais pra 1 ou mais pra 6?

*E: Mais pra 6, acredito.*

T: E o que te chama mais atenção, na hora de escolher um livro?

*E: Normalmente eu tenho uns escritores que eu já busco, ou se é na área do Direito, alguma área que já esteja estudando. E de literatura, escritores que eu goste ou que venha a conhecer, entendeu, que queira conhecer o trabalho.*

T: Nunca aconteceu contigo de tu olhar a capa e depois buscar maiores informações?

*E: Não muito. Isso me acontece mais com filmes. Com livros, não muito, até porque eu não vou muito nesses Best-sellers e coisas assim, livros muito coloridos, normalmente eu pulo esta parte da livraria.*

T: Vai lá pelo conteúdo mesmo.

*E: É, normalmente.*

T: Ficou com vontade de comprar algum aqui na feira?

*E: Eu tô chegando agora, mas já achei alguns, aqui.*

T: E aqui tu ta escolhendo pelo título, porque só tá exposta a lombada.

*E: É, normalmente eu escolho assim pelo título, tanto que nem vejo a capa.*

T: Então ta, obrigada.

### **Entrevista 9**

Homem, 25 anos.

Escolaridade: superior incompleto

Área de interesse: medicina

T: Gosta de ler livros?

*E: Gosto.*

T: Que tipo?

*E: Eu prefiro mais literatura técnica, livros de medicina...*

*Eu gosto também de história, geografia, biologia*

T: Quantos livros você lê, em média, por ano?

*E: Contando literatura técnica?*

T: Aqueles que tu lê sem ser obrigado.

*E: Uns 2 ou 3, eu acho.*

T: E o que te chama mais atenção na hora de escolher um livro?

*E: Geralmente, se é um assunto que me interessa o livro. E costumo dar uma lida no resumo. Na resenha do livro.*

T: E tu também escolhe os livros pelas lombadas, que nem ela, ou tu olha a capa?

*E: Geralmente a capa te chama atenção primeiramente, mas depois pelo conteúdo.*

T: Alguma vez tu já comprou um porque a capa te chamou muito a atenção?

*E: Não.*

T: Ficou com vontade de comprar algum aqui na feira?

*E: Eu cheguei agora e na verdade eu tava dando uma olhada aqui na Revolução Russa, que eu ia pegar pra dar uma lida atrás, que eu achei interessante.*

T: Nesse caso o que te chamou mais a atenção foi o nome?

*E: É.*

T: Então tá. Obrigada.

*E: De nada.*

### **Entrevista 10**

Mulher, 25 anos.

Escolaridade: Superior

Área de interesse:

Pedagogia

T: Gosta de ler livros?

*E: Não muito.*

T: E quando tu lê, de que tipo é?

*E: Infantil.*

T: Tu tem necessidade de ler livro por motivo profissional?

*E: Tenho, mas não leio.*

T: E quantos livros tu lê por ano?

*E: Uns 10 eu acho, mas é infantil.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

*E: As páginas. O tipo de papel.*

T: E alguma vez tu comprou porque a capa te encantou?

*E: Não.*

T: Tu ficou com vontade de comprar algum na feira?

*E: Não olhei muito, mas o Crepúsculo eu fiquei com vontade, é o mais vendido.*

T: Mas tu ficou porque ele é o mais vendido, ou por causa das capas?

*E: Na verdade eu nunca tinha reparado nele, daí eu hoje eu me sentei, porque a gente começa a trabalhar às duas[horas] aqui, mas chega a uma[hora], daí eu comecei a ler, e tá, agora eu quero ver se compro todos, porque ler um só não dá. São cinco!*

T: Mas a capa do crepúsculo é bonita.

*E: A mais bonita é a Lua Nova.*

T: Então tá. Obrigada.

*E: De nada!*

### **Entrevista 11**

Mulher, 21

Escolaridade: Superior incompleto.

Área de interesse: Direito.

T: Tu gosta de ler livros?

*E: Muito.*

T: Que tipo de livro?

*E: Eu gosto de todos, acho que leitura nunca é demais, mas ultimamente eu tenho lido mais os de Direito, do meu curso mesmo.*

T: Mas daí é por obrigação, ou tu gosta mesmo?

*E: Não. Eu leio a título de curiosidade, só pra saber*

*mesmo.*

T: Quantos livros tu lê, mais ou menos, por ano?

*E: Bah, não sei dizer, é que eu leio mais de curso agora, daí dependendo da quantidade de cadeiras...*

T: E como tu escolhe esses livros?

*E: Eu vejo um autor que eu me identifico mais, que me adapto melhor e pego aquela coleção, pra ler à medida que o curso vai avançando. Leio pra me aprofundar.*

T: Então o que te chama a atenção na hora de escolher o livro é o autor?

*E: É o autor que eu me identifico e o tipo do livro.*

T: E alguma vez tu já comprou porque a capa te chamou a atenção?

*E: Já.*

T: Tu te lembra de algum, para dar exemplo?

*E: Agora mesmo, não faz muito tempo eu comprei aquele "A menina que roubava livros", por causa da capa.*

T: Eu também... e teve alguma coisa que te chamou mais

a atenção, ou foi a capa no geral?

*E: Eu achei a capa, e aquela frase de efeito, "Quando a morte conta uma história, você tem que parar pra ler", aquilo ali.*

T: Na feira, tu já deu uma olhada, e ficou com vontade de comprar algum?

*E: Já.*

T: Qual?

*E: Aquela série ali, do Crepúsculo, tem uns da Nora Roberts também.*

T: E esses, porque tu ficou com vontade de comprar eles?

*E: O do Crepúsculo?*

T: É, um desses, pra dar exemplo.

*E: O do crepúsculo porque agora é febre, tá todo mundo falando e aí eu fiquei com vontade de ver também.*

T: E tu dá uma olhada dentro do livro na hora de comprar?

*E: Sim.*

T: E o que tu repara?

*E: Eu reparo no tamanho da letra, no espaçamento, eu dô uma olhada assim pra ver...*

T: Pra facilitar a leitura...

*E: É.*

T: E tem algum livro que tu tá com muita vontade de comprar e ainda não comprou?

*E: Não, não. Não que eu lembre.*

T: Então, tá. Obrigada.

*E: Merece.*

### **Entrevista 12**

Mulher, 26 anos

Escolaridade: Superior incompleto

Área de interesse: Biologia

T: Gosta de ler livros?

*E: Gosto*

T: De que tipo?

*E: Literatura e na minha área também, Ciências Biológicas.*

T: E Ciências Biológicas, tu lê por obrigação ou porque tu gosta?

*E: Porque eu gosto. Leio também sobre a questão da evolução e livros sobre genética.*

T: Quanto livro, mais ou menos, tu lê por ano?

*E: 6 ou 7*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

*E: Olha, na parte da literatura, principalmente o tema, né? O tema e a capa, porque a capa sempre te traz o livro, né? Tu olha uma capa assim, e ó!*

*Vamos ver do que que é isso.*

T: Então a minha próxima pergunta tu já respondeu, que era se tu já comprou livro pela capa.

*E: Já fui até o livro pela capa.*

T: E tu lembra o que mais te chamou atenção, na capa de algum livro que te marcou muito?

*E: Olha, é que tem capas que fazem tu pensar, né? Que nem, por exemplo, o livro "A cabana" mesmo, tu olha e tem uma cabana, e tu quer desvendar o mistério. Ele te traz a ver "Afinal, o que tem nesse livro?". O que que te faz chegar? Ou, às vezes, o jogo das cores, as capas com cores vermelha, amarelo, dependendo do tom, te chama assim, às vezes tu ta passando de longe e vê e "ó! o que será aquilo ali?"*

T: E tu chega a olhar a parte de dentro do livro também

quando tu compra, ou tu só percebe isso quando chega em casa e vai ler o livro?

*E: Ah, eu olho. Olho a frente, a contra-capas e atrás do livro, porque, assim, a capa te chama, mas, às vezes, tu vai olhar o assunto e não é nada daquilo. Daí não interessa capa ser bonita.*

T: E as páginas de dentro do livro? Tu chegas a folhear antes de comprar ou não?

*E: Não. Nunca folheio.*

T: Ficou com vontade de comprar ou comprou algum aqui na feira?

*E: Olha, tem alguns livros que eu pretendo ler e nós temos aqui na feira também.*

T: E o que tá te motivando mais a ler esses livros?

*E: Ele é uma continuidade de um livro que eu já li. Essas coisas da capa são bem interessantes. Por que eu trabalho na biblioteca do Campus II da UCPel e eu reparo que as capas de moda são as mais bonitas, depois vem as de publicidade e as de Biologia tem umas fotografias*

*bem bonitas nas capas.*

T: É... geralmente esses livros que são destinados a pessoas mais ligadas à estética são mais elaborados.

E: *E outra coisa que eu vejo lá é que às vezes os alunos têm que ler algum livro pra uma disciplina e eu já vi muita gente preferindo não pegar, porque a capa tava feia ou velha. Daí eu já acho um absurdo, porque como que não vai ler uma coisa por causa da capa que tá feia, se é obrigatório pra disciplina?*

T: É verdade. Então tá. Muito obrigada.

### **Entrevista 13**

Mulher, 24 anos.

Escolaridade: Superior completo

Área de interesse: Direito

T: Gosta de ler livros?

E: *Gosto muito.*

T: De que tipo?

E: *Romance, espírita.*

T: Você sente a necessidade de ler livros por motivos profissionais?

E: *Leio, muito.*

T: Quantos livros você lê, em média, por ano?

E: *Por vontade própria, esse ano, li três, tô na metade do terceiro.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro? Tu lê porque alguém te indicou ou...

E: *A maioria é indicação; autor eu nunca presto atenção. É o tipo da história, tipo da linguagem do livro, eu vejo atrás e tento dar uma olhadinha no tipo de linguagem.*

T: Tu vai numa livraria e vê um monte de livro, o que te chama a atenção para escolher um?

E: *Principalmente o nome do livro, capa e depois a historinha dele, se vai se desenvolver numa história interessante ou não.*

T: Tu já comprou livro por causa da capa?

E: *Só por causa da capa, não.*

T: Mas que a capa teve papel importante na tua escolha?

E: *O nome do livro tem mais que a capa.*

T: E se o livro for feio e

horroroso?

E: *Não tenho muito problema com isso, a maioria dos espíritas não são muito atraentes, né?*

T: Tu chega a olhar dentro do livro na hora de escolher, ou não?

E: *Chego, se não tiver o plástico e puder olhar.*

T: Mas tu olha dentro pra ver a folha, a letra ou...

E: *Não, pra ver a linguagem, leitura mesmo. a linguagem que o livro vai trazer, principalmente como começa o livro. Se eu começar a ler e ele não me atraiu pode ser a história maravilhosa, que eu não vou ler.*

T: Ficou com vontade de comprar ou comprou algum aqui na feira?

E: *Já.*

T: Qual?

E: *Tem "A Cabana", que eu gostei muito, tem o da Martha Medeiros, e tem outro que é "A menina que roubava livros", mas a maioria é por indicação, que daí eu já vou nos que me indicam.*

T: Nenhum deles é porque te chamou a atenção?

E: *Não, não. É muito livro, né, pra um te chamar a atenção.*

T: Então, tá, obrigada.

### **Entrevista 14**

Homem, 25 anos.

Escolaridade: 3º Grau incompleto.

Área de interesse:

Jornalismo.

T: Gosta de ler livros?

E: *Não.*

T: De nenhum tipo?

E: *Só leio livro específico de fotografia.*

T: Quantos tu lê, mais ou menos, por ano?

E: *Seis, sete.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher esses livros?

E: *O conteúdo, quem escreveu, se é autobiográfico ou não.*

T: Alguma vez tu já comprou por causa da capa? Ou escolheu o livro pra ler por causa da capa?

E: *Não.*

T: Ou te chama a atenção por causa da capa, e daí tu

escolhe pra ver do que se trata.

*E: Não. Normalmente eu compro, porque eu já sei o quero, o conteúdo.*

T: Indicação?

*E: É, por indicação.*

T: E tu nem olha a parte de dentro do livro pra ver alguma coisa?

*E: Normalmente eu procuro na internet alguma coisa sobre o livro.*

T: Mas só sobre o assunto?

*E: É, sobre o assunto.*

T: Ficou com vontade de comprar ou comprou algum aqui na feira?

*E: Não vi nenhum por enquanto.*

T: Nenhum te chamou a atenção?

*E: Não.*

*T: Então tá, obrigada!*

### **Entrevista 15**

Mulher, 25 anos.

Escolaridade: Superior incompleto

Área de interesse:

Administração

T: Gosta de ler livros?

*E: Gosto.*

T: De que tipo?

*E: Histórias verídicas e drama também.*

T: Você sente a necessidade de ler livros por motivos profissionais?

*E: Não.*

T: Quantos livros você lê, em média, por ano?

*E: Se fosse mais barato, acho que eu leria uns cinco no mínimo, mas leio um por ano.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

*E: Geralmente a publicidade dele é o que me chama mais a atenção.*

T: Alguma vez tu já comprou porque a capa te chamou a atenção?

*E: Não, não, capa não, mais a publicidade dele.*

T: Tu chega a olhar a parte de dentro do livro também quando tu compra ou tu só percebe isso quando chega em casa e vai ler o livro?

*E: Com certeza.*

T: Só pra ler a história ou pra ver o tamanho da letra ?

*E: Não, só pra ver a história.*

T: Ficou com vontade de comprar ou comprou algum aqui na feira?

*E: Vários.*

T: Qual que te chamou mais atenção ou por que tu ficou com vontade de ter ele?

*E: É que assim, tem um que é “A menina que roubava livros”, que eu quero, quero, quero, mas acabo não comprando.*

T: E esse aí é porque te indicaram ou porque tu te apaixonou pela capa?

*E: É porque me indicaram. A capa é super bonita, mas é porque me indicaram.*

T: Então tá. Obrigada!

### **Entrevista 16**

Homem, 60 anos.

Escolaridade: 2º Grau

Área de interesse: atua no comércio.

T: Gosta de ler livros?

*E: Leio alguma coisa, pouca coisa.*

T: De que tipo?

*E: A única coisa que eu leio mais é o diário popular.*

*Quando não, agora no*

*momento, tô lendo mais historias infantis, por causa dos netos. Eu tenho um neto de três anos e meio, que tá morando com nós há dois e meio e, é brincadeira, tem que repetir quatro, cinco vezes a mesma história!*

T: Pro senhor , o senhor não gosta muito?

*E: Não tenho quase tempo.*

T: Qual é a média de livros que tu lê por ano?

*E: Um, quando muito.*

T: E o que te chama mais a atenção na hora de escolher um livro?

*E: O último que eu li foi um livro espírita. Daí eu lia um capítulo quando dava, outro noutro dia, até que consegui ler todo.*

T: E esse aí o senhor escolheu por quê? Porque te indicaram?

*E: Minha esposa tinha lido e tinha gostado muito, daí mesmo, agora ela tá olhando uns ali.*

T: E alguma vez tu já quis ler um livro por causa da capa dele?

*E: Não. Eu só li mais por causa*

da história que ela me contou.

T: E antes de ler um livro, tu já pensou em abrir ele pra ver o tamanho da letra ou alguma coisa assim?

E: Não. Não me chama quase a atenção, no momento é história infantil, que é pros netos, daí eu vejo as figuras, pra ti ir ilustrando pra ele: "o o lobo mau, e tal"

T: Então tá, muito obrigada!

### **Entrevista 17 e 18**

2 Mulheres, idosas

Escolaridade: A-Primário/

B-Superior

Área de interesse: A-comércio com jóias

/B-jornalismo e música

T: Vocês já sentiram necessidade de ler por causa do trabalho?

A-Não, nunca precisei. Eu sempre li porque gosto de ler.

B- Eu só lia na época da faculdade, depois não.

T: Que tipo de livros gostam de ler?

A-Qualquer tipo.

T: E a senhora também?

B-O que cai na rede é peixe.

T: E o que chama mais a atenção na hora de escolher um livro?

B- Ah, eu olho lá a contracapa, e a orelha, pra ter uma noção do que contém.

A - Agora, por exemplo, eu tô com idéia de comprar o do Padre Fábio.

T: E é mais pelo assunto, a capa nunca chamou a atenção de vocês para escolher um livro?

B- Não, só lá na orelha e na contracapa.

T: E pra vocês pegarem o livro e verem a contracapa, o que chama a atenção não é capa? B-É o título.

A- Às vezes a capa chama atenção. Por exemplo, aquele do cachorro, eu achei o cachorro bonito e fui olhar o que que era.

T: E vocês olham a parte de dentro também para escolher? As letras, as páginas?

B-Agora eu não faço isso; houve tempo em que eu fazia, agora não. Agora eu vou ali pelo que eu te disse, a orelha e a contracapa.

A- É, eu também, é isso aí, eu pego o livro e olho ali, se o assunto interessa, vai adiante.

B- E se o bolso permite, porque outro dia, eu vi um na livraria Mundial, fiquei encantada, mas vi o preço e...

T: Tu te lembra qual era o livro?

B-Era o seriado do Luis Pseol Migre[não sei como se escreve] .

T: E o que lhe chamou a atenção nesse livro?

B-É que eu já vi alguns episódios na televisão.

T: Então tá, obrigada.

### **Entrevista 19**

Homem, 56 anos.

Escolaridade: 3º grau

Área de interesse:

Arquitetura e urbanismo

T: Gosta de ler livros?

E: Tô levando.[mostrou o livro dentro da sacola]

T: De que tipo?

E: Técnico.

T: E esse técnicos é porque tu gosta ou porque tu tem que ler?

E: É por necessidade e

também porque aprendi a gostar.

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: É o conteúdo.

T: O nome do autor, alguma indicação?

E: Não, eu geralmente, o nome do autor não vai às vezes o autor é desconhecido e o livro é muito bom e acontece na maioria das vezes.

T: E alguma vez tu já comprou por causa da capa do livro?

E: Nunca

T: Nunca a capa te chamou a atenção e só depois tu foi ver sobre o que era o livro?

E: Uma vez na livraria da faculdade de arquitetura na USP, um me chamou a atenção. Foi o primeiro livro que eu vi com material reciclado, ele era feito de caixa de papelão aproveitada, e ele era muito bom porque nele vinha todas as estruturas da... já ouviu falar da Casa da Retorta em SP?

T: Não.

E: A Casa da Retorta tem

várias estruturas em metais que são antiguíssimos e que são fora de série. E também o centro de eventos em SP, tem passarelas em X e sobre estrutura retilínea e nele vinha isso e foi o único também. Eu passei os olhos e abri assim.

T: Você observa a parte interna antes de comprar, como o tamanho das letras, o espaçamento?

E: É a primeira coisa que eu faço. Eu nunca pego a capa. O título te chama a atenção e depois tu abre e vê.

T: E quando tu abre é pra ver o tamanho da letra, espaçamento, ou...

E: Não. Eu quero ver o conteúdo e o que tem nele.

T: O que tu comprou aqui na feira?

E: Ah, é sobre arquitetura.

T: E por que tu comprou?

E: É de um ex-professor meu, já falecido, um bom professor, e daí eu vi e pensei, vou levar.

T: Foi só por causa do nome dele então?

E: Não. É pelo conteúdo que ele tinha como professor,

pela pessoa dele, era um cara querido, um cara show na matéria, e... não sei, tô levando porque é uma recordação e vai me ajudar também.

T: Tá bom, então, obrigada.

E: De nada!

### **Entrevista 20**

Mulher, + de 40 anos  
Escolaridade: Superior completo

Área de interesse: História

T: Gosta de ler livros?

E: Muito

T: De que tipo?

E: Todo tipo.

T: Você sente a necessidade de ler livros por motivos profissionais?

E: Não, além da profissão, o gosto.

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: Geralmente alguma coisa que alguém já recomendou.

T: Alguma vez tu já escolheu um livro por causa da capa?

E: Não.

T: Nunca?

E: Não, que eu me lembre,

não.

T: Tu olha na parte de dentro do livro, pra ver se é agradável de ler ou coisa assim?

E: Geralmente eu leio pra saber o assunto.

T: Ficou com vontade de comprar ou comprou algum aqui na feira?

E: Não. Hoje eu só comprei pra pequena, pra mim hoje nada.

T: Então tá. Obrigada.

### **Entrevista 21**

Homem, 50 anos  
Escolaridade: 2º Grau  
Área de interesse: trabalha com comércio

T: Gosta de ler livros?

E: Sou meio preguiçoso pra ler livros, até gosto, mas

T: Dos que tu lê, qual é o tipo que tu gosta mais?

E: Sabe que faz tanto tempo que eu não leio ultimamente, mas eu acho que é mais pro lado de aventura.

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: Eu vou mais pelo título.

T: E o senhor já escolheu

algum por causa da capa?

E: Já. Eu li o não sei te dizer o autor, A ilha, a capa também me chamou a atenção, foi o único livro que eu li desde o começo até o fim.

T: E teve algum elemento que te chamou mais a atenção na capa, alguma coisa?

E: Foi a paisagem que tinha, a paisagem tava relacionada ao próprio nome do filme, a ilha.

T: E antes de tu ler um livro, tu dá uma olhada nas páginas de dentro?

E: Geralmente eu dou uma olhada no começo do livro, na como é que se chama, a

T: No índice?

E: No índice ali e geralmente eu dou uma olhada lá no fim da história. Deve ser por isso que eu não leio todo o livro, quando eu pego um pra ler.

T: Ficou com vontade de comprar ou comprou algum aqui na feira?

E: Vontade sempre tem, o problema é que geralmente são caros os livros.

T: E qual foi o que te chamou mais a atenção?



*E: Eu recém comecei a olhar algum aqui, foi "A Hospedeira".*

T: E por que que te chamou a atenção?

*E: Pela capa.*

T: Tem algum elemento da capa?

*E: Na imagem tem um olho, um olho grande na capa.*

T: Então tá, obrigada.

### **Entrevista 22**

Mulher, 29 anos  
Escolaridade: cursando o 2º ano do ensino médio.  
Área de interesse:  
medicina

T: Gosta de ler livros?

*E: Gosto, mas sou um pouquinho preguiçosa também.*

T: Qual o tipo que tu gosta de ler?

*E: Agora eu tava olhando os espíritas.*

T: Quantos livros, mais ou menos, tu lê por ano?

*E: Muito pouco.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

*E: Ah, o título, né?*

T: Alguma vez tu já comprou por causa da capa?

*E: Também.*

T: Tu te lembra algum, pra dar exemplo?

*E: Olha, que eu comprei, não, mas que eu li foi "O Rapto", pra um trabalho da escola que eu fiz, mas li assim, começo, meio e fim, hehe.*

T: E foi a capa que te dava mais vontade de ler o livro?

*E: Foi.*

T: E o que te chamou mais atenção nela, tu sabe dizer?

*E: Era um menino, ele ficou preso num oceano e aquela coisa toda...*

T: Foi a imagem então. E tu chega a dar uma olhada na parte de dentro do livro antes de ler?

*E: A maioria das vezes.*

T: Pra ver o conteúdo, ou pra ver, tipo, o tamanho da letra

*E: Pra ver o segmento da história.*

T: Ficou com vontade de comprar ou comprou algum aqui na feira?

*E: "Violetas na Janela".*

T: Por causa dele ser famoso,

ou por causa de algum elemento da capa?

*E: Não, por causa do título, mesmo.*

T: Então tá, obrigada.

### **Entrevista 23**

Homem, 22 anos  
Escolaridade: Superior incompleto  
Área de interesse:  
Agronomia

T: Gosta de ler livros?

*E: Mais ou menos*

T: De que tipo?

*E: Um pouco de ficção e bastante técnico.*

T: Tu lê bastante coisa porque tu é obrigado a ler, ou porque tu gosta mesmo?

*E: Ficção é porque eu gosto e técnico porque eu preciso.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

*E: O título, a capa, o abstract que eles mostram, enfim, todo o contexto me leva a comprar o livro.*

T: Alguma vez tu já comprou, ou leu um livro por causa da capa?

*E: Já, por exemplo, esse aqui ó[Um homem que ouviu cavalos], um livro com uma capa atraente, que te induz a saber o que tem por dentro.*

T: E tu chega a olhar a parte de dentro do livro também quando tu compra ou tu só percebe isso quando chega em casa e vai ler o livro?

*E: Observo. O tipo de letra, o papel também.*

T: Qual foi o livro que te chamou mais atenção aqui na feira, que tu ficou com vontade de comprar ou alguma coisa assim?

*E: O que me chamou a atenção nessa feira foi bastante presença de livros com presença de vampiros. Agora com a série do Crepúsculo, Lua nova, e etc. e isso tem me atraído e eu tô pensando em comprar uma coleção completa.*

T: Esses tu quer comprar porque tá todo mundo falando?

*E: É, porque tá na moda agora.*

T: Então tá. Muito obrigada.

#### **Entrevista 24**

Mulher, 28 anos.

Escolaridade: 2º Grau completo

Área de interesse:

Humanas

T: Gosta de ler livros?

*E: Gosto, mas não tenho o hábito.*

T: De que tipo?

*E: Geralmente é espírita, anjo.*

T: Você sente a necessidade de ler livros por motivos profissionais?

*E: Não.*

T: Quantos livros você lê, em média, por ano?

*E: Um.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

*Namorado: - A figura.*

*E: Não, não é a figura.*

*Geralmente é, como é que vou te explicar o começo do livro, se o começo for interessante, não importa nem qual é.*

*Assim, se eu pegar o começo e é interessante eu termino lendo.*

T: Mas, por exemplo, tu tá aqui na feira, no meio desse monte

de livro, o que vai te chamar a atenção?

*E: Eu gosto de magia, milagre, anjo, me chama atenção educação, livro infantil, porque eu tenho uma filhinha.*

T: Alguma vez tu já comprou por causa da capa dele?

*E: Não. Geralmente é pela introdução e pelo título.*

T: E tu dá uma olhada dentro do livro também quando tu compra?

*E: Ah, dou. Sempre abro em alguma página e dou uma ladinha ali.*

T: E tu olha só o conteúdo do texto ou tu vê também o tipo de letra que vai deixar a leitura mais fácil?

*E: Também. Não gosto de livro com letra muito pequenininha, porque chega uma hora que tu tá lendo e aquilo fica cansativo e se tu já não tem o hábito de ler, pior ainda.*

T: Ficou com vontade de comprar ou comprou algum aqui na feira?

*E: Já foi esse aqui, Milagre e Magia.*

T: E esse aí foi por causa do

título ou porque te chamou a atenção?

*E: Primeiro foi por causa do título e depois a gente deu uma olhadinha por aqui e aí viu sobre os anjos e algumas coisas que me chamaram a atenção.*

T: Então tá. Muito obrigada.

#### **Entrevista 25**

Homem, 23 anos.

Escolaridade: cursando o nível superior

Área de interesse: administração

T: Gosta de ler livros?

*E: Não é bem a minha cultura, mas gosto.*

T: De que tipo?

*E: Todos.*

T: Não tem nenhum que te chame mais a atenção?

*E: Não.*

T: Quantos livros, mais ou menos, tu lê por ano?

*E: Um.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

*E: O assunto.*

T: Alguma vez tu já comprou

um livro por causa da capa dele?

*E: Não.*

T: Nenhuma vez tu foi ver o livro porque a capa te chamou a atenção?

*E: Se a capa me chamou a atenção e eu achei legal.*

T: Então tu acha que a capa influencia na tua vontade de ler o livro?

*E: Talvez influencie, se o assunto for bom.*

T: E tu chega a olhar a parte de dentro do livro também quando tu compra ou tu só percebe isso quando chega em casa e vai ler o livro?

*E: Se ele tiver aberto que nem esse aqui, sim.*

T: E tu olha só pra ver a história, ou o tamanho da letra?

*E: Não, não. O tamanho da letra não.*

T: Ficou com vontade de comprar ou comprou algum aqui na feira?

*E: Olha, pra te falar a verdade, recém to chegando.*

T: Então tá. Muito obrigada.

## Entrevista 26

Homem, 21

Escolaridade: 2º Grau completo

Área de interesse: Arquitetura

T: Gosta de ler livros?

E: Gosto, gosto bastante.

T: De que tipo?

E: Ah, não sei. História esses tipos assim, mais ou menos. Gosto muito sobre a Guerra Mundial.

T: Tu lê livro porque tu é obrigado?

E: Não, é porque eu gosto. Eu tô sempre lendo alguma coisa, uma revista, um livro.

T: Quantos livros, mais ou menos, tu lê por ano?

E: Olha, por ano, média de três a quatro.

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: Eu gosto também de fatos reais, bem realidade, até o último livro que eu li foi aquele, bizarro, da Bruna Surfistinha, [risos] muito bizarro.

T: Tu escolheu ele só por causa

do marketing, ou...

E: Eu escolhi porque eu gosto de saber da vida das pessoas.

Eu gosto de biografias eu achei meio bizarro, assim, mas é um livro legal até.

T: Alguma vez tu já comprou por causa da capa dele? Ou tu leu ele com mais vontade por causa da capa?

E: Não, acho que não. Porque eu sempre gosto de ver a crítica, né, que fala "O livro é bom, é interessante", daí eu gosto de ler.

T: Daí tu já vai na livraria sabendo o que tu vai levar?

E: É, sabendo o que eu vou levar.

T: E tu chega a olhar a parte de dentro do livro pra ver letras e coisas assim?

E: Figuras e coisa assim? Não, não.

T: Ficou com vontade de comprar ou comprou algum aqui na feira?

E: Não, acabamos de chegar e não tem nenhum que nos chamou a atenção.

T: Então tá. Muito obrigada.

## Entrevista 27

Mulher, + de 40 anos.

Escolaridade: Ensino Superior.

Área de interesse: Pedagogia, economia doméstica, nutrição.

T: Gosta de ler livros?

E: Eu gosto, é que eu ainda continuo na ativa. Já tô aposentada, mas trabalho oito horas, mas o tempo que eu posso, eu leio alguma coisa.

T: De que tipo?

E: Ah, eu gosto de ler mais livros do tipo, assim, de terapia e educação mesmo.

T: É mais profissional?

E: É, mais profissional.

T: Mas não é por obrigação?

E: Não, não. É porque eu gosto.

T: Quantos livros você lê, em média, por ano?

E: Por ano não é muito, acho que uns quatro, cinco ou seis, mais ou menos, por ano. Eu leio também livros espíritas. Eu não sou espírita, mas eu gosto de ler por curiosidade.

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: Título.

T: Alguma vez a senhora comprou por causa da capa dele? Que a capa te chamou a atenção?

E: A capa também, o título e depois a capa. É o que mais a gente visualiza, né? A capa é a primeira coisa e a orelha também; eu sempre leio pra ver do que se trata.

T: E a senhora olha também a parte de dentro do livro, pra ver a letra

Isso também eu dou uma olhadinha, A gente já tá no cinquenta, tem que cuidar!

T: Ficou com vontade de comprar ou comprou algum aqui na feira?

E: O que eu pretendo comprar, eu já li há muito tempo, vou ler de novo. Aquela: Violetas na Janela.

T: Daí a senhora tem vontade de comprar por causa da história mesmo?

E: É, da história mesmo. Ah, e a capa dela é bonita também, né? Tem umas violetas bem coloridas; eu pretendo ler esse. E o da educação eu não

*cheguei a olhar alguma coisa ainda.*

T: Então tá. Muito obrigada.

### **Entrevista 28**

Mulher, + de 40 anos.

Escolaridade: Pós-graduação.

Área de interesse: Serviço Social, Direito, Ciências Sociais.

T: Gosta de ler livros?

E: Muito.

T: De que tipo?

E: *Eu gosto muito de romances, gosto muito de biografias, eu adoro, agora vou comprar de novo "As veias abertas da América Latina". Sabe, aquela, que tu empresta? Eu compro muitas vezes o mesmo livro, que eu já emprestei. Tem vários livros que eu já comprei várias vezes na minha vida, que são marcos históricos na minha vida. E eu tô assim encantada, o primeiro dia que eu posso vir.*

T: Alguma vez a senhora já comprou um livro por causa da capa dele?

E: Não, não, nunca.

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: *O autor, que eu tenha lido alguma crítica a respeito.*

T: Então tu já vai pra livraria com alguma idéia do que comprar?

E: *É acho que sim, porque eu vejo em revistas, eu vejo na internet e eu já vou indo direto no autor, normalmente.*

T: E a senhora chega a olhar a parte de dentro do livro?

E: *Nas orelhas, sim. Sempre.*

T: Mas na parte de dentro pra ver se a letra é muito miúda, se vão tornar cansativa a leitura

E: *Não.*

T: Não? Nunca prestou atenção nisso?

E: *Não. Eu gosto de desafios.*

T: Ficou com vontade de comprar algum aqui na feira?

E: *Já. Eu tenho que me cuidar na feira do livro... é uma coisa perigosíssima pra mim, porque geralmente gasto mais do que posso.*

T: E tem algum em especial?

E: *O Jabor, por exemplo, é a*

*ironia, a inteligência que ele coloca as coisas. Crítica irônica maravilhosa.*

T: Então tá. Muito obrigada.

### **Entrevista 29**

Mulher, 26 anos.

Escolaridade: Superior Incompleto

Área de interesse: História

T: Gosta de ler livros?

E: Muito.

T: De que tipo?

E: *Eu gosto de livros de história mesmo, que é o que eu faço. E ficção também.*

T: E esses livros de história que tu lê, é por obrigação ou porque tu gosta mesmo?

E: *Alguns é por obrigação, mas eu gosto também.*

T: Quantos livros você lê, em média, por ano?

E: *Não sei. Acho que uns dez, quinze, por aí.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: *Na verdade eu compro o que eu escuto falar que é bom.*

T: Então, quando tu vai na livraria, tu já vai com algo em mente?

E: *É.*

T: Nunca aconteceu de uma capa te chamar a atenção e depois tu ir ver sobre o que é o livro?

E: *É, já.*

T: Tu te lembra qual foi?

E: *Foi um espírita, mas não lembro qual era o nome do livro.*

T: E a capa dele, tu lembra o que te atraiu?

E: *Era uma coisa assim, de auto-ajuda, alguma coisa assim.*

T: E tu chega a olhar a parte de dentro do livro também quando tu vai comprar, pra ver se é mais claro, mais escuro...

E: *Olho.*

T: E aqui na feira tu ficou com vontade de comprar algum?

E: *Eu acabei de chegar.*

T: Então tá. Muito obrigada.

### **Entrevista 30**

Homem, 19 anos.

Escolaridade: Ensino médio completo.

Área de interesse:

Engenharia.

T: Gosta de ler livros?

E: Gosto.

T: De que tipo?

E: Ficção.

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: Ah, uma história interessante, geralmente, uma história que te prenda, que não seja muito maçante, que não se torne uma coisa chata de ler.

T: Daí tu te interessa por um livro porque tu ouviste falar dele, ou tu olha a capa, te chama a atenção?

E: Eu procuro indicações.

Olho algum livro que eu não conheço ainda, leio a sinopse do livro; é assim que eu escolho meus livros.

T: Já te aconteceu de tu comprar um por causa da capa?

E: Já e não gostei.

T: Qual foi o livro, tu te lembra?

E: Bah, se eu não me engano, Fortaleza Digital, do Dan

Brown; eu não me agradei muito dele.

T: E tu pegou por causa da capa o que te chamou a atenção na capa, tu sabe dizer?

E: Ah se eu não me engano a capa tem...

T: Não é uma coisa verde?

E: Isso. É uma coisa verde assim, eu não me lembro muito direito, mas a imagem assim, parecia ser uma coisa bem legal, uma coisa meio "matrix" assim na capa.

T: E tu chega a olhar a parte de dentro do livro quando tu vai escolher?

E: Sempre.

T: Tu vê o tipo de papel ou só o conteúdo?

E: Não, eu quero escolher um livro bom, que dure, né? Não adianta a gente comprar um livro que não vá durar muito tempo.

T: E aqui na feira tu ficou com vontade de comprar algum?

E: Não, eu tô procurando agora, dele, que todo mundo fala, que é por indicação do meu irmão, que é: O ponto de

impacto, que diz que é melhor que Fortaleza Digital.

T: Aí tu já tá procurando esse livro. Nenhum outro te interessou?

E: Não, não, eu já tô procurando os livros certos, que vêm por indicação.

T: Então, tá. Muito obrigada.

### Entrevista 31

Mulher, 17 anos

Escolaridade: cursando ensino médio

Área de interesse: História

T: Gosta de ler livros?

E: Gosto.

T: De que tipo?

E: Ficção histórica.

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: A caracterização dos personagens, a época do livro, o autor também, se eu já conheço.

T: Quantos livros você lê, em média, por ano?

E: Cinco livros.

T: Alguma vez tu já comprou por causa da capa dele?

E: Não.

T: E tu chega a olhar a parte de dentro do livro quando tu vai comprar?

E: Vejo.

T: Tu vê só pra ver o conteúdo, ou tu vê o tipo de papel, a letra

E: Eu vejo mais pra ver o conteúdo, mas às vezes a gente acaba percebendo também o tipo de papel

T: E aqui na feira tu ficou com vontade de comprar algum?

E: Fiquei.

T: Qual?

E: Aquele ali: "A Guerra dos Mundos Emersos".

T: E por que tu ficou com vontade de comprar esse livro?

E: Eu vi a parte de trás do livro e achei interessante.

T: Mas antes de tu pegar ele e ver a parte de trás?

E: A capa.

T: Algum elemento em especial da capa?

E: Muito colorido.

T: Então tá. Muito obrigada.

E: De nada.

### **Entrevista 32**

Homem, + de 40 anos.

Escolaridade: Superior

Área de interesse: Direito

T: Gosta de ler livros?

*E: Só os que me interessam e não é de Direito, é sobre bebidas agora. Eu procuro tudo sobre bebidas.*

T: Sobre fazer bebidas?

*E: Eu tô fazendo uma fábrica de bebidas. Pra mudar meu ramo total.*

T: E o que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

*E: O que me chama é a bebida, como é um negócio novo que eu não conheço, né? Então tô começando. Sou velho, mas tô começando. Então tudo que interessa sobre a bebida, como fazer, estudo tudo sobre a bebida. Eu procuro isso aí.*

T: Alguma vez você já comprou algum livro pela capa te chamar a atenção?

*E: A capa é importante. A capa te chama atenção, mas o conteúdo é que tu vê a capa e o conteúdo tu vai ver pela*

*capa. Mas no meu negocio, se tiver um sobre a destilaria, eu vou na destilaria, eu já tenho uma tonelada de livro disso, tá? Então eu tô estudando pra ver se eu gosto. Licores, então eu vejo sobre licores, então eu tô procurando. A capa é importante porque chama a atenção, mas o conteúdo pra mim, é mais importante ainda.*

T: E tu dá uma olhada na parte de dentro do livro antes de comprar?

*E: Ah, sim, sim.*

T: E tu olha só pra ver o conteúdo, ou tu olha pra ver o tipo de material

*E: Eu olho pra ver se serve pra mim, porque tem livro que é só conversa fiada; então eu quero o mais certo, que sirva pra mim. O meu conteúdo é mais pra prática; então não é pra estudo, é prática. Eu tô fabricando bebida, então, tem que ser coisas pra bebida pra pessoas que não entendem nada. Eu não entendo nada disso, então, eu tô descobrindo o livro.*

T: E aqui na feira já teve algum

que te chamou a atenção?

*E: Eu achei um aqui, que hoje a minha mulher me falou: "Ó tem um negócio sobre aquele, como que é? Que cura tudo, teve uma propaganda na televisão, que apareceu o livrinho, sobre o..." que me chamou a atenção.*

T: E o que te chamou a atenção nesse livro?

*E: Me chamou a atenção e eu vi isso aqui, ó, linhaça! O meu negócio é voltado pra saúde agora. Depois dos sessenta, tu te preocupa com os cem, então tudo que é a favor da saúde e tu pode usar pra beber eu compro.*

T: Então não teve nenhum que o senhor comprou que foi a capa que te chamou a atenção?

*E: Não, a capa não, não, eu não compro pela capa, eu compro pelo que me interessa. Às vezes tem um livro muito bonito, que tu olha assim, umas letras bem grandes que é pra ter bastante volume. Aí o preço é caro; então nem sempre o preço caro é bom,*

*ou, às vezes o preço é caro, mas é muito técnico e não serve pra mim. Então tem que ser um meio termo, pra mim.*

T: Então tá. Muito obrigada.

### **Entrevista 33**

Mulher, 24 anos.

Escolaridade: Superior completo

Área de interesse: Design Gráfico

T: Quantos livros você lê, em média, por ano?

*E: Ai não sei*

T: Uma média, um, dois?

*E: Não, deve ser tipo é que agora tá meio fraco, mas tava uma média de dez... ta, mas de que tipo?*

T: Que tu goste.

*E: Porque se for considerar todos os livros que a gente lê porque tem que ler, é, deve dar uns dez, por aí...*

T: E que tu gostava de ler?

*E: Tudo eu gosto, é que uns é meio por obrigação, e outros*

T: Quais são os tipos de livros que tu gosta de ler?

*E: Eu gosto dos livros Best-seller, eu leio livros*

*de autobiografia de irmãs siamesas [risos] sei lá, esse tipo de livro assim, romance.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: *É quem escreveu, quem falou sobre, e é, é isso, principalmente isso.*

T: Alguma vez tu já comprou por causa da capa?

E: *Já e me dei mal também.*

T: Qual? Tu te lembra?

E: *Não. Não lembro nenhum que eu tenha me dado mal, mas eu já me dei mal por causa capa, e já me dei bem também; um que o nome era ruim e a capa era boa e aí eu comprei por causa da capa.*

T: E tu olha o miolo do livro quando vai comprar?

E: *Olho.*

T: E tu olha pra ver o conteúdo ou pra ver o...

E: *Olho pra ver o design! O conteúdo eu leio atrás.*

T: E aqui na feira tu já ficou com vontade de comprar algum?

E: *Sim. Eu tô tentando me lembrar o nome, mas a capa*

*era vermelha.*

T: E o que te chamou a atenção nele?

E: *Tipo, coisa que me deixava assim, que eu não sabia o que era que tinha dentro. Ahn, uma coisa que o Fernando comentou, que os livros, esses agora, dos vampiros que tão bombando assim, né, que as capas do começo eram tri massa, e agora eles lançaram uma, tipo, tri promocional, assim, tipo os carinhas e tal, e daí meio que estragou o negócio. Então, capa tipo, as anteriores com elementos muito simples e que poderiam suscitar muitas coisas é o que me chama a atenção.*

T: Então tá bom. Muito obrigada.

### **Entrevista 34**

Homem, 30 anos.

Escolaridade: Superior completo

Área de interesse: Design Gráfico

T: Gosta de ler livros?

E: *Gosto. Gosto muito.*

T: De que tipo?

E: *Desde livro técnico, romance, algum policial, depende.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: *A história. Geralmente eu compro pela história. E livro técnico pelas minhas áreas de interesse, design editorial, fotografia*

T: Que tu escuta falar...

E: *É, às vezes eu leio resenha, ou conheço o título e termino comprando pra ler.*

T: Alguma vez tu já comprou por causa da capa?

E: *Não, mas já deixei de comprar por causa da capa. Tem a edição e aquela capa estraga. Aquelas capas da Martin Claret são lamentáveis, profundamente lamentáveis.*

T: E tu olha a parte de dentro do livro quando vai comprar?

E: *Olho; sempre.*

T: Pra ver o conteúdo ou pra ver as páginas e letras?

E: *Os dois. Pra ver o conteúdo e pra dar uma olhada no é o mal de quem é da área.*

T: Quantos livros você lê, em

média, por ano?

E: *Em torno de oito, nove ou dez eu leio vários livros ao mesmo tempo.*

T: E aqui na feira tu ficou com vontade de comprar algum?

E: *Não, ainda não. Eu tô com a minha leitura muito atrasada pra ficar com vontade de comprar mais um. Mas vontade a gente sempre tem, né? Sempre que vem fica com vontade de comprar um livro ou outro. Eu vi uma edição do "Em nome da Rosa", do Humberto Eco, que tá bem bonita, que fiquei bem a fim de comprar, porque a minha edição tá muito velha e é muito simples e tal.*

T: E o que te chamou a atenção nessa edição?

E: *Eu gostei muito da capa nova que fizeram e até tem uns comentários do diretor do filme que passou ali e eu vi, mas acho que não vou comprar.*

T: Algum elemento em especial?

E: *Não, só a capa assim, porque ela faz referências à*

*história e a capa que eu tenho é só texto assim; é daquelas edições mais baratas.*

T: Então tá bom. Muito obrigada.

### **Entrevista 35**

Mulher, 25 anos.

Escolaridade: Superior completo.

Área de interesse:

Arquitetura

T: Quantos livros, mais ou menos, tu lê por ano?

*E: Por ano...acho que uns sete.*

T: E tu lê porque tu gosta ou por causa da profissão?

*E: Tem uns que é por obrigação e outros que é porque eu gosto.*

T: Qual é o tipo de livro que tu mais gosta?

*E: Romance e os da área de arquitetura.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

*E: A capa.*

T: E tu olha a parte de dentro do livro quando vai comprar?

*E: Eu olho o tamanho da fonte. Se for muito próxima, eu já*

*acho que vai ser cansativo e nem compro.*

T: Qual foi um livro que tu comprou pela capa, que te marcou assim, o que te chamou a atenção para comprar aquele livro?

*E: O que que foi?... Acho que o livro "Espaços de Esperança" porque a imagem tinha uma linguagem muito poética e tinha a ver com o título.*

T: E aqui na feira tu já ficou com vontade de comprar algum?

*E: Já, mas eu não vou me lembrar o nome.*

T: E por que te chamou a atenção?

*E: Pela imagem... e pelo título, que deve ser uma coisa aí eu fui pra sinopse e vi que a história pode ser interessante. É um romance.*

T: Então tá. Muito obrigada.

### **Entrevista 36**

Mulher, 27 anos.

Escolaridade: 3º Grau completo.

Área de interesse: Letras, Habilitação em Inglês.

T: Gosta de ler livros?

*E: Adoro ler.*

T: Quantos livros, mais ou menos, tu lê por ano?

*E: Por ano? Ah, hoje em dia eu tô na média de um livro por mês, então doze.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

*E: A temática, o estilo discursivo, o estilo do autor chama bastante atenção e eu vou muito por autor também. Se eu gosto de um autor eu tendo a ler todos os livros dele.*

T: Qual é tipo de livro que tu gosta?

*E: Eu gosto de romance, principalmente focado em ficção científica e gosto de alguns livros técnicos também da área de física e da minha área, é claro.*

T: Alguma vez tu já comprou um livro por causa da capa dele?

*E: É acho que não, ou se foi, não me marcou, assim; o título sim, a capa não.*

T: E quando tu compra um livro tu chega a olhar dentro

dele pra ver o tipo de letra, o papel?

*E: Sim, olho, presto bastante atenção.*

T: E aqui na feira tu ficou com vontade de comprar algum?

*E: Não, porque como eu ainda tô sem dinheiro, então não olhei nada, pra justamente não ter vontade de comprar.*

T: Então tá. Muito obrigada.

### **Entrevista 37**

Mulher, 33 anos

Escolaridade: 3º Grau, Pós-graduada.

Área de interesse: Biologia.

T: Gosta de ler livros?

*E: Sim.*

T: De que tipo de livro?

*E: Eu gosto de livros de literatura, mas atualmente, como eu trabalho com biologia e eu sou professora, eu acabo lendo livros mais da minha área, Biologia, do que lendo literatura.*

T: Mas tu lê porque tu gosta ou porque tu têm que ler?

*E: Eu gosto, mas boa parte é obrigatória, mas nas horas vagas é literatura.*



T: Quantos livros, mais ou menos, tu lê por ano?

E: *Por ano? Posso pensar um pouquinho?*

T: Pode.

E: *Literatura, daí, dá uns cinco livros, que eu acho pouco, bem pouco.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: *Na hora de escolher é principalmente é o autor, atualmente eu procuro pelo autor. Por exemplo, agora eu quero ler um do Saramago, porque eu não li nenhum livro do Saramago, então vou atrás desse.*

T: Alguma vez tu já comprou por causa da capa do livro?

E: *Já.*

T: Lembra qual foi?

E: *Aí, qual foi?...eu não vou lembrar, mas já.*

T: E tu te lembra o que foi que te chamou a atenção nessa capa?

E: *Eu gosto de capa vermelha. Isso me chama muito a atenção. Quando a capa é vermelha eu bato o olho.*

T: E quando tu escolhe um livro tu dá uma olhada dentro do livro?

E: *Não.*

T: E aqui na feira ficou com vontade de comprar algum?

E: *Como é que é," Mil filmes para ver antes de morrer", mas também é uma coisa que eu já tava procurando e eu acabei de chegar.*

T: Então tá. Obrigada.

### **Entrevista 38**

Mulher, 28 anos.

Escolaridade: 2º Grau

Área de interesse:

Educação Física.

T: Gosta de ler livros?

E: *Gosto.*

T: De que tipo?

E: *Livro espírita.*

T: Quantos livros, mais ou menos, tu lê por ano?

E: *Olha, por ano não sei te dizer, mas por mês, eu leio dois por mês.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: *Ah o conteúdo dele.*

T: Então tu já vai pra livraria

sabendo mais ou menos o que tu quer comprar?

E: *Sim, sim.*

T: Alguma vez você já comprou algum por que a capa te chamou a atenção?

E: *Não. Sempre pela história.*

T: Tu sempre ignora a capa e vai direto pra a parte de trás do livro?

E: *É sempre pela história. Eu olho a capa e tudo, mas o que eu vejo mesmo é a história.*

T: E quando tu escolhe um livro tu dá uma olhada dentro do livro? Pra ver o conteúdo ou o tipo de letra?

E: *Se der pra dar uma olhada, eu olho.*

T: E tu olha pra ler a história, ou pra ver o tipo de letra, o papel?

E: *Não, pra ler a história, pra ver que tipo de história é.*

T: Ficou interessada em algum aqui da feira?

E: *Em todos das livrarias espíritas, os da Zíbia, principalmente, que eu adoro, né? Já tenho uns quantos dela, mas eu adoro a Zíbia. Se puder, eu compro todos dela.*

T: Então tá. Muito obrigada.

### **Entrevista 39**

Mulher, 28 anos.

Escolaridade: 2º Grau completo

Área de interesse:

Enfermagem

T: Gosta de ler livros?

E: *Bastante.*

T: De que tipo?

E: *Principalmente espírita. Nada mais me prende a atenção. Infelizmente, ou felizmente, é só espírita.*

T: Quantos livros você lê, em média, por ano?

E: *De um a dois por mês. Quando tenho tempo no trabalho... leio mais no trabalho do que em casa.*

T: O que mais lhe chama a atenção na hora de escolher um livro?

E: *Geralmente é por alguma indicação, mas eu procuro dar uma olhada na capa, se for bonita e chama a atenção; daí eu olho o final, o resumo; daí se ela boa, a gente até pensa em comprar.*

T: E tu chega a olhar a parte

de dentro do livro também  
quando vai comprar ou não?

*E: Geralmente eu olho no final,  
o resumo dele. Por ali eu tiro  
uma idéia.*

T: Já comprou algum por causa  
da capa?

*E: Não, na verdade não. Eu  
gosto é do conteúdo do livro  
mesmo.*

T: E aqui na feira tu ficou com  
vontade de comprar algum?

*E: Dentro do espiritismo,  
vários.*

T: Nenhum em especial?

*E: “Laços eternos”, da Zíbia.*

T: Por causa que é da Zíbia?

*E: Não, tem outros escritores  
bons também, que eu nem  
conheço, mas dei uma olhada  
na história assim.*

T: Então tá. Muito obrigada.

#### **Entrevista 40**

Mulher, 17 anos.

Escolaridade: Ensino  
médio incompleto

T: Gosta de ler livros?

*E: Não.*

T: Nem um pouco?

*E: Não.(risos)*

T: : Então tá. Obrigada.

Este volume foi projetado por Thaís Sehn. Seu miolo foi impresso à laser em *Couche* Fosco 115g/m<sup>2</sup> na gráfica expressa Graphos. As principais famílias tipográficas utilizadas foram DejaVu Sans e DejaVu Serif. A capa foi projetada e impressa em serigrafia sobre tecido por Thaís Sehn. A encadernação ficou a cargo da Oficina de Livros Galhardi.

A tiragem é de 6 exemplares.

Críticas, sugestões e comentários:  
[crisehn@hotmail.com](mailto:crisehn@hotmail.com)